



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a inauguração da República Terapêutica e do Consultório de Rua para Dependentes Químicos e outras ações relacionadas ao Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack**

**São Bernardo do Campo-SP, 1º de outubro de 2010**

Bem, primeiro, eu queria aproveitar este momento, antes de falar da política de Saúde, e dizer para vocês que hoje é Dia do Idoso. Nós temos Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Criança, e hoje, Marinho, é o Dia...

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** Hoje tem um show no Cedesc, às 18 horas (incompreensível).

**Presidente:** Onde?

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** No Cedesc.

**Presidente:** Cedesc?

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** É.

**Presidente:** Fala aí, Marinho.

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** Presidente, permita aqui. Eu esqueci de falar dos idosos e das homenagens aos idosos...

**Presidente:** Porque você não é idoso, Marinho.



**Prefeito de São Bernardo do Campo:** É, estou longe...

**Presidente:** Se você fosse como eu...

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** Estou longe, por isso...

**Presidente:** ...estivesse perto da Terceira Idade...

**Prefeito de São Bernardo do Campo:** ...faltou essa sensibilidade, Presidente. Mas, convidar a todos para um show em homenagem ao Dia do Idoso, hoje, às 18 horas, lá no Cedesc. Está certo, Zé Ferreira? Então, receberemos todos vocês lá, com Demônios da Garoa.

**Presidente:** Aí. Os nossos companheiros da terceira, da quarta, da quinta, da sexta idade... Ô Vavá, você pode ir ao show dos idosos. É só para quem tem mais de 60 anos de idade. Como eu estou com 39, eu não preciso ir à festa do idoso. Mas acho que eu vou lá, porque... Marinho, você vai? Vai dançar? Vamos ver. Eu tenho medo de ir lá e... O meu medo é esse, o meu medo é esse, é ir lá dançar, chega lá "pinta um clima", então é melhor a gente baixar o fogo. É só para gente da terceira idade, que está sem fogo. Quem tem fogo fica em casa, que é melhor.

Então, eu quero cumprimentar o companheiro Marinho,  
Quero cumprimentar o companheiro Temporão, ministro da Saúde,  
O companheiro Padilha, que saiu, aqui, para telefonar,  
Cumprimentar o companheiro Arthur, que é o nosso secretário municipal de Saúde,  
Cumprimentar o Pedro Gabriel Godinho, secretário nacional de Saúde Mental,  
Cumprimentar o nosso vereador Wagner Lino Alves, que está aqui nos



bastidores, está aqui agora,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Ariel de Castro Alves, presidente da Fundação Criança de São Bernardo do Campo.

Cumprimentar o Edgar Rocha de Souza, que falou aqui com vocês, representante dos beneficiários.

Eu não sei, companheiro Temporão, se você se você está vendo ali. Eu estou vendo ali um cara chamado Leon, o nome de um companheiro psiquiatra que veio para cá para ver se não precisa me internar. Ele está me analisando aqui, quando terminar o discurso ele vai fazer sinal se eu vou ou se eu fico aqui mesmo.

Bem, eu não vou ler o meu discurso aqui, porque eu queria falar uma coisa que eu acho importante, ao invés de falar de saúde mental, que o Temporão já falou, que o Arthur já falou. Tudo começa , tudo começa como se nada estivesse acontecendo. Às vezes, a pessoa começa a beber, daqui a pouco, a pessoa, ao invés de beber só socialmente, a pessoa começa a beber todo dia; a pessoa não se dá conta que é alcoólatra, é preciso que a mulher comece a perceber que ele está virando alcoólatra, os filhos começam a se afastar, os vizinhos começam a se afastar, a pessoa começa a virar o chato da vila, o chato da rua, que ninguém quer convidá-lo mais para nada, começa um pouco de violência... Essa violência, às vezes, começa a desestruturar a sociedade através do seu embrião primeiro que é a estrutura da família. Muitas vezes, os filhos apanham, os filhos apanham e vão para rua, e, no sofrimento, as pessoas começam a procurar algo que faça eles esquecerem o sofrimento que está dentro de casa; se for muito jovem, começa a cheirar cola, começa a fumar maconha, começa a ter acesso a cocaína, e agora, agora, uma peste que está aí a matar as nossas crianças, uma droga barata, mas que tem um efeito mortal e mais poderoso, quem sabe, do que qualquer outra droga que é o crack.



Todo mundo já ouviu falar da gravidade do crack, sobretudo porque já não é mais uma coisa que atinge apenas a periferia das grandes regiões metropolitanas, o crack está indo para as cidades pequenas, e o crack está envolvendo crianças, não apenas adolescentes, mas crianças. E o que é grave, companheiro Temporão, acho que foi você mesmo quem me disse isso, é que o crack tem um efeito duradouro que vai de 5 a 15 minutos, é uma coisa poderosa que tem um efeito apenas de 15... até 15 minutos. Então, a pessoa precisa acender vários, vários cachimbos daqueles para poder ficar o dia inteiro “viajando”, o dia inteiro esquecendo os seus problemas. O que é grave é que é uma droga que ainda não se tem todo o conhecimento científico dela que se tem de outras drogas existentes há mais tempo no nosso país, onde já temos uma gama de especialistas para tratar de quase todas elas.

Uma coisa está ficando clara para todos nós: o governo federal, através da nossa Secretaria de Combate às Drogas, o nosso Ministério da Saúde, através do nosso Ministro da Secretaria, nós resolvemos enfrentar de frente esse problema e não ficar transferindo responsabilidade: “Olha, não é problema meu, é um problema do governo do estado. Não é problema meu, é problema da prefeitura. Não é problema meu, é problema do Papa, um problema de Deus”. Nós resolvemos encarar que é um problema do Presidente, é um problema do governador, é um problema do prefeito, é um problema do pai e um problema da mãe, é um problema da sociedade brasileira.

Então, não dá para ninguém fugir do problema, e o que nós fizemos? Juntamos vários ministérios e resolvemos aprovar uma política de combate às drogas em uma parceria com os prefeitos, e colocamos R\$ 420 milhões para fazer convênios com os prefeitos. Qualquer prefeito do Brasil que quiser construir uma república como essa ou uma clínica, o governo federal estará com dinheiro em caixa para garantir que a gente tenha clínica, que a gente tenha os profissionais, e que a gente possa treinar, inclusive os profissionais, para que a gente possa ter a possibilidade de recuperar milhões de jovens



neste país, que estão entrando na droga. Possivelmente, não é mais um problema econômico como era 20 anos atrás, mas é um problema de desagregação da estrutura familiar. E eu, sinceramente, Marinho, concordo contigo: não há como a gente recuperar uma criança se junto a gente não recuperar a família, se junto a gente não recuperar pai e mãe.

Porque a droga, a droga, que vai desde o álcool a tantas outras coisas é como um doente mental, Leon. A família, muitas vezes, quer se livrar do doente. A família não quer cuidar, porque a pessoa virou um problema dentro de casa. Então as pessoas têm vergonha de dizer que “o meu filho é drogado; o meu filho, ele vive bêbado; o meu filho está alcoólatra”. As pessoas têm vergonha. Ninguém tem orgulho de dizer onde trabalha... “Olha, ontem à noite eu descobri que meu filho é alcoólatra. Ontem à noite eu descobri que meu filho fuma, ou cheira”, ou faz qualquer coisa. Ninguém fala isso. A gente vai criando uma redoma de vidro em torno do caso, e vai se trancando, vai se trancando. Então, quando esse filho foge de casa é um alívio. Muitas vezes, é melhor nem saber onde ele está, não é verdade? Muitas vezes, até a prisão parece uma solução, que a família fica satisfeita.

É preciso parar com esse comportamento no Brasil, senão nós não resolvemos esse problema. A família não tem que ter vergonha. Da mesma forma que uma mulher não tem que ter vergonha, quando for agredida pelo marido, de procurar alguém para denunciar, a mãe ou o pai de um drogado não pode esconder esse drogado. É preciso expô-lo para que a gente possa tratar. E depoimento de companheiros como esse, depoimentos de outros meninos são coisas alentadoras, porque permitem a gente enxergar uma luz no fim do túnel, que o bem pode vencer o mal e que a gente pode vencer a droga, e a gente pode recuperar as pessoas, sobretudo a juventude. A gente não pode achar que um menino de 17 anos, 18 anos, 20 anos, 15 anos, 14 anos está perdido. Se a gente achar que um jovem está perdido, na verdade não valeu a pena sequer a nossa passagem pelo Planeta. Nós temos que acreditar, nós



temos que acreditar que é possível recuperar, e recuperar significa tratamento, significa carinho, significa amor, mas significa o Poder Público colocar dinheiro, significa o Poder Público colocar dinheiro, e nós não vemos isso como gasto, Temporão. Isso é importante, que é uma mudança de comportamento. A gente não vê o dinheiro colocado para tratar de um drogado como se a gente estivesse gastando. A gente está investindo no ser humano, a gente está investindo na recuperação de um irmão brasileiro, de um filho deste país, e qualquer coisa e qualquer quantia de dinheiro que a gente colocar, se ele servir para recuperar, nós estaremos fazendo um bem e um grande investimento para este país.

Eu não poderia, Marinho, deixar de dar os parabéns a você, à tua Secretaria de Saúde, porque, veja, faz pouco tempo que nós lançamos o Programa e você foi o primeiro prefeito a assumir, não apenas que vai fazer, mas fazer concretamente. Então, eu quero dizer que eu estou orgulhoso do dia que o povo de São Bernardo elegeu o Marinho prefeito, e vocês vão perceber o que vai acontecer nesta cidade. Ele ainda não tem dois anos de mandato, ele ainda não tem dois anos de mandato, mas o dinheiro que ele já pegou do governo federal, é como se ele estivesse há 30 anos na Prefeitura, porque... Ô gente, é verdade. Havia uma bobagem, havia uma bobagem aqui em São Bernardo e no estado de São Paulo que, pelo fato de ser o Lula o Presidente da República, tinha um partido que não era o partido do Prefeito, eles não faziam nada conosco, nada. Nem emenda parlamentar que colocava dinheiro para São Bernardo eles queriam. O Marinho entrou, esperto... Eu não sei quantos milhões já vieram para cá, mas, certamente, nesses dois anos o Marinho já pegou mais de meio bilhão de reais aqui para São Bernardo do Campo, mais de meio bilhão. E eu acho que São Bernardo merece mais pelo que São Bernardo contribui com a arrecadação para o nosso país e para o estado de São Paulo.

Por isso, Marinho, eu quero te dar os parabéns. Acho que o que você



está fazendo deve servir de exemplo para os outros prefeitos, e acho que o povo de São Bernardo do Campo poderia ser também exemplo para o povo brasileiro. Se alguém souber que tem uma menina, que tem um menino, que está drogado, porque, muitas vezes, os últimos a saber são o pai e a mãe. Às vezes, até sabem, mas fingem que não sabem. Sabe aquele negócio de você não ter coragem de sentar, em casa, e tocar no assunto? Na hora da janta, que você poderia falar: “Escuta aqui, meu amor” – marido falando para a mulher – “Meu amor, escuta aqui, meu amor...”. Amor, ou amorzinho (incompreensível). “Bem, vamos discutir o problema da nossa filha. Eu estou achando ela estranha, eu estou achando que ela está saindo com más companhias”. Porque nós sempre jogamos a culpa nos outros também, uma facilidade de culpar os outros, impressionante. “Está saindo com más companhias, ela é tão boazinha, mas as más companhias podem levá-la a se perder, ou ele a se perder, o filho, se for menino”. Ou seja, não discutem, fingem. A mulher e o homem, eles fingem que não têm o problema.

Então, eu acho que se vocês puderem contribuir com este país e com esta cidade, se souber de alguém que tem problema, telefone, telefone para prefeitura, telefone para a Secretaria de Saúde, e vamos colocar alguém para ir atrás. Vocês viram essa ambulância aí, isso aqui vai andar à noite nas ruas de São Bernardo do Campo. Ela vai pegar os lugares que têm meninos cheirando [fumando] crack, cheirando cola, que têm alcoólatra, que têm prostituta, que têm uma série de coisas... que têm nego tomando picada. Vai chegar um médico lá. Se esse companheiro não atendeu um chamamento nosso para vir ao hospital, somos nós que vamos lá com especialistas para tratar dele, e vamos tentar convencer esse cidadão, que não se apresentou para ser cuidado, a ser cuidado pelo poder público, porque é nossa responsabilidade.

Por isso, meu caro Arthur e meu caro Marinho, parabéns. Parabéns, porque São Bernardo vai sair na foto. Ô, imprensa, São Bernardo tem que sair na foto, porque o que São Bernardo está fazendo hoje é o que todo prefeito do



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Brasil deveria fazer. Da parte do governo federal não faltará recurso para a gente combater e vencer as drogas e o crack neste país.

Um abraço, gente, e parabéns ao povo de São Bernardo e ao povo do Taboão.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração da ampliação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes)**

**Rio de Janeiro-RJ, 07 de outubro de 2010**

Meu caro... Companheiros e companheiras. Tem um frio aqui, gente, que, pelo amor de Deus, parece que eu estou na Sibéria.

Meu caro companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Marcelo Crivella, senador reeleito da República Federativa do Brasil,

Companheiros deputados Jandira Feghali, companheiro Jorge Bittar e Miro Teixeira,

Meu caro companheiro Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Aloísio Teixeira. Já tirei fotografia com a sua secretária, e ela agora vai poder comparar quem é mais bonito, se sou eu ou o Chávez, e ela vai escolher qual a fotografia que vai na cabeceira, assim.

Meu querido companheiro Haroldo Lima, diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, nosso querido presidente da Petrobras,

Meus queridos companheiros diretores da Petrobras, companheiro



Renato Duque, companheiro Paulo Roberto, companheiro Guilherme Estrella, companheiro Almir Barbassa. Esse é importante citar, que ele é da área financeira da Petrobras, é cara que dá aumento, é o cara que tira aumento, é o cara que...

Companheira Maria das Graças Foster, nossa companheira diretora de Gás e Energia,

Companheiro presidente da Petrobras Distribuidora, companheiro Lima.

Companheiro da Transpetro, Sérgio Machado,

Companheiro da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto,

Companheiro Carlos Fraga, gerente executivo do Cenpes,

Companheiro Augusto Chagas, presidente da UNE, que não está aqui presente. Se está aqui presente, eu não tinha visto.

Companheiro Moraes, coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros,

E companheiro Fernando Castelhões, por meio de quem cumprimento todos os companheiros aqui do Cenpes,

Minhas companheiras,

Meus companheiros,

Senhora Ana Paula Fragomeni, Senhor Carlos Pessoa Borges e senhor André Miguez de Mello, familiares de Antônio Sérgio Pizarro Fragomeni, Antônio Seabra Moggi e Leopoldo Américo Miguez de Mello,

Amigos da imprensa,

Amigos do Cenpes,

Amigos da Petrobras,

Amigos empresários,

Amigos flamenguistas, vascaínos, corintianos, fluminenses,

Trabalhadores do Cenpes,

Companheiros pesquisadores,

Trabalhadores da Petrobras,



Meus amigos e minhas amigas,  
Operários e operárias,  
Companheiros e companheiras,

Hoje é mais um dia especial que eu vivo no exercício do mandato de Presidente da República do meu país. Nós estamos vivendo uma fase em que nós estamos colhendo aquilo que foi plantado há algum tempo. E como nós plantamos esperança, nós estamos colhendo agora coisas muito importantes para o futuro do Brasil.

Eu queria lembrar a vocês, porque este ato aqui está dividido, nós acabamos de fazer um ato em que essas coisas foram faladas mais para pesquisadores de várias instituições de pesquisa e aqui é mais para gente do Cenpes e gente da Petrobras e trabalhadores das indústrias que trabalharam aqui, que nós tomamos uma decisão, há algum tempo, que nos permite fazer uma colheita muito boa neste final de mandato. A primeira coisa que nós plantamos quando eu cheguei à Presidência da República, em 2003, foi a proibição de utilizar a palavra “gasto” com investimento em Educação. Eu, nós íamos à uma reunião ministerial, e cada vez que a gente discutia qualquer investimento na área da Educação, a palavra que a gente ouvia era que a gente não poderia gastar em Educação porque tinha outros setores que precisavam de dinheiro e que, portanto, nós tínhamos compromissos, era preciso cuidar da estabilidade econômica, era preciso fazer ajuste fiscal, era preciso olhar as contas porque o FMI estava de olho e que, portanto, a gente não poderia fazer o que tinha de fazer na Educação. Então, nós mudamos essa palavra “gasto” pela palavra “investimento”. O resultado disso é que, quando eu cheguei à Presidência da República, o orçamento do Ministério da Educação era um pouco menos de R\$ 20 bilhões, era 19 bilhões e alguma coisa. E este ano, o orçamento do Ministério da Educação é nada mais nada menos do que



R\$ 70 bilhões. Ou seja, algumas vezes mais aquilo que era investido na Educação.

Mas também, como diz o companheiro Sergio Rezende, na Ciência e Tecnologia, eu fiz um desafio ao Ministério e o Ministério me apresentou uma proposta que nós chamávamos de PAC da Ciência e Tecnologia e essa proposta foi construída sob a coordenação do Ministro Sergio Rezende, mas com a participação de cientistas e pesquisadores do Brasil inteiro, das universidades, da SBPC e de instituições privadas. A ponto de nós fazermos uma proposta de Ciência e Tecnologia, que todo mundo tinha, por unanimidade a convicção de que não era do governo. Porque... o que acontecia quando a proposta era do ministro? Se a proposta fosse do ministro, e o ministro caísse, o outro que entrasse, iria fazer uma nova proposta. Se ele caísse também, entraria outro, e iria ter uma nova proposta. Terminava que o país não teria, nunca, uma proposta de Ciência e Tecnologia.

Pois bem, essa proposta nossa do PAC, que colocou R\$ 41 bilhões para a Ciência e Tecnologia, foi feita pela comunidade científica, foi executada pelo Ministério, mas sobre o controle da comunidade científica, e nós vamos terminar o mandato, orgulhosamente, o Sergio Rezende podendo anunciar, ao mundo e ao Brasil, que nós gastamos cada centavo dos 41 bilhões determinados para a área de Ciência e Tecnologia.

Bem, não é apenas isso que aconteceu e que a gente vai colher agora neste país. Nós estamos aqui inaugurando um centro. Um centro... este microfone aqui está... agora melhorou. Um centro, meu querido Eduardo Paes, meu querido Pezão, este Centro aqui dá a você, como prefeito do Rio de Janeiro, e ao Pezão, como governador em exercício há meia hora, dá a vocês o direito de dizerem ao mundo que o Rio de Janeiro é uma cidade e um estado tecnológico, porque aqui é o maior centro de pesquisa da Petrobras, é o maior centro de pesquisa de petróleo no mundo, do hemisfério sul eu sei que é. Mas acho que tem pouca gente no mundo com laboratório de pesquisa com instituto



de pesquisa como este Cenpes aqui. Ou seja, uma coisa feita com investimento de R\$ 1,2 bilhão, 227 laboratórios, não sei quanto milhares de pesquisadores. O dado concreto é que a Petrobras... ela já vem com uma coisa importante: no dia 24 deste mês... do mês passado, lá na bolsa de valores, em São Paulo, eu tive o orgulho, o orgulho, meu caro magnífico reitor, eu tive o orgulho, um peão metalúrgico, Presidente da República, de participar da maior capitalização já feita na história da humanidade, já feita na história do capitalismo, Léo, eu tive o prazer de ser Presidente na hora em que nós fizemos a maior capitalização do mundo, e essa capitalização elevou o valor da Petrobras, que era apenas o valor de mercado de R\$ 15 bilhões, em 2003, para R\$ 220 bilhões, em 2010... dólares! Reais, não. Dólares!

Pois bem, isso transformou a Petrobras na segunda empresa de petróleo do mundo, só perdendo para a Esso, até agora. Porque o Estrella já está prometendo mais pré-sal. O Estrella disse que depois do pré-sal veio esse petróleo e depois, aprofundando um pouco mais, vai vir um japonêsinho, porque de tamanha profundidade só pode vir um japonêsinho, um chinês, um coreano, ou qualquer outra coisa... Mas, se tiver, nós vamos buscá-lo.

Pois bem, esta empresa chegou ao nível que chegou porque a sua diretoria teve uma visão de futuro que vem, há muito tempo, que teve uma certa paralisia, porque houve um tempo em que a Petrobras parou de investir em pesquisa, diminuiu o investimento em pesquisa, teve um tempo em que a Petrobras não se sentia grande, teve um tempo em que a Petrobras achou que “bom, nós estamos pegando aí 1,6 mil barris diários, está bom. Vamos manter isso aí”. Quando, na verdade, a Petrobras quando resolveu ousar, quando resolveu competir e quando resolveu se comportar como uma empresa de primeira grandeza, ela deu, em oito anos, salto de qualidade que algumas empresas demoraram décadas e décadas, e não conseguiram dar . Esta empresa tinha, não por conta desta diretoria que está aqui, mas por conta de outras diretorias, tinha definido, em momentos passados, que nós não



tínhamos nenhuma vantagem em fazer plataformas aqui, no Brasil, ou fazer navio aqui, no Brasil, que a gente deveria comprar tudo fora, que era mais barato. Às vezes, a Petrobras ganhava US\$ 100 milhões, US\$ 150 milhões na compra de um navio lá em Cingapura, de um navio sonda, ou de uma plataforma.

Pois bem, a pergunta que nós fazíamos, na época, era se compensava a Petrobras ganhar 100 milhões e a gente matar a engenharia da indústria petrolífera deste país, ou matar a engenharia da indústria naval. Eu perguntava, a mim mesmo, e foi motivo de muitas conversas com vários companheiros da Petrobras. Eu perguntava, a mim mesmo, se valia a pena a gente ganhar 100 milhões na importação de uma plataforma e ver milhões de trabalhadores desempregados neste país, ou milhares de trabalhadores sem oportunidade de trabalhar e levar comida para casa. E nós tomamos a decisão: a Petrobras vai pagar um pouquinho mais caro, vai ter componente nacional, mas o povo brasileiro vai sorrir mais, vai trabalhar mais, vai ganhar mais e vai virar mais cidadão.

Hoje, hoje eu tenho a convicção, eu tenho a convicção... Se eu tivesse que morrer agora, eu tenho certeza de que eu morreria tranquilo, porque valeu a pena a gente acreditar no fortalecimento da indústria nacional, na formação de mão de obra nacional, na geração de emprego e na geração de renda, neste país.

Eu vou contar para vocês uma coisa: quando eu assumi a Presidência, em 2003, eu queria trocar um companheiro da Agência Nacional de Petróleo, eu queria trocar. Foi a primeira vez, Estrella, que eu ouvi o seguinte argumento: “Presidente Lula, o senhor vai trocar tal pessoa da Agência?”. Eu falei: “Vou”. E a pessoa me disse: “O mercado não vai gostar”. Foi a primeira vez que eu ouvi dizer que o mercado não ia gostar se eu trocasse um diretor de uma agência. E eu fiquei me perguntando: esse mercado votou em mim? Esse mercado tem título de eleitor? Se esse mercado nunca conversou comigo e eu fui eleito



presidente da República, como é que eu não posso trocar um diretor de uma agência?

Aí, era um sábado... eu vou contar isso, porque é hilariante. No final do mandato, a gente pode... era um sábado, eu descobri que o tal diretor da Agência estava de férias. Mesmo assim, eu mandei chamá-lo. Mandei chamá-lo, levei no meu gabinete e falei: “Companheiro...” Me apresentei para ele: “Eu sou o presidente da República, você é o mercado ou, pelo menos ele tinha nome, não era mercado, ele tinha nome. Se apresentou para mim, e veja o que ele me disse: “Olha, Presidente, tudo o que eu sou na vida, eu devo ao Estado Brasileiro, foi o Estado que me formou, foi o Estado que me fez fazer cursos no exterior e estar bem preparado”. E falou, falou, falou bem da formação dele, falou de tudo e eu ali, com meu diplominha primário, já estava, quase embaixo da mesa. E aí, ele falou assim para mim: “Presidente, o mercado não vai gostar do senhor me tirar”. Eu falei, companheiro, olhe, eu lamento profundamente, mas eu resolvi tirá-lo da Agência. Eu tirei e tinha gente, meu caro Haroldo Lima, você que é hoje presidente da Agência, diretor geral da Agência, tinha gente que fala assim para mim: “Lula, o mercado não vai gostar mesmo”. Sabe o que aconteceu? Nada! A Petrobras cresceu. A Petrobras investiu mais.

Quando eu fui indicar este moço aqui, para diretor financeiro da Petrobras, tinha um outro diretor financeiro, e outra vez, pela segunda vez, me disseram: “Você vai indicar um cara da Bahia, um doutor em Economia da Bahia, que não é do ramo da Petrobras?” - foi isso, Rossetto, que eu ouvi - “para ser diretor financeiro da Petrobras? O mercado não vai gostar”. Conclusão: eu indiquei esse moço para ser o diretor financeiro da Petrobras. No segundo ano em que ele era diretor financeiro, o mercado o elegeu como o melhor diretor financeiro de todas as indústrias de petróleo do mundo.

Tem várias outras histórias que eu não vou contar. É só para dizer para vocês, que era preciso desmistificar algumas coisas que foram colocadas na mesa de debate deste país. Houve um tempo em que eles diziam: “Tudo o que



é do Estado não presta. Tudo o que é privado é bom”. Não era nem verdade para o privado e nem verdade para o Estado. Nem tudo do privado é bom e nem tudo do Estado é ruim. Se a gente juntar o que é bom do privado com o que é bom do Estado, a gente faz uma parceria, e aí, é bom-bom do Brasil. Não é o bom-bom nem do privado, nem do Estado.

Pois bem, agora, na crise econômica mundial, na crise econômica mundial, quando teve a crise do *subprime* nos Estados Unidos, que é a crise imobiliária, que pegou os Estados Unidos e a Europa, qual foi o país que se saiu melhor? Foi o Brasil. Sabe por quê? Por causa do Estado, porque a gente tinha... No Brasil, a gente tinha BNDES, a gente tinha Caixa Econômica Federal. E foram esses bancos públicos que salvaram o crédito, neste país, quando o setor privado estava com medo do terrorismo causado no mundo inteiro.

Pois bem, nós sobrevivemos, sobrevivemos. Quando eu disse que era uma “marolinha”, eu fui achincalhado, e foi uma marolinha. Se a indústria automobilística brasileira não tivesse tido o medo que teve, no mês de novembro e dezembro, a gente não precisaria ter o desemprego que nós tivemos. Mas nós, já em fevereiro, voltamos a bater recorde de produção de automóveis neste país. E, portanto, este ano, nós estamos com a inflação baixa, estamos crescendo a mais de 7%, vamos gerar mais de 2 milhões de empregos, somente este ano, vamos terminar o mandato com 15 milhões de empregos gerados, com carteira profissional assinada, neste país. E com a inauguração do Cenpes, que vai poder dizer: “Nunca antes, na história deste país, alguém sonhou que a Petrobras poderia ter o maior centro de pesquisa do hemisfério sul e um dos maiores do mundo”, como ninguém nunca sonhou com muita coisa neste país, porque a elite que dirigia este país, ela não sonhava, ela tinha pesadelo, ela era subordinada ao FMI, ela era subordinada a tantas outras coisas.

Governante, governante que não sonha não transmite esperança.



Governante que governa apenas com pragmatismo da cabeça, e não com o sentimento do coração, governante que só olha números estatísticos e que não percebe que por detrás de cada número tem uma mulher, um homem, uma criança, um aposentado, tem um ser humano, o governante que não enxerga isso, não está preparado para governar este país.

Por isso, companheiros e companheiras, é com muito orgulho, é com muito orgulho que, se a Petrobras, um dia, permitisse, eu só ia andar no mundo assim, com essa camisa da Petrobras, essa amarela, que ela, primeiro, ia confundir que eu fosse da Seleção Brasileira, segundo, ia ver, lá, o nome do Brasil, eu ia dizer: “Sabe de onde eu sou? Da Petrobras”. Agora, eu chego aqui e dou uma de doutor.

Imagina... não sei se a Marisa está vendo na TV, lá. Está vendo, Stuckinha? Eu, aqui, de avental, e ela está pensando: “Se o meu baianinho fosse doutor, que bom seria, que bom seria. Mas mesmo ele não sendo, eu gosto dele”. Porque o que é importante não é se a gente é ou não é doutor. O que é importante é se a gente tem compromisso ou não tem compromisso, se a gente gosta deste país ou não gosta deste país, se a gente tem autoestima ou não tem autoestima, e se a gente quer ver a sociedade brasileira crescer ou se a gente quer ver ela ser tratada como se fosse de segunda categoria.

Portanto, Petrobras, eu tenho orgulho de ser Petrobras, eu tenho orgulho de ser Cenpes, e tenho um profundo orgulho. Eu, apesar de oito anos de Presidência da República, eu ainda me emociono quando ouço o Hino Nacional Brasileiro, ainda. E é isso, é isso que nos faz ter autoestima: é a gente gostar, em primeiro lugar, de nós mesmos, é a gente gostar da nossa cidade, da nossa rua, do nosso vizinho, é a gente gostar do nosso país, é a gente gostar do nosso trabalho, é a gente fazer as coisas com prazer, com amor.

Eu cansei de ser tratado como se fosse de segunda classe ou vira-latas, não sou. Eu quero ser tratado, quero andar de cabeça erguida, quero respeitar e quero ser respeitado. E este país nunca mais vai baixar a cabeça para



ninguém, quem quer que seja.

Nós, nós aprendemos uma coisa na vida, nós aprendemos uma coisa na vida: nós aprendemos a andar de cabeça erguida neste país, aprendemos. E nós não queremos, nunca mais, que ninguém venha de fora para dizer o que a gente quer fazer. A gente está disposto a discutir com todo mundo, mas vir de fora dizer o que a gente tem que fazer, nós não queremos mais. Hoje, nós temos o que ensinar para eles, como é que eles devem fazer as coisas. Hoje nós temos, com muita humildade, que ensinar para eles.

Portanto, meus companheiros da Petrobras, meu companheiro diretor do Cenpes, meus companheiros trabalhadores da Petrobras, empresários aqui presentes, operários aqui presentes, meus companheiros, eu agradeço a Deus, porque ele foi muito generoso comigo e está sendo generoso, permitindo que eu governasse o Brasil e que terminasse o meu mandato numa relação carinhosa com o povo brasileiro, vendo, no olho de cada um de vocês, o prazer de ter conquistado um passo a mais na vida de vocês.

Parabéns e até, até a Petrobras se transformar na primeira empresa de petróleo do mundo. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de batismo da Plataforma P-57**

**Angra dos Reis-RJ, 07 de outubro de 2010**

Eu quero, primeiro, dizer que eu fiquei com água na boca quando aquele champanhe estourou lá, e o meu pessoal, em vez de colocar champanhe aqui, colocou água. Espero que outras pessoas tenham um cerimonial mais inteligente.

Mas, meu querido companheiro Sérgio Cabral, e meu querido companheiro Pezão, eu não poderia começar o meu pronunciamento aqui sem dar os parabéns ao povo do Rio de Janeiro, ao povo de Angra, aos trabalhadores, pela reeleição do companheiro Sérgio Cabral a governador do Rio de Janeiro. Eu acho que o Sérgio é uma experiência extraordinariamente bem-sucedida no Rio de Janeiro e acho que a continuidade do Sérgio Cabral por mais quatro anos vai, não apenas consolidar um conjunto de coisas que estão acontecendo no Rio de Janeiro, como vai torná-lo um político muito mais maduro do que ele é hoje. Então, parabéns ao povo do Rio de Janeiro pela eleição do companheiro Sérgio Cabral e do Pezão. Eu, como pernambucano e meio paulista, mas, sobretudo como brasileiro, estou feliz porque virei muitas vezes ao Rio de Janeiro e eu quero ter um amigo governador, e não um adversário como governador.

E depois eu quero cumprimentar os meus ministros, Sergio Rezende e o companheiro Luiz Dulci,

Quero cumprimentar o senhor Chow Yew Yuen, embaixador de Cingapura no Brasil e presidente do Conselho da Keppel,

Quero cumprimentar o companheiro Dornelles e o companheiro Crivella, senadores,

Quero cumprimentar os deputados federais Edmilson Valentim e Luiz



Sérgio,

Quero cumprimentar o Artur Otávio Scapin, prefeito de Angra,

Quero cumprimentar o Marco Antônio Almeida, secretário de Petróleo e Gás do Ministério de Minas e Energia,

Quero cumprimentar o nosso companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Júlio Bueno, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Energia e Indústria [Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços]. Eu não vi o Júlio Bueno por aqui. Ah, está aqui do lado.

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da Área de Abastecimento da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Guilherme Estrella, diretor da Área de Exploração e Produção da Petrobras,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da Área de Energia da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Renato de Souza Duque, diretor da Área de Serviços da Petrobras. Não sabia que eras Renato, sabia só que era Duque,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Machado, que já me convidou para, no próximo dia 19 de novembro, voltar ao Rio de Janeiro para inaugurar um navio lá no Estaleiro Mauá, um navio de 50 mil toneladas,

Quero cumprimentar o companheiro Miguel Rossetto, que é o responsável pela Petrobras Biocombustível,

Quero cumprimentar o Ariovaldo Rocha, presidente do Sinaval,

Quero cumprimentar o companheiro Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Paulo Ignácio, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Angra dos Reis e Região,



Quero cumprimentar os queridos companheiros René-Louis de Carvalho e Raúl de Carvalho, filhos da Renée e do Apolônio de Carvalho,

Quero cumprimentar o prefeito Zezé Porto, de Paraty, e Raul Machado, de Rio Claro,

Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes,

Quero cumprimentar “não sei quem mais”,

E é o seguinte. Não, e é o seguinte. Eu falei do Sérgio Cabral, eu falei do Sérgio Cabral. Aqui na minha nominata o Paulo Hartung é o segundo governador; eu pulei [o nome do Paulo Hartung] para falar do Pezão, e não voltei mais no companheiro Paulo Hartung. Eu quero dizer para vocês que o Paulo Hartung é outro companheiro de extrema competência, de extrema qualidade, e eu acho que o Rio de Janeiro e o Espírito Santo estão de parabéns. Ele, porque não só foi bem-sucedido como governador, mas reelegeu o companheiro Casagrande, do PSB, para governador com 83%, e vamos depois discutir, na vida, o que esse companheiro vai fazer. Certamente, será meu ajudante nas pescarias que o Sérgio Cabral vai arrumar para a gente fazer quando a gente não tiver mais o que fazer.

Mas, companheiros e companheiras, eu vou ser breve porque o meu discurso, aqui, está muito longo, e eu vou tentar ser curto, aqui. Eu estou com fome e vocês também, e eu ainda tenho que ir... eu tenho que ir ao aeroporto ainda, para ir visitar o Centro de Pesquisas da Petrobras. Então, nós estamos um pouco atrasados.

Dizer para vocês o seguinte. Quando a gente começa a olhar o que era este Estaleiro aqui, na década de 70, e depois a gente olha o que foi este Estaleiro da década de 70 até 2003, a gente começa a imaginar quanto tempo este país perdeu com gente governando este país, que não pensava corretamente neste país. Quando nós compramos a briga para que a gente voltasse a construir plataformas e navios no Rio de Janeiro, não era apenas



que a gente não queria que trabalhadores de outros países produzissem aquilo que nós queríamos produzir. É que um país que não exercita a capacidade intelectual do seu povo, que não exercita a capacidade profissional da sua gente é um país que vai sendo tratado como se fosse um país insignificante, porque o país não tinha mais Engenharia Naval, como não tem Engenharia Ferroviária, como não tinha mais engenheiro civil.

O país foi se autodestruindo, e trabalhadores especializados aqui, de Angra dos Reis, em vez de estarem construindo navios ou plataformas em qualquer lugar do Brasil, estavam vendendo cerveja, dentro de isopor, nas praias do Rio de Janeiro. Homens profissionalmente formados, homens que tinham o hábito de trabalhar e levar para casa, no final do mês, o sustento da sua família, pela sua formação profissional, pela sua capacidade. Isso acabou, e nós, então, resolvemos que era possível reconstruir.

E a primeira coisa que a gente teve que fazer era despertar um pouco de espírito de nacionalismo em cada um de nós; a gente gostar um pouco mais dessa bandeira verde e amarela e, gostando dela, a gente gostar mais da gente, acreditar mais na gente, porque nós fomos aprendendo que nós não tínhamos (falha no áudio) para fazer nada. É melhor a gente importar, era melhor a gente comprar de fora, ficava mais barato. A Petrobras iria ganhar US\$ 100 milhões em uma exportação de uma sonda ou 150, ou 40, não importa (falha no áudio). Mas cada plataforma que a gente construísse lá fora, cada emprego que a gente fizesse lá fora, quantos adolescentes a gente estaria permitindo que fossem encaminhados para a criminalidade neste país, por falta de perspectiva de estudo, por falta de perspectiva de trabalho? Porque é a falta de oportunidade, é a falta de chance, é a falta da esperança que, muitas vezes, leva um pai ao desespero, leva um adolescente ao desespero. E o nosso papel era recuperar a dignidade de quem já teve dignidade, era recuperar a capacidade de produzir de quem já tinha produzido. E não foi uma briga fácil.



Eu vim aqui – o Luiz Sérgio era prefeito de Angra – eu vim aqui algumas vezes a convite dele, fiquei na casa da Lia. Eu vi até o Freitas por aí. Vamos ver se ele ainda me convida, quando eu não for mais presidente, para andar naquele barquinho mequetrefe que ele tinha aqui, vamos ver. Esse cara me arrumou uma casa na Ilha Grande que não tinha nem luz elétrica, nem luz elétrica. Tinha uma geladeira a gás que não funcionava, mas eu não reclamei porque, dado, até injeção na testa a gente tem que agradecer. E foi aqui que eu pude conhecer Angra, a beleza de Angra, porque... não pesquei... pescava sardinha todo dia e fazia panelada de sardinha na panela de pressão, quando ele ia lá para limpar.

Mas eu passava por aqui para ir... Onde é que tem uma marina aqui? Um lugar... eu passava por aqui, era um lugar que eu tinha que passar. Esses trilhos que a gente vê agora, esses guindastes, era cheio de grama embaixo, mato. Não tinha mais cheiro de trabalhador, não tinha mais um sinal da bota de um peão, de uma companheira, não tinha. Era abandono, era descrédito, era o Brasil que acreditava que tudo tinha que vir de fora, porque fora produzia mais, melhor, mais barato, e que nós tínhamos que ser tratados como cidadãos de segunda classe. O que nós fizemos foi apenas dizer ao mundo: Nós não somos melhores do que ninguém. Nós queremos apenas ter o mesmo direito, a mesma oportunidade, para a gente provar que o metalúrgico brasileiro é tão competente quanto o metalúrgico de Cingapura, do Japão, da Coreia, da Noruega, dos Estados Unidos e de qualquer lugar do mundo.

Agora, eu duvido que tenha, em algum lugar do mundo, trabalhador mais criativo do que o brasileiro, duvido, duvido. Eu duvido, porque eu conheço muita gente pelo mundo. Eu duvido que tenha alguém que trabalhe com [mais] amor pelo que faz do que o trabalhador brasileiro, quando ele está motivado.

Ô companheiro Sérgio, você hoje governa um estado que não é mais um estado que aparece nas primeiras páginas de jornais dizendo da violência, da droga, da bandidagem, porque você teve coragem de fazer o que outros não



tiveram, de provar que é possível a gente fazer as favelas do Rio de Janeiro se transformarem em bairros, em lugares de paz, porque a maioria é trabalhador (falha na gravação) e, portanto, quer viver em paz.

Você, hoje, governa um estado que não aparece mais nas páginas policiais como aparecia antes. Lógico que tem criminoso, lógico que tem bandido, mas eu estou convidando vocês para subirem comigo, um dia, e com o Sérgio a favela de Manguinhos, o Complexo do Alemão, Pavão-Pavãozinho, para vocês perceberem que nós estamos dizendo para aquele povo de lá: Nós não vamos mandar para cá a polícia apenas para bater. A polícia vai vir para cá para bater em quem tem que bater, proteger quem tem que proteger, mas o Estado tem que trazer para cá cultura, educação, emprego e decência. E é o que nós estamos fazendo nas favelas do Rio de Janeiro e, se Deus quiser, vamos fazer nas favelas de todos os estados brasileiros, porque a favela é o descaso e o desgoverno de muita gente que governou este país nos anos 60, nos anos 70 e nos anos 80, que não construíram casas, que não fizeram saneamento básico, que não geraram empregos.

Poderia perguntar para os empresários aqui, da indústria naval, poderia pegar os empresários da indústria da construção civil. As empresas brasileiras não ganhavam mais dinheiro no Brasil, ganhavam fora, em Miami, na Líbia, na Arábia Saudita, no Kuaite, no Peru, na Colômbia, na Venezuela, e em vários países do mundo, mas o Brasil não tinha obra. Hoje não tem pedreiro, hoje não tem armador, hoje não tem azulejista, porque nós resolvemos recuperar a construção civil deste país. Eu tenho a convicção... o companheiro Ignácio estava falando da indústria metalúrgica. Só de metalúrgicos, no Brasil, nós recuperamos 600 mil postos de trabalho. Seiscentos mil postos de trabalho que não existiam mais neste país, nós recuperamos. E não foi apenas a indústria naval, foi a indústria siderúrgica, foi a indústria automobilística que estava caindo pelas tabelas, que hoje nós recuperamos. E tem muita gente que reclama do trânsito, mas eu fico feliz da vida quando eu vejo um peão comprar



o seu primeiro carrinho. Eu vejo... Era uma... Ah, quem é rico não sabe, quem é rico não sabe o prazer de a gente pegar a mulherzinha e os filhos, colocar dentro de um carro e dar uma volta – sem beber, sem beber!

Então, eu estou... (incompreensível), eu estou terminando o meu mandato. Eu sou agradecido a esses companheiros da Petrobras, que a Petrobras também recuperou o sentido de empresa brasileira, porque teve um tempo que a diretoria da Petrobras – não é no seu tempo, não, José Sergio – achava que era o Brasil que pertencia à Petrobras, não era a Petrobras que pertencia ao Brasil, ao ponto de ter presidente que falava: “A Petrobras é uma caixa preta, ninguém sabe o que acontece lá dentro”. No nosso governo ela é uma caixa branca, e transparente. Nem tão assim, mas é transparente, a gente sabe o que acontece lá dentro e a gente decide muitas das coisas que ela vai fazer.

Vocês aqui, de Angra, não tenham medo, não. Não tenham medo, não, que quando eu não estiver presidente da República e for apenas um cidadão brasileiro, aí dos companheiros da Petrobras se não trouxerem plataformas para cá, se não trouxerem sondas para cá, porque aqui foi o começo de tudo, aqui foi o começo de tudo. Foi daqui que nós tiramos a ideia de que era possível construir aqui, foi daqui que nós tiramos a primeira semente de que nós iríamos recuperar a indústria naval brasileira, e estamos aqui agora fiscalizando.

Mas a Petrobras, gente, a Petrobras tem US\$ 224 bilhões para investir até 2014. E não invista, para ver o que vai acontecer! Então, vai ter muitos navios, vai ter muitas plataformas, vai precisar de mais estaleiros, essas empresas de Cingapura vão fazer mais estaleiros aqui, porque nós temos que construir plataformas para outros países que precisam, para a América do Sul, para outros países que não têm a mesma tecnologia nossa. O pessoal de Cingapura produz bastante lá para a China, para o Japão, não sei para onde, e Cingapura veio para cá para produzir para o Brasil, para a América do Sul e



para a África. Vai traduzindo para ele aí, para ele entender direito o que eu estou falando, pô, senão ele não entende. Não? Eu estou aqui gastando o verbo, estou gastando o verbo, e o Paulo Roberto não traduz nada para um cara que só entende coreano e inglês. Aí não dá, meu filho!

Então, meu filho, olha: eu, no dia 31, quando der meia-noite, eu ainda não vou, ainda não vou entregar a faixa. Eu estou pensando em colar a “bichinha” na barriga, colar com uma cola daquelas que não largam, e sair correndo. Mas, na hora em que eu entregar, eu saio com a convicção de algumas coisas. Primeiro, primeiro, nós fizemos um mandato republicano como o Brasil sempre deveria ter tido, o presidente que tivesse. Eu duvido que tenha, no Brasil, um prefeito de qualquer partido político, um governador de qualquer partido político que possa dizer na televisão que ele precisou de R\$ 1,00, e o Lula não deu porque ele não pertencia ao meu partido. Não é assim que eu faço política. Eu tenho divergências com muita gente, mas como presidente eu não sou do meu partido; como presidente, eu sou o presidente de 190 milhões de brasileiros e eu trato todo mundo em igualdade de condições. Eu não sou daqueles que vão o jogador de outro time que está na Seleção brasileira só porque não é do meu time. Eu, aliás, não sou jogador... eu não sou torcedor de vaiar meu time. Teve um tempo em que eu ia ao estádio, que a gente não vaiava o time da gente. Hoje a gente vai ao estádio para vaiar o time da gente. Ontem, por exemplo, se eu estivesse no estádio, eu tinha vaiado o Corinthians, porque, rapaz... Não só na quantidade de gol que ele perdeu... Teve um cara – vocês que entendem de futebol – teve um cara, não sei se alguém viu o jogo, teve um cara que a bola estava dentro! Ele dá uma bicuda e tira a bola para fora, rapaz! É! Se fosse você, com essa muleta, tinha marcado o gol. Não, não é possível, gente! Olha, eu sofri. Eu fui dormir, ontem, eu pensei que eu ia ter um infarto...

Mas, então, eu sou daqueles que gostam de respeitar as pessoas. Então, eu acho que nós estamos dando um passo extraordinário. O Brasil hoje



é mais Brasil, as pessoas recuperaram a autoestima, nós já não temos mais vergonha de hastear a nossa querida... Ó, que coisa linda aquela bandeira lá! Dá uma olhada. Veja qual é o país do mundo que tem uma bandeira bonita daquela. Se não fosse a nossa decisão de fazer aqui, esta bandeira não estaria hasteada, seria a bandeira de um outro país que estaria na Plataforma, e talvez o José Sergio estivesse lá para trazer a nossa Plataforma. Está aqui! Dá uma olhada na cara dessa peãozada aqui, ó! Dá uma olhada aqui. Isso aqui, ó... Nós estamos fazendo 65% de componente nacional, você pode começar a pensar em 80[%), 90]), daqui a pouco pode colocar 100[%), porque a gente faz... Estava aqui me entusiasmando, falei mal do Corinthians, ia caindo em um buraco aqui.

Mas aqui, Gabrielli e Sérgio Cabral, aqui é o seguinte: isso aqui que vocês estão vendo aqui... Uma vez, eu estava na presidência do sindicato, a gente estava em greve... em greve na Chrysler do Brasil, que era na frente da Volkswagen, na Via Anchieta. E aí a chefia saiu de dentro da fábrica achando que a peãozada não tinha condições de tocar a fábrica, porque a gente não estava fazendo greve, estava fazendo “ação tartaruga”, trabalhando menos, menos, trabalhando de leve. Aí, a empresa resolveu tirar a chefia de dentro, porque achava que tirando a chefia a gente não ia ter capacidade de tocar a fábrica. Tirou a chefia, e nós viramos uns demônios ali, e nós tocamos aquela fábrica, produzimos com muito mais rapidez. Aí eles voltaram para conversar. Eu estou dizendo isso para dizer, Gabrielli, que esta peãozada aqui, esta peãozada é muito mais estudada do que no meu tempo de peão. Aqui tem gente de macacão que já é doutor, já é doutor. Mas isso aqui, Sergio, a gente faz qualquer coisa pelo Brasil. Se um dia vocês quiserem o desafio de a gente fazer 100% de uma plataforma aqui, faça o desafio, para você ver que a gente toca esse negócio aqui. Pode!

A engenharia brasileira não vai dever nada a ninguém. E quando eu vejo... a coisa evoluiu tanto que 25 anos atrás a profissão de soldadora não



tinha... mulher não podia trabalhar em solda, vocês estão lembrados? Solda era uma profissão de homem e era insalubre. Quem trabalhava com solda aposentava aos 25 anos de idade. Hoje as cortadoras de cana de Pernambuco deixaram de cortar cana e são soldadoras no estaleiro, lá em Recife. É uma coisa extraordinária. Mas aqui você vai comigo visitar a Nuclep, e você vai ver a quantidade de meninas formadas soldadoras.

Eu vim aqui uma vez já, fui na Nuclep, mas não era você o governador, era outra pessoa, que não estava de bem com a vida, estava mal-humorada. E eu, sinceramente, sinceramente... não é possível a gente ser mal-humorado governando o estado do Rio de Janeiro, não é possível, ainda mais torcendo para o Vasco, como você torce, ainda mais. Não é possível.

Então, meus queridos companheiros, olhem: eu não venho mais aqui até o dia 31 de dezembro. Então, eu quero me despedir de vocês, dizendo para vocês que o legado que eu quero deixar para vocês é deixar com vocês a certeza de que não existe um ser humano inferior a outro; de que todos nós temos competência, desde que a gente tenha oportunidade de fazer as coisas. E eu sei que o grande legado que eu vou deixar é ter despertado na cabeça de cada mulher e de cada homem deste país que se eu pude ser presidente da República e fazer o que fiz por este país, significa que qualquer um de vocês pode ser presidente da República, pode ser governador e pode ser prefeito.

Por isso, companheiros, um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, que Deus abençoe a mulher e os filhos, e que a gente possa continuar fazendo mais plataforma, mais estaleiro, mais navio, mais emprego, mais salário, mais casa, mais cultura, mais comida e mais alegria.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega das instalações do Campus Teresina Central do IFPI e assinatura das ordens de serviço das BR-020 e BR-235 e obras da linha de subtransmissão Piripiri/Tabuleiro**

**Teresina-PI, 14 de outubro de 2010**

Bem, primeiro, dizer a cada companheiro e companheira de Teresina, a cada companheiro e companheira do Piauí, da alegria de estar aqui mais uma vez, tentando dividir o meu tempo: à noite, fazendo campanha e, de dia, governando o Brasil.

Como eu disse, este é um ato institucional, e eu queria começar cumprimentando a senhora Lilian Martins, a companheira do nosso companheiro Governador, que não pode estar aqui, por conta da Lei Eleitoral.

Quero cumprimentar o companheiro Wellington, o nosso ex-governador, senador eleito pelo estado do Piauí.

Quero cumprimentar os meus ministros que estão aqui: o Paulo Sérgio, o Fernando Haddad.

O Themístocles Filho, presidente da Assembleia Legislativa do Piauí.

Quero cumprimentar todos os deputados federais aqui presentes: o companheiro Antônio José Medeiros, Nazareno Fonteles e o Paes Landim.

Quero cumprimentar o querido companheiro Ermano Ferrer, prefeito de Teresina.

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Santos Júnior, magnífico reitor da Universidade Federal do Piauí, que tem sido um parceiro incansável nesse trabalho da educação universitária no Brasil.

Quero cumprimentar todos os secretários estaduais, sobretudo cumprimentar a Maria Xavier, secretária de Educação do estado do Piauí.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Coimbra, secretário



executivo do ministério de Minas e Energia.

Quero cumprimentar o secretário de Planejamento do estado do Piauí, Sérgio Gonçalves.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Francisco das Chagas Santana, magnífico reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, por meio de quem quero cumprimentar todos os professores, todos os estudantes e todos os funcionários do Instituto.

Quero cumprimentar os demais companheiros que estão aqui... Prefeitos, que eu sei que tem muitos prefeitos de cidades do interior aqui; deputados estaduais, vereadores,

Companheiros e companheiras,

Vocês perceberam que nós fizemos três em um, nós estamos fazendo três atos em um único ato. O primeiro ato foi o ato da educação, em que todos vocês sabem como que era este Instituto algum tempo atrás, quando o nosso reitor era aluno, depois quando o nosso reitor foi professor do Wellington, e vocês viram que nós fizemos uma mudança radical. Isto aqui deixou de ter os acanhados mil alunos e vai, a partir de agora, ter quase dez mil alunos estudando em todo o Instituto.

Depois, nós deixamos o Instituto e nós vamos para o setor de energia elétrica. Foi isso que o Coimbra assinou aqui: uma nova linha de transmissão, que vai de Piripiri a Parnaíba, dobrando a capacidade de fornecimento de energia elétrica na região, o que pode facilitar novos empreendimentos empresariais, novos empregos, novos salários, mais desenvolvimento, melhor vida para o povo do estado do Piauí.

Depois tivemos o terceiro ato, que foi acabado de anunciar pelo pequeno grande homem, Paulo Sérgio, sobre duas rodovias, duas ordens de serviço importantes aqui no estado do Piauí.

Bem, companheiros e companheiras, eu ainda não vou terminar a minha



viagem ao Piauí. O Reitor falou aqui: “Acho que o Lula não vem mais”. Tem duas coisas que eu vou fazer aqui. Primeiro, eu ainda quero visitar, ali em Eliseu Martins, a construção da Transnordestina. A Transnordestina será um passo importante para o crescimento econômico do estado do Piauí, sobretudo porque vai baratear e vai incentivar novos investimentos na produção agrícola naquela região, e, conseqüentemente, vai levar esses produtos para o Porto de Pecém, no Ceará, e para o Porto de Suape, em Pernambuco. A rodovia [ferrovia] toda, são quase 1.800 quilômetros, uma boa parte no Piauí e uma boa parte entre Pernambuco e o Ceará. E eu ainda virei aqui... já era para estar mais adiantada a Ferrovia. Acontece que houve uma mudança no traçado do projeto, e as desapropriações que estavam feitas estão agora na mão do Poder Judiciário para a gente resolver. Mas tem dois lotes trabalhando, praticamente envolvendo 3 mil trabalhadores.

E também vou voltar aqui para inaugurar o Hospital Universitário. Inaugurar o Hospital Universitário porque é uma obra muito importante, e como disse o meu querido companheiro Fernando Haddad, ele só não foi inaugurado hoje porque, por conta do processo eleitoral, a gente não pôde fazer o concurso e contratar os funcionários para trabalharem no Hospital. Segundo os companheiros do Piauí, esse hospital vai deixar quem trabalha no Albert Einstein, em São Paulo, ou no Sírio-Libanês, com inveja, tal é a qualidade do Hospital Universitário do estado do Piauí. Por isso, meus parabéns, Reitor, pelo trabalho extraordinário. É importante lembrar que eu vim, outro dia, inaugurar o Hospital de Emergência, o Hospital de Emergência que, há vinte anos, esperava investimentos e não vinham os investimentos. Portanto, nós...

Eu voltarei aqui pelo menos mais uma vez, e depois eu quero voltar quando deixar a Presidência, aí para conhecer, de verdade, o tal do delta do Piauí, de que eu ouço tanto falar e que nunca pude ir. O Wellington, quando vai para lá, vai escondido, nem me avisa. Toda vez que ele vai a Brasília buscar dinheiro – e vocês viram a quantidade de dinheiro que ele pega lá – ele me



promete uma viagem ao delta do Piauí. Quando eu chego aqui, eu paro em Teresina e por Teresina fico, e o tal do delta está longe daqui. Agora, eu vou vir sem ele saber, vou. Ele vai estar lá em Brasília, eu vou pegar um avião, venho para cá e vou lá para o delta, e não quero nem ouvir falar do Wellington. Ele que fique lá em Brasília trabalhando, e eu no delta, navegando. Bem, mas é verdade. Eu quero conhecer o delta. O Wellington me convida há muito tempo. Eu falei: Wellington, somente quando eu deixar a Presidência é que eu vou para lá.

Bem, companheiros e companheiras, possivelmente alguns de vocês eu não veja mais no meu mandato de presidente. Daqui a exatos 77 dias, 77 dias, eu estarei entregando a faixa presidencial, e saio da Presidência com uma sensação de dever cumprido. Eu saio com a sensação de que a gente poderia ter feito mais, e é bom que a gente tenha essa sensação, de que a gente poderia ter feito mais e sempre poderia ter feito mais. Mas, ao mesmo tempo, eu saio com a sensação de que, embora não tenhamos feito tudo que era preciso fazer, nós fizemos muito mais do qualquer outro governo já fez na história deste país.

Vocês sabem que eu perdi muitas eleições, e cada vez que eu perdia uma eleição aquilo me servia de ensinamento, e a minha frustração era que eu perdia as eleições exatamente no meio da parte mais pobre da população. Eu tinha criado um partido para ajudar os mais pobres, eu era candidato pensando em ajudar os mais pobres, e era exatamente nesse segmento da sociedade que as pessoas tinha medo de mim, porque se contou muita mentira a meu respeito, muita mentira. Eu tinha barba, e por isso eu era comunista, e os mentirosos que diziam isso não tinham coragem de dizer que Jesus Cristo também tinha barba comprida, que Tiradentes também tinha barba comprida, e que outras personalidades da Humanidade tinham barba comprida. Quantas vezes eu paguei o preço de a bandeira do meu partido ser vermelha! Quantas vezes eu tive que explicar por que tinha estrela na bandeira do PT! Você não



imagina, Fernando, a quantidade de vezes que eu tinha que responder! Depois, a quantidade de vezes que tinha que responder sobre aborto, a quantidade de vezes que tinha que responder sobre coisas que não eram da responsabilidade de um presidente da República. Mas as pessoas que são contra ficam jogando casca de banana, para ver se a gente pisa e se a gente cai. Ai, diziam que eu ia fechar igreja evangélica, diziam que eu ia fazer isso, que eu ia fazer aquilo, diziam que eu não ia cuidar dos pobres, diziam que eu ia tirar tudo das pessoas mais pobres. Foram 12 anos de espera.

É por isso que eu digo que Deus... Ah, quanto preconceito tinha porque eu não tinha diploma universitário! Eu, às vezes, encontrava um trabalhador e ele falava assim para mim: “Eu? Eu vou votar em você? Você é que nem eu. Você não é doutor, você não é formado, rapaz. Como é que eu vou votar? Não vou votar num cara igual a mim para presidente”. Por quê? Porque durante séculos nós fomos doutrinados a acreditar que os outros eram melhores do que nós, e que nós, que não tínhamos conseguido entrar numa universidade, nós não poderíamos governar. E a arte de governar a gente não aprende numa universidade. Se fosse assim, a gente colocava só reitor para governar. Se fosse assim, não precisaria nem eleição! A gente ia à Academia Brasileira de Letras, pegava o presidente e colocava para ser presidente da República! Não é assim. A arte de governar é uma coisa mais nobre, é uma coisa carregada de compromisso, carregada de sentimento, você tem que ter lado e dizer para quem é que você vai governar. O melhor exemplo que eu dou para a arte de governar é a arte de ser mãe. Governar não é nada mais do que agir como uma mãe age, tomando conta da sua família, garantindo a todos, garantindo a todos o direito de ter oportunidade, o direito de comer as mesmas coisas, o direito de ninguém ter mais direito do que o outro. Essa é a arte de governar, essa é a grande lição de vida.

Aliás, a palavra “governar” está errada. Eu não sei quem foi o filósofo que inventou a palavra “governar”, porque, na verdade, em vez de “governar”



deveria ser “cuidar” – “Eu vou ser eleito para cuidar do Brasil, eu vou ser eleito para cuidar de Teresina, eu vou ser eleito para cuidar do Piauí” – porque a palavra correta é “cuidar”.

Ora, e aí nós temos que ter consciência de que os governantes deste país não podem apenas ficar lendo as estatísticas e não se darem conta de que por trás de cada número tem um ser humano, e que ele tem que escolher quem é que precisa do governo. O rico não precisa do governo. Tem uma classe que não precisa do governo. Quem é que precisa de governo? É a parte mais pobre da população, é aquela que precisa trabalhar, é aquela que precisa estudar, é aquela que não tem acesso à cultura.

Porque neste país teve presidente que ficou oito anos e não fez uma única universidade, embora tivesse curso de doutorado, de mestrado no Brasil ou no exterior. Gente que ficou oito anos! Neste país teve gente que, em [19]98, aprovou uma lei proibindo o governo federal de cuidar do ensino profissional, cuidar de escolas técnicas. Era proibido por lei. Fomos nós que mudamos a lei, e mudamos a lei não porque eu era sabido. Era porque eu queria que os filhos dos pobres neste país tivessem a oportunidade que eu não tive, que pudessem ser doutores, que pudessem ser engenheiros, que pudessem ser químicos, que pudessem ser físicos, que pudessem ser formados em qualquer categoria. É exatamente, é exatamente através da educação que a gente garante igualdade de oportunidades para as pessoas. Não tem outro jeito, é a educação que garante.

Então, quando eu chego aqui numa escola e vejo que numa escola de Teresina, num instituto federal, a gente vê que o pessoal que trabalha com a questão de alimentos tira o primeiro lugar do Brasil, o primeiro lugar do Brasil; quando a gente chega aqui e encontra um companheiro que diz “Lá em Bom Jesus tem 102 doutores”; quando a gente chega aqui e ouve o reitor dizer que até 2013 este Instituto vai ter 25 mil alunos, a gente começa a agradecer a Deus porque valeu a pena a gente passar pelo governo e mostrar, e mostrar



que este país não pode ser dividido entre cidadãos de primeira classe, que podem tudo, e cidadãos de segunda classe, que não podem nada. Acabou! O nordestino aprendeu a ter autoestima, o nordestino aprendeu a gostar de si, o nordestino não tem mais vergonha, o nordestino está andando de avião, o nordestino está viajando para a Europa, o nordestino está viajando para o mundo, porque nós cansamos de ser tratados como se fôssemos de segunda categoria.

E é isso, é isso que a gente não pode perder, isso é uma conquista de vocês, foram vocês que conquistaram. E nós sabemos que tem muita coisa para fazer neste país ainda, muita. Nós não fizemos nem metade. Nós não conseguiríamos fazer, em oito anos, os desconsertos que eles fizeram em 500 anos neste país, jovens que ficaram 25 anos sem ter oportunidade de estudar, sem ter oportunidade de trabalhar, sem ter esperança. Quando a gente vê meninos de 18 ou 19 anos caindo na droga, é porque na sua adolescência eles não tiveram esperança, e não há Humanidade, não há povo que consiga viver se não tiver uma chama de esperança dentro de si. É por isso que o povo quer cada vez mais, e quanto mais conquista, mais o povo quer.

Por isso, meus queridos companheiros, vocês, governantes do Piauí, vão passar para a história, vão passar para a história como a classe dirigente deste estado que contribuiu para que o Piauí deixasse de ser visto no Brasil como o estado mais pobre. Eu lembro que quando a gente queria saber: “Qual é o estado mais pobre? É o Piauí. Qual é a cidade mais pobre? Está no Piauí. Onde é que tem mais analfabetos? No Piauí. Onde é que tem menos doutores? No Piauí”. Agora não. Agora olhem Bom Jesus, com 20 mil habitantes e com 102 doutores. Agora olhem o Instituto Tecnológico, com quase 10 mil alunos, e até 2013, com 25 mil alunos. Olhem a universidade, olhem a quantidade de campi que foram criados aqui, olhem a quantidade de extensões universitárias!

Porque hoje eu tenho uma lição de vida, que é possível a gente fazer o Brasil mais justo, mais igual e mais solidário, e vocês é que têm



responsabilidade daqui para a frente. Eu saio, mas não quero apenas passar o bastão para uma pessoa que vai me substituir. O bastão tem que ficar naqueles que são os verdadeiros donos deste país, que é o povo brasileiro, que é o povo que aprendeu a reivindicar, que é o povo que aprendeu a se organizar, e que é um povo que não quer voltar ao passado, a um passado de desesperança, a um passado de desemprego, a um passado de descaso com os pequenos agricultores, a um passado de descaso com a cultura neste país. Nós cansamos, nós cansamos, e nós não queremos ser tratados como se fôssemos vira-latas. Nós não queremos apenas ter orgulho de ser pedreiros, como eles diziam. Nós agora queremos mais. Além de pedreiros, queremos ser engenheiros, queremos ser médicos, queremos ser dentistas. Nós queremos também ser doutores neste país.

Por isso, meus companheiros e companheiras, não pensem que vocês vão descansar de mim porque eu vou deixar a Presidência, porque eu vou continuar andando por este país, porque foi o que eu aprendi a fazer, é o que eu gosto de fazer. E quem consegue ter a interação que eu tenho com homens e mulheres deste país, podem ficar certos de que eu não vou me trancar esperando a velhice tomar conta de mim. A velhice vai ter que correr atrás de mim, ela vai ter que correr, vai ter que afinar as canelas correndo atrás do Lula, porque eu não vou parar de andar. E você, (incompreensível), fique quieto aqui no seu canto, porque eu vou para Parnaíba sem você. Vou com o meu companheiro Wilson Martins, vou com outros companheiros e você vai ficar de castigo, trabalhando, para ajudar este país, lá de Brasília, a ser muito melhor e a fazer o Piauí nunca mais ser olhado com o desdém que foi olhado.

Quero aqui, de coração, sem falar de política, agradecer a vocês, porque vocês derrotaram duas pessoas aqui neste estado, que prejudicaram tirando R\$ 120 bilhões da Saúde. Me tiraram R\$ 120 bilhões da Saúde, pensando que iam me prejudicar. Estão aqui os prefeitos. Os prefeitos sabem que não podem viver sem dinheiro para a Saúde. Eles tiraram dinheiro pensando que iam me



prejudicar. Não me prejudicaram, porque vocês estão vendo, pela minha cara, que se tem uma coisa que eu não tenho é doença. Agora, prejudicaram o povo pobre deste país, que precisa do SUS, que precisa do pronto-socorro da prefeitura, que precisa do pronto-socorro do estado, que precisa de remédio de graça. Esses foram os prejudicados, quando derrubaram a CPMF. Como Deus escreve certo por linhas tortas, Deus fez a vingança que eu acho que era necessária: colocar gente mais digna, de mais respeito, para representar com mais dignidade o estado do Piauí neste país.

Um grande abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a  
2ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Palma de Óleo**

**Belém-PA, 14 de outubro de 2010**

Meu querido companheiro Gerardo Fontelles, ministro interino da  
Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Nossa querida companheira Izabella, ministra do Meio Ambiente,  
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência,

Nosso querido companheiro Pedro Arraes, presidente da Embrapa,

Nosso querido Abidias José de Sousa Júnior, presidente do Banco da  
Amazônia,

Meu caro Marcílio Monteiro, secretário estadual de Projetos  
Estratégicos,

Meu caro companheiro Manoel Vicente Fernandes Bertone, presidente  
da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Palma de Óleo, por meio de quem  
cumprimento todos os companheiros delegados da Câmara,

Senhores Marcelo e Ovídio Brito, por meio dos quais cumprimento os  
produtores de óleo de palma,

Nossa querida companheira Benedita, por meio de quem cumprimento  
todos os agricultores familiares aqui presentes,

Companheiros convidados,

Querido companheiro Miguel Rossetto, nosso presidente da Petrobras  
Biocombustíveis – ele inventou o nome PBio e eu disse para ele que tinha que  
mudar de nome, porque PBio não era nome de empresa, (incompreensível)  
mais potente, sobretudo porque era ligado à Petrobras.

Olhem, eu penso que o que eu ouvi aqui, dos companheiros que



participaram e que participam da Câmara já é suficiente para que eu possa concluir que nós estávamos certos, Tereza, quando resolvemos acreditar, primeiro na política de biocombustíveis, que tudo começou pensando na produção de biocombustíveis. Depois, acreditar na necessidade de fazer um zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, do dendê, porque era preciso que a gente compreendesse que, na medida em que o Brasil vai ficando importante no mundo, também começam a aparecer adversários, começam a aparecer competidores. Ou seja, quando você não é ninguém, ninguém nota você, ninguém olha. Agora, quando você começa a ser importante, em uma atividade econômica, você começa a ter os inimigos a começarem a te torpedear, a tentar criar uma imagem negativa do produto que você produz.

Não tenho dúvida, não tenho dúvida que logo, logo estarão dizendo que nós estamos invadindo a Amazônia, que nós estamos plantando em lugares que não poderia plantar, que nós temos trabalho escravo aqui no Brasil, que nós temos trabalho infantil aqui no Brasil. Ou seja, logo, logo, eles vão começar a dizer que nós não poderíamos existir nesse mercado de palma.

O dado concreto e objetivo é que o mundo que, durante tanto tempo, ficou na expectativa de que o Brasil deixasse de ser um gigante adormecido e passasse a ser um gigante vivo e ativo, está assistindo agora o Brasil despertar com uma consciência muito maior do que aquela que a gente tinha ou utilizava há alguns anos.

Primeiro, a Embrapa. O Pedro é um companheiro pesquisador da Embrapa há muito tempo. A especialidade dele era produção... pesquisa de feijão e de arroz, ele era especialista naquilo que era mais substancial no nosso prato de cada dia. Só faltou ser especialista no feijão, arroz e um ovinho frito, pesquisar o ovinho da galinha. Pois bem, o companheiro Pedro sabe da quantidade de investimentos que nós fizemos na Embrapa para recuperar a capacidade de investimento em pesquisa que a Embrapa tinha; acabar com as greves na Embrapa, pagando um salário melhor para o pessoal da Embrapa; e,



ao mesmo tempo, não deixar faltar dinheiro para que a Embrapa pudesse mandar os pesquisadores pesquisarem aquilo que era necessário pesquisar.

Além disso, nós resolvemos tomar uma decisão de que a Embrapa deveria virar uma empresa multinacional de pesquisa, ou seja, ela, hoje, está na África, ela hoje está na Venezuela, na América do Sul, ela hoje está no Panamá, na América Central, e a nossa ideia é que a Petrobras [Embrapa] se transforme em uma empresa, eu diria, do tamanho do que ela fez de bem para a agricultura brasileira.

Então, ô Pedro, você não sabe o orgulho, como brasileiro, de receber a notícia que você nos deu, aqui, da descoberta de uma planta com a semente híbrida que possa produzir mais uma palma baixinha, para a gente pegar com a mão; você pode até pegar um hectare e plantar no Rio Grande do Sul, Guilherme, que você não vai subir escada, não vai precisar de facão, você vai colher. E isso parece pouco, porque um cara como eu, vou ter que agachar para tirar o meu dendê; você vai ter que levantar o pé. Então, eu acho que isso é um feito tão extraordinário que já valia a pena ter participado desta reunião da Câmara Setorial.

Mas uma coisa que eu acho importante, querida Benedita, é que esse programa, pensado não apenas na produção de biocombustível, mas pensado na sustentabilidade de alimento para o mundo, pensado na sustentabilidade da indústria de cosmético, na indústria química... Ou seja, seja para o que quiserem utilizar, o dado concreto é que não tem no mundo nenhum país em condições de competir com o Brasil, tanto em área agricultável quanto em água, quanto em sol, portanto na construção da fotossíntese necessária para produzir o que nós quisermos, não tem ninguém que consiga competir com o Brasil.

Ora, a novidade extraordinária é que o Brasil consegue apresentar um programa em que a gente assume o compromisso até de fazer empréstimo diferenciado para aquelas pessoas que queiram investir na recuperação de



áreas degradadas. Ou seja, mostrando ao mundo que não apenas a gente está diminuindo o desmatamento da Amazônia, como nós estamos contribuindo com a plantação de novas árvores para sequestrar o carbono que os países industrializados estão jogando na atmosfera. Essa é uma coisa e uma vantagem comparativa para o Brasil extraordinária. É uma coisa que ainda muita gente não tem dimensão. E o Marcelo, quando falou das brigas que tinha na Câmara Setorial, Marcelo, eu lembro da discussão que nós tivemos para tentar criar a humanização do trabalho na cana-de-açúcar.

Você sabe que, nos mais diferentes seguimentos da sociedade, você tem gente que puxa para um lado, gente que puxa para o outro, gente que aposta no fracasso. Por exemplo, quando nós decidimos que não íamos permitir cana-de-açúcar na região próxima ao Pantanal, ou seja, contra, praticamente, todos os interesses dos próprios produtores de cana no Brasil, alguns setores queriam que a gente invadisse o Pantanal plantando cana-de-açúcar. E eu dizia para eles: “Olhem, se nós fizermos isso, o Brasil vai receber um bombardeio dos países desenvolvidos da Europa, dos Estados Unidos, do Japão e de outros países, que o nosso produto vai perder valor no mercado internacional”.

Quando a gente começa a ser competitivo na questão do dendê, quando a gente começa a produzir, não importa para que as pessoas querem comprar de nós. O que importa é que a gente está produzindo, está preservando, está gerando emprego, distribuindo renda, está recuperando, inclusive, áreas degradadas. Quando a gente começa a ser competitivo – e isso é, para nós, muito importante – só tem sentindo se a gente tiver mais pessoas falando como a Benedita falou aqui. Pessoas que não sejam tratadas como foram na grande fase da monocultura da cana-de-açúcar, em que o usineiro era extremamente rico e o trabalhador que cortava cana extremamente miserável. Nós queremos que o empresário da palma seja rico, mas nós queremos que o trabalhador da palma viva dignamente, sustente a sua família e possa até colocar seus filhos



na faculdade, como a companheira Benedita, tão orgulhosamente, fala dos filhos dela.

E aí, a gente constrói a harmonia. A gente constrói a harmonia necessária para que a gente possa se entender e perceber que é possível nós nos apresentarmos ao mundo como seres civilizados, capazes de construir harmonia, capazes de construir uma cadeia produtiva sadia.

Eu lembro, Marcelo, quando nós criamos a Câmara Setorial, em 1992, para tentar organizar quase que um salvamento da indústria automobilística brasileira. O que a gente queria? A gente queria que o governo estadual abrisse mão um pouquinho de ICMS, os empresários aceitassem diminuir um tiquinho de nada o seu lucro, que os trabalhadores resolvessem ceder em alguma coisa e que a gente pudesse construir a sobrevivência da indústria.

Você não sabe, Marcelo, a guerra, a briga: era gente contra; era gente xingando os sindicalistas que queriam fazer a Câmara Setorial, de atrasados, que estavam vendendo a classe operária; era governo dizendo que o governo ia perder muito dinheiro. Sabe, era um negócio maluco. O que aconteceu, um ano depois? Todo mundo ganhou. Ganhou o governo porque arrecadou mais, ganharam os trabalhadores porque tiveram garantia no emprego, e ganharam os empresários porque venderam mais.

O que vocês estão construindo é a sobrevivência coletiva de um setor que está nascendo neste país. E que, por estar nascendo, ele pode nascer totalmente diferente das coisas velhas que nós conhecíamos no Brasil. Ou seja, ver a Benedita tratar o dono da Agropalma como companheiro, e ver o dono da Agropalma tratar ela como companheira, ou seja, um precisa do outro e os dois juntos se complementam e constroem essa coisa extraordinária que nós estamos construindo no Brasil.

Eu fico extremamente feliz, Tereza, e quero aqui dizer que são justas as palavras de elogio que estão sendo feitas a você, porque eu sei da sua dedicação e sei em... foi muito pouco tempo para a gente chegar onde nós



chegamos. Ou seja, gente, era impensável... pensem: era impensável, até outro dia, a gente ver um menino como aquele, de 19 anos, filho de uma mulher humilde, fazer um acordo e receber R\$ 57 mil de empréstimo. Benedita, não recebia R\$ 0,05 de empréstimo neste país, pobre não conseguia entrar no banco. Agora, a gente vai lá em São Paulo, a gente vê o BNDES emprestar R\$ 200 milhões para catadores de papel. A gente vê aqui um trabalhador humilde, com a sua mãe – ela tem nove filhos, nove filhos – pegar R\$ 57 mil emprestado. Isso não existia, era “nem pensar”. O Basa não podia nem ver, em outro tempo, alguém chegar perto para pedir tanto dinheiro assim de uma só vez. Agora, com um presidente democrático e popular, está até vendo. Chegar e emprestar, emprestar sabendo que a pessoa vai ter que ficar cinco ou seis anos sem pagar nada, que é o tempo de ele começar a colher. É esse companheiro que está [pegando] emprestado, vai ter que ter um salário para sobreviver até começar a colher, vai ter 14 anos para pagar, a taxa de juros é de apenas 2%. Dois por cento, eu não sei se é muito ou se é pouco, mas, sabe, deve ser muito ainda, por ano, por ano. Está razoável, está razoável para os padrões do Basa, está razoável. Hein? E se pagar em dia, tem 15% de desconto. O quê? Ah, 15%, se pagar em dia. Isso, até lá, vai mudar, vai reduzir um pouco mais.

De qualquer forma, eu tive a oportunidade de participar lá em Tomé-Açu. Eu saí mais confiante do que eu cheguei, porque eu vi o que é possível a gente, em uma região inóspita, criar condições de as pessoas viverem dignamente. E é verdade, Benedita: junto com o crescimento econômico, o governo do estado tem que levar lá um posto médico, para atender as pessoas, junto tem que levar a escola para as crianças poderem estudar. Tudo isso vai acontecendo, nada disso acontece de um dia.

Não é possível a gente pegar um pacotão e colocar tudo... Isso vai sendo construído. O que é importante, Benedita, é que a gente tenha milhares, ou milhões de brasileiros com a sua disposição e com a sua consciência de



que a partir do seu trabalho, a partir da sua dedicação, que esse projeto pode dar certo e que o Brasil pode vencer. Empresas como a Agropalma, como a Petrobras, como outras empresas, garantindo ao pequeno produtor: você vai plantar e você vai ter preço pelo seu produto, e você vai sobreviver dignamente.

Portanto, eu quero dar os parabéns à Câmara Setorial, quero dar os parabéns aos trabalhadores, aos empresários e à nossa querida companheira Tereza, que eu espero que continue participando ativamente, até que o processo possa se consolidar definitivamente e o Brasil seja o maior produtor de palma do mundo, e que a Embrapa consiga fazer uma semente (incompreensível) mais baixinha, mais graúda, que não tenha o amarelamento fatal. Foi desse amarelamento fatal que criaram um filme chamado “Atração Fatal”. Então, essa é a atração fatal do dendê.

Então, eu quero, quero dar os parabéns. E dizer para vocês que faltam só dois meses e meio para eu deixar a Presidência da República, mas essa é uma coisa que eu saio convencido de que nós fizemos uma aposta e nós sairemos vencedores, porque o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade. Quem quiser comer moqueca, vai comer com dendê brasileiro; quem quiser produzir cosmético, vai produzir com palma brasileira; quem quiser fazer biodiesel, Rossetto, com palma brasileira. E aí nós estaremos tornando este país mais rico e mais justo para todos nós.

Um beijo, um abraço e parabéns.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Plano de Desenvolvimento Regional  
Sustentável do Xingu**

**Belém-PA, 14 de outubro de 2010**

Queridos companheiros e companheiras do estado do Pará,  
Queridos companheiros e companheiras de Belém,  
Minha querida companheira ministra Izabella Teixeira, ministra do Meio  
Ambiente,

O companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; e o  
companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Meu caro Odair Corrêa, vice-governador do estado do Pará,

Meus queridos companheiros deputados federais Paulo Rocha, Gerson  
Peres e Elcione Barbalho,

Magnífico Reitor Carlos Edilson de Almeida, da Universidade Federal do  
Pará,

Meu caro Márcio Meira, presidente da Funai,

Meu caro Josias Matos de Araújo, presidente da Eletronorte,

Meu caro André Farias, secretário estadual da Integração Regional,

Meu caro Helder Barbalho, prefeito de Ananindeua e presidente da  
Federação das Associações dos Municípios do Pará,

Meu caro Francisco de Assis dos Santos Souza, Chiquinho do PT,  
presidente do consórcio de Belo Monte e prefeito de Anapu, por meio de quem  
cumprimento todos os demais prefeitos aqui presentes,

Companheiro Carlos Nascimento, presidente do Consórcio Norte  
Energia,

Meu querido companheiro Pedro dos Santos, coordenador regional da  
Fetag do Xingu, por meio de quem cumprimento os representantes da



sociedade civil,

Companheiros da imprensa,

Companheiros trabalhadores,

Empresários,

Meus companheiros e minhas companheiras,

O decreto que eu assinei aqui é resultado de um outro decreto criado em outubro do ano passado, criando um grupo de trabalho que iria fazer a proposta do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Xingu, que vencia no dia 31 de agosto. Agosto terminou e o plano estava pronto e nós, então, estávamos esperando esta data para que viéssemos aqui, no estado do Pará, anunciar um outro jeito de a gente governar o Brasil, um outro jeito de a gente governar o Pará e um outro jeito de a gente oferecer oportunidades para as pessoas crescerem na vida e, ao mesmo tempo, as pessoas se sentirem bem consigo mesmas, porque nós estamos podendo ensinar, para nós e para aqueles que vierem depois de nós, que é possível a gente crescer, se desenvolver, gerar emprego, distribuição de renda, sem precisar destruir o mundo que nos acolheu.

Essa é uma coisa nova no Brasil, e é um aprendizado que todos nós não podemos esquecer jamais. Ou seja, o mundo, hoje, depende de atitudes como essa que está colocada no Plano. Esse plano vai ter um comitê gestor, esse comitê gestor vai envolver o governo federal, o governo estadual, vai envolver prefeito, vai envolver empresário, vai a sociedade civil. Esse conselho gestor vai ajudar no gerenciamento dos recursos e na aplicação desses recursos, para que a gente possa, a partir de Belo Monte, a partir do projeto do Plano de Desenvolvimento do Xingu, a gente criar um novo modelo de desenvolvimento em toda a Região Amazônica do nosso país.

Eu, um dia, vou convidar a ministra do Meio Ambiente, e vou convidar outras pessoas que discutem desenvolvimento sustentável para ir lá no Palácio



do Alvorada – enquanto é tempo, porque eu só tenho setenta e poucos dias – ou lá na Granja do Torto para ver uma coisa que eu gostaria que as pessoas compreendessem: quando a gente fala em desenvolvimento sustentável, alguns pensam que o desenvolvimento sustentável é você proibir a existência de atividade econômica para você apenas preservar a questão da natureza. E nós pensamos em como utilizar o potencial de riqueza que a natureza nos oferece para, a partir dali, mantendo a natureza preservada, a gente tirar parte do sustento da população.

Nós ainda não começamos sequer a explorar 1% da riqueza da biodiversidade que nós temos em toda a Amazônia. Então, é preciso que a gente comece com exemplos como esse, do Xingu, para que a gente vá estendendo ele para todo mundo.

Quando nós anunciamos o Arco Verde, no começo foi uma guerra, e eu sei que aqui no Pará ainda tem foco de resistência, tem foco de incompreensões, tem foco de violências, e nós assumimos a culpabilidade por muitas coisas que não deram certo. Porque, se o Arco Verde não está dando certo, nós temos que ver o que está acontecendo. Porque o Arco Verde, para dar certo definitivamente, as pessoas precisam compreender: é terminantemente proibido fazer corte ilegal de madeira onde é proibido fazer corte ilegal de madeira! A primeira coisa que as pessoas têm que compreender é isso.

Mas a segunda coisa que o governo tem que compreender para poder obrigar que as pessoas compreendam a primeira é o governo trabalhar, com todo o potencial dos seus ministérios, na construção de parcerias com as cidades e com os estados, para que a gente possa financiar alternativas produtivas para o estado, para que o prefeito possa dar respostas à necessidade de geração de emprego e de renda para as pessoas que moram nas cidades onde tem grave desmatamento.



Eu não sou ingênuo, e eu tenho certeza de que nenhum prefeito vai ficar confortável se a gente proibir uma madeireira de fazer corte de madeira ilegal, e ficarem lá 200, 300, 400 famílias desempregadas, as pessoas passando fome, e a gente não dar nenhuma alternativa, apenas a proibição. Nenhum prefeito vai virar aliado do Arco Verde.

Portanto, nós temos a obrigação de, ao mesmo tempo em que a gente vai proibir, a gente oferece com a outra mão a oportunidade de as pessoas sobreviverem dignamente, fazendo as coisas legal [legalmente]. Inclusive em um convênio com as prefeituras, passando recursos para que as prefeituras possam se desenvolver. É a única chance que a gente tem de ter sucesso total e absoluto na questão da preservação da nossa querida Amazônia. Não é o de proibir; é o de oferecer outro caminho, outra alternativa para as cidades crescerem e para as cidades se desenvolverem.

Eu lembro, Izabella, eu lembro que você ainda não era Ministra, quando eu propus ao companheiro Minc que, em vez de a gente ficar brigando com prefeito, que a gente deveria convidar todos os prefeitos das cidades em que tivesse o maior percentual de desmatamento para a gente discutir com os prefeitos alternativas aos prefeitos. E isso foi feito, e é por isso que hoje o mundo precisa se curvar diante do Brasil, porque nós, neste mês, tivemos o menor desmatamento de toda a série em que a gente está investigando o desmatamento na Amazônia.

Vocês estão lembrados que eu fui a Copenhague, em dezembro do ano retrasado... do ano passado, e lá, em Copenhague, eu propus que a gente assumisse o compromisso de reduzir em 80% o desmatamento da Amazônia até 2020. Pois bem, nós podemos entregar a encomenda antes, porque fizemos a lição de casa, e porque esta moça demonstrou muita competência. Esse é o primeiro passo.

O segundo passo, Izabella, é que... Eu gostaria de, um dia, pegar os companheiros pescadores e levar lá no lago do Alvorada, lá dentro. Porque é



um laguinho pequeno, um pouquinho maior do esse palanque aqui. Mas, olhe, lá eu tenho pintado de 17 quilos, eu tenho pacu de 12 quilos, eu tenho dourado de seis quilos, eu tenho tilápia de cinco quilos, eu tenho pirarara de mais de 15 quilos, eu tenho jaú de mais de dez quilos em um lago, que a verdade é essa, deve ser do tamanho deste plenário aqui.

Então, eu vou com a companheira Izabella, reunir o ministro da Pesca e alguns companheiros pescadores para ir saber como é que a gente pode fazer a multiplicação dos pães que Jesus ensinou para a gente há muito tempo. Se a gente souber utilizar o processo de criar peixe em cativeiro para alimentar uma cidade, uma tribo ou um povoado, a gente faz. É preciso apenas a gente saber que o Brasil tem tecnologia, tem gente especialista para fazer isso, e a gente, hoje, pode criar qualquer tipo de peixe em cativeiro, inclusive, o pirarucu. Inclusive, o pirarucu a gente pode criar, a dourada. Hoje, não tem mais peixe de água doce que a gente não consiga criar, em cativeiro, e de boa qualidade, e de boa qualidade. Portanto, eu vou querer, Izabella, que você vá a minha casa para ver como é possível. Mas eu preciso levar o Ministro da Pesca para matá-lo de inveja, quando ele vir uma tilápia de cinco quilos olhando para mim e eu jogando, ali, o anzol sem a fisga para poder pegar aquele peixe.

Eu acho... eu estou dizendo isso aqui, do peixe é verdade... na verdade, a Marisa não deixa eu pescar porque ela só quer pegar tucunaré e eu quero pegar qualquer um, ou seja, caiu na rede é peixe. Então, ela não quer que eu pegue os peixes do lago. Eu falo: Marisa, vai terminar o nosso mandato, querida. Como é que a gente vai fazer? Sabe? Mas é muito peixe, gente! É muito peixe. E eu falo: “Marisa, nós vamos levar para São Bernardo, na represa Billings? A represa está poluída, Marisa! Nós não temos água, nós temos que comer! Vou chamar alguns amigos para pescar.” E ela fala: “Meu peixe não, meu peixe não”. Eu falo: “Você vai ter que pedir para ficar morando aqui, minha filha, porque não dá. Nós temos que ir embora e temos que levar. É galinha d’angola, é galo, é galinha, é um monte de coisas”.



Então, é o seguinte, eu estou dizendo isso porque cada vez que a gente tentava fazer um projeto como o Xingu, eu lembro que há 30 anos, eu venho aqui de 1980, e já naquela época a gente discutia se a gente era favorável ou não à Belo Monte. Às vezes, eu era contra sem saber porquê era contra e, muitas vezes, a gente é contra por sentimento, outra vez, a gente é contra por princípios, outra vez, a gente é contra porque alguém é contra. E eu falava para o pessoal: gente, nós temos que construir uma proposta que seja convincente. Não é um projeto para mim. Não é um projeto para um estado apenas. É um projeto para o país, como a gente construir uma coisa que possa servir de modelo, de exemplo, de garantir, ao estado do Pará, a sustentabilidade energética definitiva sem degradar, como foi feito com Balbina, ou como foi feito com outras hidrelétricas neste país. O que acontecia? O governo decidia fazer uma hidrelétrica, contratava as empreiteiras, fazia um leilão, trazia 10, 15 mil pessoas, derrubava tudo, logo, construía uma favela ao lado, acabava a energia, ia embora, nem energia na favela colocava. Ia levar energia para São Paulo, ia levar energia para o Rio de Janeiro. Ou seja, e ficava a miséria estabelecida na região. Nós mudamos esse modelo. No projeto de Belo Monte tem 5 bilhões, no projeto, para cuidar dos problemas locais, mais 1,5 bilhão que vai ser gerido pelo consórcio para que a gente faça política, realmente, em que as pessoas se sintam confortáveis. Não tem sentido eu estar fazendo uma hidrelétrica de 11 mil megawatts e pegar um coitado de um trabalhador rural, tirá-lo de lá e colocá-lo em uma favela aqui, em Belém. Não tem nenhum sentido eu estar fazendo uma hidrelétrica para o desenvolvimento e não dar condições para as comunidades indígenas sobreviverem. Não tem sentido eu estar construindo uma hidrelétrica de 11 mil megawatts, com quase R\$ 30 bilhões e deixar os prefeitos vizinhos, das cidades, passando necessidade, sem remédio, sem dinheiro nem para pagar a folha de pagamento. Não é possível.



Então, o que nós estamos fazendo é uma mudança radical. Vai ficar mais caro? Vai. Dá mais trabalho para fazer? Dá, mas é a única possibilidade que a gente tem de fazer uma integração entre Estado e sociedade, entre o Estado e a comunidade. É o prefeito acreditar no governo federal, é o governo federal acreditar no prefeito, é o prefeito acreditar no governo estadual, é o governo estadual acreditar no prefeito, e é a sociedade acreditar em todos nós, porque nós estaremos fazendo aquilo que ela participou da decisão.

Essa é a essência do modelo de Desenvolvimento Sustentável do Xingu. É uma mudança radical, porque o estado do Pará, vocês não podem se conformar deste estado aqui ser um mero exportador de minério de ferro para a China, não podem, não podem. Este estado aqui tem um potencial extraordinário. Então, nós temos que aproveitar todo esse potencial extraordinário do estado para que a gente possa garantir que haja um desenvolvimento da sociedade. E aí, é preciso gerar emprego, gerar renda, e aí precisamos de energia, precisamos de tecnologia, e é isso que nós estamos fazendo.

Por isso, eu queria, Izabella, dizer que a responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente é um pouco maior até, mas é importante saber que isso só vai dar certo se houver uma combinação perfeita com o estado. Se você tiver um estado que seja um estado que coloque a divergência ao invés da convergência, eu tenho experiência na carne de que isso não funciona. Ou a gente pensa, uma vez na vida, nos interesses do povo e larga a nossa pequenez de lado, ou o povo vai continuar à espera de um desenvolvimento que nunca vai chegar para ele.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero agradecer a vocês. Eu vou sair daqui, vou entrar em outra sala e vou fazer um outro debate sobre a questão do biocombustível, sobre a questão da produção de palma, sobre a questão da produção de biocombustível. O pessoal já está aqui, nós vamos para lá, não tem tanta gente assim... Mas eu queria dizer para vocês o



seguinte: faltam 77 dias para eu deixar a Presidência da República. Eu acho, companheiros e companheiras, que nós precisamos fazer uma profunda reflexão do que nós conquistamos nesse período, acho que nós temos que fazer uma profunda reflexão. Hoje eu estava no estado do Piauí, e eu fiquei sabendo que uma cidade de 20 mil habitantes, chamada Bom Jesus, que há oito anos não tinha e nem pensava em ter universidade, hoje tem uma faculdade com 102 doutores.

Nós, quando entregarmos o mandato, no dia 31 de dezembro, nós teremos inaugurado, no Brasil, 126 extensões universitárias, levando o braço das universidades para todo o país, e teremos inaugurado 14 universidades federais novas, e teremos inaugurado 214 escolas técnicas. Ou seja, nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia aquilo que foi feito em um século.

Isso, isso não é uma conquista do presidente Lula. Isso é uma conquista de vocês. Porque, para que a gente chegasse ao ponto que nós chegamos, nós construímos 72 conferências nacionais. E foram exatamente essas conferências nacionais que decidiram o tipo de política que a gente tinha que implementar neste país: foi conferência da pesca, foi conferência com os companheiros portadores de deficiência...

A aposentadoria dos hansenianos ainda não paga a dívida que a sociedade tem com o hanseniano neste país. Porque é verdade, é verdade que nós demos uma aposentadoria para quem viveu com colônia. Mas tem muita gente que não viveu em colônia e tem uma situação tão ou mais degradante do que alguém que viveu em colônia.

Então, o que nós precisamos – e eu já tive uma reunião com os companheiros lá em São Bernardo – é tentar estender esse benefício para todo mundo que está impossibilitado de trabalhar e que foi vítima da hanseníase, mesmo que não tenha morado em colônia, porque é assim que um país age para poder fazer o processo de reparação com aqueles que tiveram menos, menos, um dia, condições de sobrevivência no nosso país.



Eu sei que nós ainda temos muita coisa para fazer, mas foram vocês que conquistaram, foram vocês que conquistaram. Eu lembro da Conferência da Saúde, eu lembro da Conferência das Cidades, eu lembro da Conferência da Educação, eu lembro da Conferência dos Portadores de Deficiência, eu lembro da Conferência do Negro, eu lembro da Conferência dos Índios, eu lembro da Conferência das Minorias, eu lembro da Conferência dos Direitos Humanos, em que todo mundo falava aquilo que queria falar. Nós não podemos perder esse direito da sociedade ser ouvida. Nós não temos o direito de perder uma coisa que foi uma conquista nossa.

Então, eu acho que esse legado é uma coisa importante para a gente não esquecer. Quando as pessoas perguntam: “Ô, Lula, qual é o legado que você vai deixar neste país?” Eu digo sempre: “O legado que eu quero deixar neste país é as pessoas mais humildes deste país descobrirem que elas podem chegar a ser presidente da República, que elas podem governar este país”. Esse é o legado mais extraordinário.

E isso só é possível quando há uma relação de confiança, quando há uma relação de confiança que nós criamos – até porque eu não estou nessa luta há pouco tempo, ou seja, faz 30 anos, no mínimo, que eu conheço alguns de vocês, 30 anos no mínimo. Ou seja, nós construímos uma relação que pôde permitir que a gente construísse uma hidrelétrica de Belo Monte, coisa que era impossível a gente pensar há cinco anos, era impossível. E nós construímos um projeto em que todo mundo foi ouvido. Até aqueles que, muitas vezes, querem ser moucos, mesmo não sendo moucos, nós ouvimos. Mesmo aqueles que são contra porque precisam ser contra, nós ouvimos.

E a ordem minha para os meus companheiros era: “Não levantem a voz com ninguém e não discutam com ninguém. Convençam. Convençam, discutam e convençam. Porque quando o argumento é verdadeiro, ele é convincente”.

Então eu, eu que estou me despedindo de vocês aqui para ir ali fazer



uma reunião, eu quero, do fundo... Não, olhem, eu quero, do fundo do coração, agradecer. Não pensem que vocês vão ficar livres de mim. Não pensem, porque eu vou continuar andando este país, eu vou continuar fazendo política, eu vou continuar... Eu tenho uma dívida de tomar... Eu tenho, eu tenho uma dívida comigo mesmo, de tomar um banho nas boas praias do Tapajós, lá em Santarém, que Maria do Carmo haverá de me convidar, em 2011, que aí eu posso colocar um *short*, sem preocupação de a imprensa estar tirando fotografia, eu posso tomar uma água de coco e uma cervejinha sem me preocupar que alguém está com fotografia. Aí, eu vou ser cidadão brasileiro e vou poder degustar melhor a relação de amizade que nós construímos nesses acho que mais, acho que mais de 30 anos. Eu acho que foi em [19]80 que eu vim aqui, a Belém, fui a Cametá, na terra do Gerson Peres, fui em um barquinho, daqueles de motorzinho de “poc, poc, poc, poc”, 24 horas até chegar lá, comendo frango com farinha, comendo frango com farinha e tomando água pega lá no rio, até que o barco encalhou em um banco de areia, nós paramos lá de noite, aí tomamos umas canas, porque também ninguém é de ferro. Eu estava com medo de uma arraia, então precisava...

Então, eu, do fundo do coração, eu quero agradecer. Agradecer a extraordinária relação de confiança que nós estabelecemos entre nós. Eu, certamente, virei aqui, porque tem coisa para inaugurar, até o final do meu mandato eu virei aqui. Mas se eu não vier, alguém aqui... então, eu estou me despedindo como Presidente, mas voltarei como cidadão brasileiro, logo, logo, para ver vocês.

Um abraço.

(\$211 A)



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a 2ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Palma de Óleo  
Belém-PA, 14 de outubro de 2010**

**Presidente:** Deixa eu fazer uma fazer uma pergunta para o Pedro. Ô Pedro, para eu entender o que você falou aqui... Isso aqui dá para fazer uma moqueca baiana?

**Presidente da Embrapa:** Moqueca, dá.

**Presidente:** Dá?

**Presidente da Embrapa:** Dá.

**Presidente:** Bem, ô Pedro, eu queria perguntar o seguinte: Hoje é dia 15... hoje é [dia] 14 de outubro. Ô Pedro, eu posso dizer aqui, para a imprensa registrar ali, que, no dia 14 de outubro de 2010, a Embrapa anunciou, na cidade de Belém, no estado do Pará...

**Presidente da Embrapa:** Isso. Pode.

**Presidente:** ...na frente de todos esses produtores, empresários da agricultura familiar e ministros, que a Embrapa conseguiu produzir, com o seu conhecimento científico, uma semente de um dendê... É mais bonito é porque ele é vermelho, o outro não é vermelho; é mais colorido, é mais charmoso. Ou seja, que vocês conseguiram apresentar ao mundo uma semente de dendê chamada BRS Manicoré que está livre da doença do amarelamento fatal.



Amarelamento fatal é... Como é que nós chamamos a nossa anemia, como chama aquela doença que (incompreensível)? Hepatite.

Então, você está anunciando ao presidente da República que a Embrapa conseguiu fazer uma semente de dendê de melhor qualidade do que a que até então existia no Brasil, da que existe na Malásia e da que África e que, portanto, nós vamos produzir 2 milhões de mudas para o próximo ano já. É possível?

**Presidente da Embrapa:** Dois milhões de mudas no próximo ano. A meta nossa...

**Presidente:** Então, para a gente filmar, Pedro – porque (incompreensível) vai ser gravado historicamente –, para a gente filmar, repete bem perto do microfone o que vocês conseguiram fazer.

**Presidente da Embrapa:** Na verdade, é um novo material fantástico, muito mais produtivo, e obviamente que a gente teria que produzir mais sementes, sabe, Presidente, mas acho que 2 milhões a gente pode se comprometer efetivamente de, em 2011, o senhor vir aqui de novo no lançamento dos 2 milhões de mudas prontas para serem levadas ao campo.

**Presidente:** Muito bem. Merece um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração das unidades de coque e hidrotreatamento de diesel da Refinaria Henrique Lage (Revap)**

**São José dos Campos-SP, 18 de outubro de 2010**

Meus queridos companheiros e companheiras,  
Trabalhadores e trabalhadoras da Petrobras,  
Trabalhadores e trabalhadoras da construção civil,  
Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,  
E o nosso futuro deputado federal, Carlinhos Almeida,  
Companheiro Eduardo Cury, prefeito de São José dos Campos,  
Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da Área de Abastecimento da Petrobras,

Nosso querido companheiro Renato de Souza Duque, diretor da Área de Serviços da Petrobras,

Nosso querido companheiro José Lima de Andrade Neto, presidente da nossa querida Petrobras Distribuidora,

Meu caro Hércio José dos Santos, por intermédio de quem cumprimento os trabalhadores e trabalhadoras da Refinaria Henrique Lage,

Companheiros da imprensa,

Companheiros prefeitos, aqui da região: o Hamilton Ribeiro Mota, de Jacareí; o Sebastião... senhor Ernane Bilotti, de São Sebastião; o nosso prefeito de Santa Branca, nosso companheiro Odair Leal da Rocha; eu não sei se tem mais prefeitos aqui presentes. Se não tiver e se tiver, estejam



cumprimentados.

Companheiros e companheiras,

O Gabrielli fez uma síntese do significado do dia de hoje para a família Petrobras e para a nossa querida Revap. Nós estamos aqui, e possivelmente a maioria não tenha ainda noção, Ângela, que os investimentos aqui são da ordem de quase US\$ 8 bilhões – não de reais, de dólares –, para que a gente transforme esta refinaria numa refinaria capaz de produzir coque e capaz de produzir um óleo diesel e um querosene de mais alta qualidade do que o que a gente produzia até então.

A Petrobras nunca informou para a gente, nós também nunca soubemos, mas o óleo diesel com que a gente anda, pelo Brasil afora, é um óleo diesel com um teor de enxofre muito forte: são mais ou menos 1.500 ppm, 1.500, mil, 800. Agora, com essa reforma... esse óleo diesel nosso, certamente não seria feito com essa quantidade de ppm no mercado internacional. E já faz sete anos que a Petrobras vem modernizando todas as suas refinarias para que a gente possa não apenas exportar o petróleo, mas que a gente possa – quando formos autossuficientes – exportar óleo diesel já refinado, com 50 ppm ou 10 ppm, ou menos até, porque eu até queria... Cadê aqueles vidrinhos que eu ganhei? Para mostrar para vocês a diferença... eu não sei se o Zimmermann está com o vidrinho dele aí... mas para mostrar para vocês a diferença do que é hoje e do que vai ficar amanhã, quando estiver pronto. Eu vou falando aqui, daqui a pouco vão chegar os vidrinhos para vocês verem a diferença.

Bem... hein? Não, não, não. Ele é, na verdade... Ah, vai vindo ali. Na verdade, é o seguinte: na verdade, tal como ele é hoje, ele parece aquele óleo que a gente bota na frigideira para fritar o nosso bife de cada dia. Mas dá... dá uma olhada na cor do óleo diesel hoje: é a cor de um óleo em que a gente frita um bife, mesmo. Está aqui, ó. E ele vai ficar assim, ó. Isto aqui, quando os



caminhões estiverem utilizando óleo diesel, não vai ter partículas para a gente respirar e, portanto, a gente vai viver muito melhor e muito mais saudável. Então, eu quero dar parabéns à diretoria da Petrobras, ao Conselho da Petrobras, que resolveu elevar ao máximo possível o padrão de qualidade dos produtos Petrobras, que agora vai valer para os querosenes de aviões, vai valer para a gasolina também, porque está tudo sendo assim. A gente está tirando tudo que é poluente, a gente só não vai beber... deixar o carro beber, beber menos do que a gente.

Bem, esse é um dado extremamente importante: nós já fizemos isso na Replan, já fizemos isso no Paraná, já fizemos isso na Reduc, no Rio de Janeiro, estamos fazendo aqui, já fizemos onde mais? Em Manaus. Já fizemos onde? Minas Gerais. Ou seja, praticamente todas as 11 refinarias da Petrobras estão passando por um processo. Só para vocês terem dimensão: de quando nós tomamos posse até agora, já foram US\$ 23 bilhões investidos para que a gente recupere toda a capacidade da nossa indústria. Esse é um dado muito importante, porque agora nós descobrimos o pré-sal, e o pré-sal também é resultado do aumento de investimento da Petrobras em pesquisas, porque se a Petrobras não investe em pesquisas, ela não iria achar mais petróleo na bacia de Santos ou na bacia de Campos, porque algumas áreas, inclusive, a gente já dava de barato que não tinha mais petróleo. Com novas tecnologias, com novos investimentos, e lá, um pouco mais para baixo, a gente conseguiu achar o pré-sal. E, por conta disso nós decidimos, então, fazer mais quatro refinarias. Vamos ver se está claro: A Clara Camarão, no Rio Grande do Norte, que é uma refinaria para 35 mil barris/dia; vai produzir querosene... já produz querosene. Depois, a refinaria Abreu e Lima, lá em Pernambuco: é uma refinaria para... quantos barris? 230 mil barris/dia. Decidimos fazer uma refinaria em Fortaleza: já legalizou o terreno, já legalizou o terreno... é uma refinaria para 300 mil barris/dia; e decidimos fazer uma outra refinaria em São Luís do Maranhão, que essa é uma grande refinaria... não sei se vai ser tudo



isso, mas ela está projetada para 600 mil barris/dia. O que é isso? Hein? Ah, e tem o Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro que vai refinar... quantos? Cento e sessenta e cinco vezes dois? Trezentos e trinta.

Então, companheiros, vocês imaginam... vocês vejam o que vai acontecer no Brasil por conta do pré-sal: havia trinta anos, havia trinta anos que a gente não investia em uma refinaria neste país. Faz sete anos que a gente está investindo US\$ 23 bilhões para tornar as nossas refinarias bastante modernas e, por conta disso, fazer, além do Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, mais quatro refinarias, que eu já falei para vocês, com investimentos acima de US\$ 50 bilhões, todas elas juntas.

Tudo isso vai gerar muito emprego, vai gerar muita riqueza e vai gerar muitos dólares para o nosso país, porque a gente não quer exportar apenas o óleo cru, a gente quer exportar produtos derivados do petróleo com maior valor agregado, com mais investimento tecnológico, para que a gente possa ganhar mais dinheiro para a conta do Brasil, em dólar.

Bem, além disso, está acontecendo uma revolução no Brasil, e que possivelmente quem está aqui em São José dos Campos... porque não sei se você sabe, José Sergio Gabrielli, São José dos Campos é uma cidade tecnológica, São José dos Campos é uma cidade de alta qualidade tecnológica. Você fica vendo este povo aqui, você pensa que este povo é capiau porque mora a 90 quilômetros da capital? Aqui tem gente fina, meu filho! Aqui tem... aqui... Só falta aqui, para eles serem felizes, um time de futebol da qualidade do Coringão. Só falta (incompreensível). Então... O Coringão está ruim!

Olhem, bem... Agora, por conta disso tudo, é importante vocês saberem o que está acontecendo no Brasil. Nós recuperamos a indústria naval brasileira. A indústria naval brasileira, em 1970, era a segunda indústria naval do mundo. Em 2000, ela só tinha 1.600, 1.700 trabalhadores. Ela tinha 50 mil em 1970. Praticamente destruíram a indústria naval brasileira, a pretexto de



que ficava mais barato para a Petrobras comprar plataforma e comprar sonda para fazer prospecção de petróleo e transportar petróleo lá fora, e a gente passou a comprar em Cingapura, a gente passou a comprar na Noruega, a gente passou a comprar, não sei se na Coreia. A gente passou a comprar nos países de grande capacidade de indústria naval.

Bem, eu estou terminando o meu mandato, mas é importante lembrar que a indústria naval, ela ressurgiu no Brasil como uma luta que nós fizemos em 2002. Em 2002, nós fizemos um desafio a nós mesmos, numa disputa política muito séria, que nós iríamos voltar a construir navio no Brasil, plataforma no Brasil e sonda no Brasil. Naquele tempo, eles diziam que eu estava blefando, que eu estava mentindo, porque nós não tínhamos engenharia para fazer aqui as plataformas, nós não tínhamos aqui para fazer cascos, não tínhamos tecnologia. Nós fomos para um debate, chamamos os engenheiros da Petrobras, não os engenheiros que estavam trabalhando na direção porque aqueles, naquele tempo, não acreditavam. Mas nós chamamos o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, chamamos o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, chamamos parte da indústria naval e a engenharia da indústria naval, chamamos os sindicatos de trabalhadores da indústria naval, e firmamos um pacto de que era possível a gente fazer plataforma aqui.

Pois bem, companheiros e companheiras, hoje a indústria naval brasileira já está outra vez com 50 mil trabalhadores aqui no nosso país. E não apenas no Rio de Janeiro, como era antes. Agora nós temos estaleiro em Pernambuco, nós estamos estaleiro em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, estamos pensando em fazer mais estaleiro na Bahia, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, em Alagoas. Tem gente que agora quer fazer mais estaleiro, porque nós estamos provando que é possível a gente fazer aqui no Brasil aquilo que a gente importava. É verdade que nós tivemos que fazer uma boa conversa com a nossa querida Petrobras, porque a Petrobras, ela tem que pensar como empresa também e, ao pensar como empresa, às vezes, para



ela, seria mais barato e mais cômodo comprar uma plataforma em Cingapura. Seria US\$ 100 milhões mais barato para ela, US\$ 150 milhões mais barato. Ora, do ponto de vista da empresa, seria melhor. Ora, mas vejam só, por conta de 150 milhões a gente comprar uma plataforma lá fora, a gente não estaria gerando a quantidade de empregos que estamos gerando no Brasil, a gente não teria recuperado a engenharia brasileira, a gente não teria recuperado a capacidade de produção da indústria brasileira. E hoje, hoje é com muito orgulho que nós inauguramos a P-57 na semana passada, no Rio de Janeiro, e junto com a P-57 nós inauguramos mais uma parte do Cenpes, que é o Centro de Pesquisas da Petrobras, que é o mais importante centro de pesquisa da indústria de petróleo do Hemisfério Sul e um dos maiores do mundo. Dali, certamente, nós teremos algumas centenas de gênios que vão produzir sabedoria para a Petrobras, que hoje é a segunda empresa de petróleo do mundo, e é importante a gente dizer alto e bom som, e repetir a toda hora: quando nós assumimos o governo e vocês assumiram a direção da Petrobras, o valor patrimonial da Petrobras era de pouco mais de... era de US\$ 15 bilhões. Hoje o valor patrimonial da Petrobras é apenas de US\$ 220 bilhões, portanto, algumas vezes mais.

Então, companheiros, o futuro que nos aguarda é muito importante, o futuro para a indústria petrolífera... Nós, agora, na semana que vem – acho que no dia 28 ou dia 29, não pode ser antes do dia 28 –, nós vamos pegar um helicóptero – eu, com um medo desgraçado porque tenho medo –, vamos entrar mar adentro – 300 quilômetros dentro do mar, num helicóptero – e vamos pousar o helicóptero numa plataforma que está lá no bloco de Tupi, lá no poço de Tupi, e nós vamos arrancar o primeiro petróleo lá de Tupi. A Petrobras tem um esquema de segurança, todo cheio de frescura, porque por mim, eu até tomaria banho de petróleo, mas eles acham que não pode. Porque... Vocês sabem o que eu fico imaginando? A gente ir buscar petróleo a quase 7 mil metros de profundidade, uma coisa que estava guardada há 160



milhões de anos, ou seja, é uma coisa quase impensável de a gente acreditar. E eles ainda vão me dar de presente – eu pensei que iam trazer hoje e não trouxeram – as pedras. Eu não sei se vocês sabem como é que o petróleo fica. É como se fosse uma esponja de lavar louça, mas é uma pedra dura, e aquilo está cheio de petróleo, dentro daquela pedra. Antigamente eu pensava que era um poço, que ia lá, que nem um poço d'água, estava o petróleo... Não. O petróleo está dentro de uma pedra. É como se fosse uma esponja dura cheia de petróleo. Aí a pressão é que faz ele sair. E eles vão me dar essa pedra cheirando a petróleo. Eu não sei qual foi o dinossauro que morreu, que deixou aquele óleo lá, mas eu vou guardar com muito prazer esse petróleo.

Eu acho que a Petrobras... se a gente analisar o que aconteceu com a Petrobras desde [19]53, a gente vai perceber que essa empresa que nasceu desacreditada, essa empresa que até [19]80 só fazia prospecção de 181 mil barris de petróleo, essa empresa que muita gente tentou vender, essa empresa que muita gente tentou mudar o nome dela, essa empresa que muitos editoriais, na década de 50, diziam que o Brasil não tinha que se meter a procurar petróleo, essa empresa chega em 2010 se transformando na segunda empresa de petróleo do mundo, motivo de orgulho para cada um de nós, brasileiros.

Eu não vou dizer “nunca antes na história do Brasil”, não vou dizer porque nunca antes na história do Brasil, se pegar todos os presidentes, se pegar o Imperador Dom Pedro II, Dom Pedro I, se pegar Pedro Álvares Cabral, todos eles juntos não foram a todas as refinarias, como eu fui desde que tomei posse no governo.

Portanto, companheiros e companheiras, eu, ao... ao inaugurar... Olhem, ao inaugurar esta planta da Revap, eu saio daqui, e daqui a 74 dias, daqui a 74 ou 73, eu estarei deixando o governo. Mas eu saio do governo... Ô gente, gente, é que isto aqui é um ato institucional, portanto, a gente não pode falar de campanha aqui, tá? Não, é porque depois alguém escreve uma matéria,



vem um processo, e, então, é importante...

Eu saio daqui, eu saio do governo com a sensação de dever cumprido, com a sensação de ter criado, talvez, a mais importante relação que um presidente já teve com o movimento sindical. Eu saio com a sensação de ter feito a maior relação com o empresariado que um presidente da República já fez neste país. Eu saio com a sensação de ter feito uma relação extraordinária com os catadores de papel do nosso país. Eu saio com a sensação de ter feito uma relação extraordinária com os trabalhadores rurais deste país. Eu saio com a sensação de ter feito uma relação extraordinária com o conjunto da sociedade brasileira.

Mas eu saio com a sensação do dever cumprido, de que nós fizemos muita coisa, mas que ainda há muita coisa para ser feita, porque a gente não consegue, em apenas oito anos, consertar os desmandos de 500 anos neste país com a parte mais pobre da população. Saio com a sensação, Gabrielli, saio com uma sensação gostosa, porque quando eu entregar a faixa, no dia 31, eu já sou... eu serei o presidente da República... veja a contradição e veja o paradoxo: eu serei o presidente da República que mais fez universidades na história do nosso país. São 14 universidades federais novas, são 126 extensões universitárias por todo o interior do país, são 214 escolas técnicas. Em oito anos nós fizemos uma vez e meia tudo o que foi feito em cem anos. Nós fizemos uma vez e meia em apenas oito anos.

Nós fizemos o PAC de Ciência e Tecnologia, em que investimos R\$ 41 bilhões. Vamos chegar, no dia 31 de dezembro, utilizando os R\$ 41 bilhões. O Brasil já passou a Rússia e a Holanda na publicação de artigos científicos em revistas especializadas. Nós conquistamos a Copa do Mundo, nós conquistamos as Olimpíadas, e eu espero que a gente possa conquistar a quantidade de medalhas... Hoje à tarde eu vou participar de um ato com a Petrobras, em que ela vai patrocinar o esporte, vai patrocinar e investir... Eu espero que depois desse patrocínio de esporte de alto rendimento para as



Olimpíadas, a Petrobras perceba que o Corinthians é de muito alto rendimento e ela resolva, então, acreditar. Você veja que o...

Olhem, então, companheiros, eu quero... Deixa eu dizer uma coisa para vocês. Ontem, ontem eu vi o jogo Corinthians e Guarani. Eu sofri, sofri, porque o Ronaldão, depois de tantos meses sem jogar, ele ainda teve gol anulado, coitado, e ainda... O juiz garfou a gente, mas não tem problema. Mas o pior foi aquele gol que o nosso lateral direito perdeu, com um passe do Ronaldão. Depois eu vi o jogo do Santos e do São Paulo, e eu achei um jogo extraordinário. Acho que aquele pênalti no Neymar não foi pênalti, e como Deus escreve certo por linhas tortas, permitiu que o São Paulo marcasse aquele golzinho, para a alegria do meu neto que estava do meu lado, chorando com o gol do Santos.

Então, companheiros e companheiras, é bom brincar um pouco, porque também só falar coisa séria, coisa séria, coisa séria... Eu queria dizer para vocês da minha alegria, da minha alegria profunda de ter trabalhado esse tempo todo com a Petrobras, dizer que o companheiro José Sergio Gabrielli, este moço, quando eu indiquei ele para presidente da Petrobras, as pessoas diziam que o mercado não ia concordar. Hoje eu não tenho medo de dizer, na frente dos trabalhadores da Petrobras, que o José Sergio Gabrielli é o melhor presidente que a Petrobras já teve, não tenho dúvida de dizer, pelo carinho que eu vejo as pessoas tendo com ele... Eu quero, José Sergio Gabrielli – não vai ter mais nenhuma refinaria para a gente visitar até o final do mandato –, eu quero dar os parabéns a você, ao Duque, ao Paulo Roberto, ao Lima, a toda a diretoria, e dizer que a Petrobras, se seguir nesse ritmo, ela será não apenas motivo de orgulho para nós, brasileiros, mas ela continuará sendo, por muitas décadas e por séculos, a paixão nacional, porque é uma empresa que nós temos que ter motivo de orgulho, é uma empresa que nós temos que ter motivo de orgulho porque a Petrobras, em qualquer parte do mundo, ela é respeitada, e quando ela é respeitada, quem é respeitado é o Brasil.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Um grande abraço, Petrobras. Um grande abraço, companheiros trabalhadores. Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação “As Empresas mais admiradas do Brasil”, promovida pela revista Carta Capital**

**São Paulo-SP, 18 de outubro de 2010**

Meus queridos companheiros ministros Guido Mantega, da Fazenda; Carlos Gabas, da Previdência Social; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Orlando Silva, do Esporte,

Meu querido companheiro Roberto Requião, ex-governador do Paraná e futuro senador da República, e sua digníssima esposa,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Deputados federais: meu querido companheiro ex-ministro, ex-presidente da Câmara, Aldo Rebelo; André Vargas, do Paraná; Brizola Neto, do Rio de Janeiro; e Carlos Zarattini, de São Paulo,

Companheiro... Aliás, Brizola Neto, parabéns pelo teu blog,

Quero cumprimentar o companheiro Mino Carta, querido companheiro diretor da redação da revista Carta Capital,

Quero cumprimentar a companheira Manuela Carta,

Quero cumprimentar o companheiro Abilio Diniz,

Quero cumprimentar o companheiro Roberto Setúbal, por meio de quem cumprimento todos os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes,

Cumprimentar os nossos amigos e amigas aqui presentes,

Mino, primeiro, eu quero te dar os parabéns pelo exercício da democracia, coisa que eu não posso exercitá-la tão livremente como você exercitou hoje, da tribuna, porque quem está falando aqui não é o Lula, mas é a instituição Presidência da República, e eu preciso ser mais comedido do que Vossa



Excelência no uso da palavra. Mas assinaria *ipsis litteris* o que você falou. E como faltam apenas 74 dias, 75, 72 – estou perdendo a conta – para que eu deixe a Presidência da República, Mino, eu vou dizer muitas coisas, depois que eu não for mais presidente, sobre liberdade, sobre democracia, e sobre o gostoso exercício de governar este país.

Eu estava ali sentado ao lado do Mino, ouvindo as palavras do Abilio Diniz. O Abilio Diniz, que em 1989 foi uma das figuras expoentes das eleições sem ser candidato, sem definir em quem ia votar, mas o Abilio tinha sido sequestrado em 1989, e ele foi liberado exatamente no dia ou na véspera do processo eleitoral, em 17 de novembro de 1989, momento em que tentavam vestir, no Abilio Diniz, ou convencê-lo de que era preciso colocar uma camisa do PT para dizer que era o PT que o tinha sequestrado. E hoje, depois desse episódio todo, eu tive uma relação de ódio com os sequestradores do Abilio Diniz – dez anos de ódio, Abilio –, e, já no final do governo passado, eu tive o privilégio de interceder junto ao governo passado, que não compensava o governo terminar com a morte dos sequestradores do Abilio Diniz, que estavam entrando num episódio de greve seca, ou seja, uma greve de fome sem beber sequer água, o que os levaria à morte fatal. Eu fui à cadeia conversar com eles e fui ao Palácio do Planalto conversar com o presidente, no dia 31 de dezembro, e fui conversar com o ministro da Justiça que não compensava. Era preciso que a gente pactuasse um jeito de não precisar morrer ninguém.

Hoje, te ouvindo fazer este discurso aqui, Abilio, eu, que estou no final de um mandato de oito anos, curtíssimo – longuíssimo para quem era oposição, mas curtíssimo para mim, que estava no mandato –, eu sou obrigado a dizer que vale a pena a gente acreditar no ser humano, vale a pena a gente acreditar nas pessoas, vale a pena a gente construir as possibilidades que a vida nos oferece. Eu acho que, possivelmente, aquele sequestro tenha servido de lições e de reflexões para você, tenha servido de acúmulo de ódio para mim.

Durante muito tempo eu achei que eu tinha perdido as eleições por conta



daquilo. Depois eu passei a agradecer a Deus o fato de eu ter perdido as eleições e ter ficado 12 anos esperando para chegar à Presidência da República. Cheguei mais calejado, mais preparado, mais desaforado, mais ousado e vencedor de muitos dos preconceitos que se jogava contra mim. Eu lembro que nos momentos de crises profundas, em que alguém colocava dúvida sobre a economia brasileira, eis que tocava o telefone do Palácio do Planalto, era o companheiro Abílio Diniz dizendo: “Presidente, não se preocupe com as mentiras que estão sendo publicadas, porque nós estamos vendendo muito e o povo pobre está tendo acesso ao consumo de alimentos, coisa que não tinha antes”. Aquilo para mim, Abílio, era minha referência de que as coisas estavam acontecendo no nosso país.

Quero agradecer, aqui, o discurso do Roberto Setúbal. Não haveria nenhuma razão para eu estar agradecendo ao meu companheiro banqueiro, Roberto Setúbal, e ele, meu companheiro Roberto Setúbal, fazer um discurso de agradecimento e reconhecimento das coisas que o nosso governo fez. Eu acho que isso é um pouco da prática republicana deste país, de a gente aprender a superar as nossas divergências, estabelecendo uma relação democrática na diversidade, aprender a conviver com as divergências e aprender a construir um país que todos nós queremos que seja construído.

Eu, Mino, tinha um discurso bem feito, elaborado, de 38 páginas, mas eu tenho um problema com o avião, que se eu falar muito, eu não vou sair de Congonhas, tenho que ir até Cumbica para pegar, porque embora eu seja presidente, eu sou respeitador das regras, e eu não quero levantar voo depois das 11 horas, para não aparecer ninguém dizendo que eu estou desrespeitando uma regra que vale para todo mundo.

Mas, eu queria dizer para vocês que eu espero ser convidado depois que eu não for presidente da República, não sei a que título, porque ex-presidente da República é como vaso chinês. Quando você é presidente, você ganha um vaso chinês, você coloca na sua sala, ele ocupa um espaço imenso. Quando



you leave the Presidency, that vase is not worth anything, and where you will put that vase? In your apartment there is no place to put it. And an ex-president is more or less like a Chinese vase: it has no utility whatsoever. It causes discomfort because everyone wants to know what an ex-president will do, where an ex-president will live, where an ex-president will work, how many councils he will participate in, how many lectures he will give. But, really, an ex-president is not worth anything. He would be worth a lot if he stayed quiet and let the future president govern the country with tranquility, without giving his opinion.

But I, when I finish this mandate, Mino, and my business partners, my journalists and my guests, I finish with a clear conscience, attending to some appeals from Brazilian society. I don't know, Mino, if you know – if you don't know, you will find out, to do an article for the future –, you, who did the first cover of *IstoÉ* with me in 1978, so, there are 20... or better, 30 and a few years ago – hey? Thirty and a few years ago –, I want you to know that when I deliver the Presidency of the Republic on January 1<sup>o</sup>, we will be delivering the Presidency of the Republic with the largest number of federal universities realized by a president of the Republic, in the entire republican history. Not only federal universities, but university extensions, which will be 126 university extensions throughout the national territory.

You will receive... the new president will receive this country with the largest investment in science and technology ever made in the history of this country, with R\$ 41 billion invested until December 31, making it so that Brazil surpasses Russia and the Netherlands in the publication of scientific articles in specialized journals, worldwide. You will see... the person... who will assume the Presidency will receive a country that we have made, in eight years, one and a half times what was done in a century, of technical schools in this country, or, that is, 214 technical schools in eight years, against 140 in a hundred years in this country.



Este país mudou, este país mudou porque nós acreditamos neste país. Este país mudou porque nós tiramos 28 milhões de pessoas da pobreza e elevamos 36 milhões de brasileiros para a classe média brasileira, transformando a população de classe média em mais de 50% da população brasileira, para comprar mais aço do Gerdau, para comprar mais leite da Nestlé, para comprar mais produtos da Natura, para abrir mais contas no Itaú, para comprar mais no Extra, para comprar mais no Pão de Açúcar, ou seja, para comprar mais as coisas que vocês produzem, fabricam e oferecem ao consumidor brasileiro.

Este país mudou porque a indústria naval brasileira, companheiro José Sergio Gabrielli, que na década de 70 era a indústria naval, a segunda do mundo, e que desapareceu nos anos 90, ressurgiu em 2010 com 50 mil trabalhadores, com milhões de dólares investidos pela Petrobras, com a construção de plataformas, de sondas, de navios, de grandes petroleiros e estaleiros construídos neste país.

Este país deu um salto de qualidade porque a construção civil brasileira se recuperou, meu querido Miguel Jorge. Desde o governo Geisel, que endividou este país para que a gente tivesse investimento em infraestrutura, que este país não investia em infraestrutura, Guido Mantega. Este país passou 25 anos pagando dívida para poder sobreviver. Graças a Deus, eu vou terminar o mandato, Mino Carta, podendo dizer a vocês que nós – que cinco anos atrás, na Índia, eu imaginava que um dia o Brasil iria ter US\$ 100 bilhões de reservas –, nós vamos terminar o mandato, Guido Mantega, se você me ajudar, com US\$ 300 bilhões de reservas, para ninguém ter medo de vender para o Brasil ou de comercializar com o Brasil, porque nós teremos dinheiro para pagar as nossas dívidas e não devemos ao FMI. Pelo contrário, eles nos devem, e em vez de eles virem aqui fiscalizar o Brasil, Guido, é você que, de vez em quando, precisa ir fiscalizar o FMI para saber se eles estão fazendo as coisas corretas.



Eu estou vendo, companheiro Mino Carta, a greve na França agora, estou vendo a crise na Espanha, a crise em Portugal, a crise nos Estados Unidos, a crise na Alemanha. Como é que pode um país como a Grécia causar a crise que causou na Europa? Qual é a justificativa econômica, política de um país do tamanho da Grécia levar a Europa a uma crise profunda e sem precedentes, senão a explicação da incompetência política, da falta de liderança, da [falta de] tomada de posição na hora certa, [da falta] de fazer as coisas que têm que ser feitas? E isso, Mino, a gente não aprende na universidade. É a lei da sobrevivência, é a lei da provação todos os dias.

Eu digo sempre: eu governei oito anos, Mino, tendo que provar, a cada dia, a minha existência. A elite brasileira não tem que provar nada. Eles erram, afundam o Brasil e não têm que provar nada. Terminam o mandato, passam três, quatro anos na Europa, vão fazer pós-graduação em Harvard, na Sorbonne, voltam e continuam do mesmo jeito. Eu é que tenho que provar a cada dia que este país tinha que dar certo. Então, vamos entregar este país, Mino, numa condição em que nunca antes na história do país um presidente entregou para o outro nas condições em que vamos entregar: um país em ascensão e não um país em descenso; um país com a classe trabalhadora ganhando mais, com os aposentados ganhando mais, sem tentar fazer na campanha um leilão de benefícios, como eu tenho visto. Ah, como é fácil prometer em eleição! E eu não vejo, não vejo as críticas necessárias à irresponsabilidade. Quando eu queria dar 2% de aumento para os aposentados, eu estava “quebrando a Previdência”. Eu vejo na televisão alguém dizer: “Eu vou dar “tanto” por cento e eu sei como é que faz, e tem dinheiro”. E ninguém fala nada, como se valesse a mentira sobre a verdade, como se valesse a mesquinhez sobre a seriedade que nós temos que ter para transformar este país na quinta, na quarta, na terceira economia do mundo. Nós temos condições, nós temos possibilidades, e nós provamos que é possível.



Eu duvido que tenha um empresário neste país que diga que ganhou menos dinheiro no meu governo do que no governo dos outros, que pareciam ser amigos dos empresários. Eu duvido que tenha trabalhadores que ganharam... – e eu fui sindicalista durante 20 anos – eu duvido que tenha, no movimento sindical, momento da história em que eles ganharam o que estão ganhando hoje. No fundo, no fundo, a junção entre eu e o Zé Alencar, em mil... ou melhor, em 2002, foi aquilo que todo mundo sonhava fazer, que era estabelecer uma harmonia entre capital e trabalho, para poder fazer este país crescer. Quais foram as greves que nós tivemos no nosso mandato, Mino? Quem foi que queimou carros neste país? Quem foi que queimou casa, quem foi que tocou fogo...? Nada! Este país viveu harmonicamente durante oito anos como jamais ele viveu, numa demonstração de que é possível, na medida em que a gente confie no outro, na medida em que a gente trabalhe em harmonia, na medida em que a gente pense no futuro do país.

É assim, meu querido Abilio Diniz, que eu vou entregar este país: os pobres comendo mais, os pobres entrando no shopping, abrindo conta no Itaú, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica, no Bradesco. Os pobres já não são mais tratados como marginais. Eles já podem entrar de sandálias Havaianas num banco e não são tratados como se fossem párias da sociedade. Os catadores de papel de São Paulo têm conta em banco, e tem 220 milhões de empréstimo do BNDES para os companheiros que catam papel.

Eu lembro, Mino, e vou terminar dizendo isso, que um dia eu perguntei ao companheiro Guido Mantega: se nós éramos um país de economia capitalista, por que a gente não adotava uma política capitalista para este país? E perguntei ao Guido Mantega quanto crédito a gente disponibilizado neste país. Meu caro Gerdau, em março de 2003, este país de economia capitalista tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito disponibilizado para 190 milhões de habitantes. Eu, na minha consciência socialista, dizia: que desgraça de país de economia capitalista é este, que o povo não tem capital, que não tem crédito e



que os bancos não emprestam dinheiro para o povo? Pois bem, nós vamos entregar este país, a quem vier depois de mim, com crédito de US\$ 1 trilhão e 600 bilhões. Nós... somente o Banco do Brasil hoje... somente o Banco do Brasil – eu não sei o Itaú, porque você não me contou, Roberto –, mas somente o Banco do Brasil hoje tem todo o crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003. Somente a Caixa Econômica Federal, Guido, tem 175 bilhões. Somente o Banco do Brasil tem 360 bilhões. Somente o BNDES, que emprestava, no máximo, 30 ou 40 bilhões, tem hoje mais de 150 bilhões emprestados, e nós achamos que é pouco.

O Guido sabe que na crise econômica a gente discutiu: este país não sairá da crise, Guido, se não tiver crédito. Trate de liberar compulsório, trate de comprar carteira de banco pequeno, trate de comprar carteira para liberar os bancos menores, trate de fazer com que a gente abra isenção de IPI, de imposto para os produtos de consumo popular. E foi exatamente, Mino, foi exatamente essa política anticíclica que o Guido colocou em prática, junto com o Miguel Jorge, que fez com que este país se sobressaísse melhor do que o império Estados Unidos ou do que a Europa. Eles que sabiam tudo, eles que davam palpite em tudo, eles que sabiam a solução de todos os problemas da Humanidade quando a crise era na América Central, mas quando a crise molhou eles, eles não souberam como resolver o problema.

Então, companheiros e companheiras, primeiro, meus parabéns pelas empresas que receberam os prêmios. Aliás, tem algumas empresas, Mino, que você tem que rever porque tem algumas que ganham o prêmio todos os anos, todos os anos. Nós precisamos mudar aí, tentar... não incluir, não inscrever mais essas empresas nas pesquisas, porque está demais. Tem uma tal de Natura, uma tal de Nestlé, uma tal de Vale do Rio Doce, uma tal de Petrobras, uma tal de Gerdau que todos os anos elas ganham em primeiro lugar, segundo lugar, primeiro lugar, segundo lugar! Se fosse um concurso de Miss Brasil, onde é que a gente ficaria?



Bem, primeiro, dar os parabéns a vocês porque o prêmio que vocês ganharam e os elogios são merecidos. Realmente, eu acho que nós precisamos aprender a gostar das coisas deste país, a valorizar a empresa nacional, a valorizar o trabalhador brasileiro, e eu acho que vocês são a síntese melhor do que a gente tem neste país.

Em segundo lugar, Mino, parabenizar a Carta Capital, e dizer para você da minha solidariedade, porque ontem, ontem uma revista da CUT foi proibida de circular neste país porque trazia a fotografia da candidata Dilma na capa. Eles, que falam em democracia; eles, que falam em liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Eu, por coincidência... não vou dizer qual é a revista, mas eu vi uma revista esta semana, com uma fotografia na capa, que é um acinte à democracia. Vocês riram? Eu nem falei para vocês qual é a revista! No fundo, no fundo, todo mundo sabe da hipocrisia que reina neste país. Todo mundo sabe, mas, muitas vezes, nós fingimos que não é conosco, e só vamos sentir a dor quando for a gente que estiver na capa da revista, porque neste país ninguém tem que provar nada, é só acusar. Acuse, acuse! Depois você não tem que provar a inocência de ninguém. É o acusado, mesmo que inocente, que tem que provar a sua inocência, e quando é provada a sua inocência não sai uma nota no pé de um jornal deste país.

Eu sei, Mino, o que você sentiu, eu sei. Eu sei o que você sentiu quando fez o jornal República, quando fez a revista Veja, quando fez a revista IstoÉ, quando fez o Jornal da Tarde, eu sei, porque neste país, ser sério é um afronta àqueles que governaram este país a vida inteira e nunca agiram com seriedade.

Eu quero dizer para vocês que eu vou terminar o meu mandato com o orgulho de nunca ter precisado almoçar num jornal, numa revista ou numa televisão, nunca. E não faço isso por orgulho, faço isso por independência de não precisar jantar nem almoçar com ninguém, de pedir favor a quem quer que seja para me colocar na última, na primeira ou na página do meio. Eu, a única



coisa que eu quero é que digam a verdade e somente a verdade, contra ou a favor, mas digam apenas a verdade. E enquanto a classe política, Eduardo, não perder o medo da imprensa, a gente não vai ter liberdade de imprensa neste país, esteja certo disso. A covardia, a covardia, a covardia é muito grande neste país. Eu acho que nós estamos construindo uma outra nação, e eu estou dizendo isso no final do meu mandato. Daqui a 74 dias eu não tenho mais imunidade, eu não tenho mais nada, eu vou ser um cidadão livre para poder falar o que eu quiser, quando eu quiser e como eu quiser. E se você quiser, Mino, ainda de sobra, escreverei um artigozinho na Carta Capital, para fazer as coisas que eu acho que tem que fazer.

Parabéns, Mino. Parabéns a todos vocês, e que Deus ajude este país a continuar crescendo e se fortalecendo.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração simultânea de seis usinas hidrelétricas em  
Goiás**

**Catalão-GO, 19 de outubro de 2010**

Bem, primeiro eu gostaria de cumprimentar o companheiro Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás,

Cumprimentar o companheiro José Machado, ministro interino do Meio Ambiente,

Cumprimentar o nosso querido companheiro deputado federal reeleito, Rubens Otoni,

E cumprimentar os deputados federais eleitos, a companheira Flávia Moraes e o companheiro Thiago Peixoto,

Quero cumprimentar o Altino Filho, secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético,

Cumprimentar o prefeito Velomar Rios, de Catalão, e Darci Rosa de Jesus, de Davinópolis, por meio dos quais saúdo todos os prefeitos da região aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Nadalutti, presidente de Furnas,

Quero cumprimentar o Luiz Nascimento, presidente da Camargo Corrêa,

Quero cumprimentar o Frank Feder, presidente da Alcoa,

Quero cumprimentar o Eduardo Bueno, diretor-presidente da Usina Serra do Facão, por meio de quem cumprimento os conselheiros e diretores da Sefac,

Quero cumprimentar o Wilson Marques, coordenador nacional da Federação dos Urbanitários,

Quero cumprimentar, em Cachoeira Alta, o companheiro ministro Márcio



Zimmermann,

Quero cumprimentar a Eline Petroni Caiado Fleury, prefeita de Cachoeira Alta,

Quero cumprimentar o Francisco de Assis Peixoto, prefeito de São Simão,

Quero conversar [cumprimentar] o André Gerdau, presidente do Grupo Gerdau e o Paulo Godoy, diretor-presidente da Alupar. Paulo, se você estiver me ouvindo, eu aqui estava nervoso de ver uma mosca brigando com você no microfone enquanto você estava falando; depois a mosca brigou com o Gerdau, e depois a mosca brigou com o ministro Zimmermann. Se a mosca estiver ainda, por favor, tire-a do palco, ô Paulo Godoy.

Quero cumprimentar ainda o nosso companheiro, senhor Wilmar Bento Severino, prefeito de Itarumã,

O André Luiz Guimarães Vieira, prefeito de Caçu,

O companheiro Ildo, secretário de Energia Elétrica do Ministério das Minas e Energia,

O companheiro Otávio Carneiro Rezende, diretor da Votorantim Energia,

E o senhor Luiz Alberto Kuster, diretor da Rio Verde Energia,

Quero cumprimentar ainda os prefeitos Jerônimo Carneiro Sobrinho, de Nova Aurora; Marco Antônio dos Santos, de Cumari; Wilson Geraldo Sugai, de Itapemirim [Ipameri]; e Paulo César Silva, de Poços de Caldas,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu estou aqui falando com vocês e estou aqui preocupado com o avião. Eu não sei se resolveu o negócio do helicóptero, se nós vamos de helicóptero ou não, por isso que eu estou com um pouco de pressa. Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: não é todo dia que temos a feliz oportunidade de inaugurar empreendimentos do porte destas seis usinas hidrelétricas. Teve governante que passou pelo país muitos anos e não conseguiu inaugurar sequer uma hidrelétrica. Nós estamos inaugurando seis, só no estado de



Goiás. Afinal, estamos falando de obras do PAC que receberam, juntas, investimentos de R\$ 2,9 bilhões, e que vão suprir a demanda de energia de mais de um milhão de pessoas no estado de Goiás.

Essas obras estão sendo inauguradas em um momento no qual o Brasil voltou a investir pesadamente em geração e transmissão de energia elétrica. Fizemos um profundo levantamento de nosso potencial hidrelétrico. Modernizamos o marco regulatório para o setor. Devolvemos ao Estado a capacidade de planejar a longo prazo. E criamos uma grande carteira de projetos na área de energia. Graças a isso, os investimentos públicos e privados em geração e transmissão de energia elétrica, em todo o país, chegaram a R\$ 48,6 bilhões apenas no período compreendido entre 2007 e 2010.

A segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento prevê investimentos totais de R\$ 136,6 bilhões em geração de energia elétrica. Apenas em usinas hidrelétricas serão investidos R\$ 116 bilhões na construção de dez usinas de modelo plataforma e mais 44 hidrelétricas convencionais, 12 delas, meu caro Alcides, aqui no estado de Goiás. Na área de transmissão estão previstos investimentos totais de R\$ 37,4 bilhões, com a construção de mais de 36 mil quilômetros de redes para grandes interligações, linhas e reforços regionais.

O PAC 2 prevê também novidades no quesito preservação ambiental como a instalação de aquecimento solar para o banho em residências. Com um investimento de R\$ 1,1 bilhão, a iniciativa poderá beneficiar 260 mil famílias de baixa renda e chegar, no futuro, a até 2 milhões de beneficiários da segunda etapa do Programa Minha Casa Minha Vida, incluída no PAC 2.

Aliás, gostaria de parabenizar Goiás por ser o primeiro estado no Brasil a superar as metas de contratação de recursos do Programa Minha Casa Minha Vida.

Meu caro Alcides,



Quando o Programa foi lançado, estava prevista a construção de 27.613 casas em Goiás. Mas, até o momento, já foram contratadas junto à Caixa Econômica Federal 33 mil novas... mais de 33 mil novas moradias em todo o estado de Goiás.

Mas não é apenas no setor de habitação que Goiás tem se beneficiado com o Programa de Aceleração do Crescimento. A segunda etapa do PAC em Goiás inclui a conclusão da Ferrovia Norte-Sul, passando pelo Sudoeste de Goiás e chegando até Estrela d'Oeste, em São Paulo. Se Deus quiser, no dia 20 de dezembro nós vamos inaugurar a Ferrovia Norte-Sul até Anápolis. Vai dar praticamente 1.350 quilômetros de ferrovia feitos no nosso governo contra 215 quilômetros feitos nos 17 anos antes de eu chegar à Presidência da República. Duzentos e quinze quilômetros em 17 anos e nós, em oito anos, 1.350 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. E inclui também a continuidade dos trabalhos da Ferrovia de Integração Uruaçu/Lucas do Rio Verde, em Mato Grosso; a duplicação de rodovias federais e a construção do alcoolduto que ligará Goiás a São Paulo. Todas essas obras vão fazer de Goiás um grande entroncamento logístico, com imensas vantagens competitivas no mercado interno e também no comércio exterior. Além disso, o estado também receberá mais recursos para investimentos em habitação popular, saneamento básico, saúde e projetos públicos de irrigação.

No setor energético, o PAC 2 prevê a construção, entre outras, das seguintes usinas e linhas de transmissão: Hidrelétrica Porteiras, na divisa de Goiás com Minas Gerais; Termelétrica Codora, a partir da queima do bagaço da cana-de-açúcar; e linhas de transmissão de energia elétrica interligando as regiões Norte e Sudeste de Goiás a outras linhas de tronco de distribuição.

Meu querido companheiro Alcides,

Meu querido povo de Catalão,

Meu querido povo de Goiás,

Meu querido povo do Brasil,



Davinópolis...

Bem, companheiros e companheiras, eu vou terminar dizendo para vocês que não foi fácil chegar aonde nós chegamos. Eu penso que eu poderia olhar para os empresários que têm investimentos aqui no Brasil e que têm investimentos no exterior, eu penso que eu poderia olhar na cara de qualquer empreendedor que trabalha dentro do Brasil e que trabalha fora do Brasil para que eles constatem, junto comigo, que o Brasil vive um momento, eu diria, de ouro no investimento de infraestrutura, no crescimento econômico e na geração de possibilidades de um continuado crescimento por longos e longos tempos.

Acho que todo mundo sabe que o Brasil nunca foi tão respeitado como é respeitado hoje, aqui dentro e fora do Brasil. Eu vou dizer uma coisa que é uma coisa que muita gente não sabe porque, muitas vezes, a imprensa nem divulga porque também não sabe. Nós recebemos, no Brasil, no mês de setembro, uma entrada de dinheiro de US\$ 16 bilhões, apenas no mês de setembro. É por isso que nós tomamos uma atitude ontem de aumentar o IOF de 4% para 6%, para que a gente facilite a entrada do dólar que venha direto para o setor produtivo e a gente crie dificuldade para o dólar que vem apenas para aplicação na Bolsa ou para especular. É preciso que a gente faça uma separação.

Pois bem, US\$ 16 bilhões era tudo que a gente tinha de reserva quando eu cheguei na Presidência da República e ainda devíamos US\$ 30 bilhões para o FMI. Hoje, em apenas um mês, entrou US\$ 16 bilhões e eu, e eu, que jamais... eu não esqueço nunca e conto isso muitas vezes: eu estava, em 2005, na Índia, quando a Índia juntou US\$ 100 bilhões de reserva. E eu dizia para os meus companheiros de viagem: no dia em que o Brasil tiver US\$ 100 bilhões, nós estaremos chiques. Eu vou terminar o meu mandato, o Brasil com US\$ 300 bilhões de reservas, que é uma garantia enorme que possibilitou o Brasil não entrar na crise americana de 2008, que possibilitou o Brasil não sofrer os danos da crise como sofreu a Alemanha, como sofreu a França, como



sofreu a Itália, como sofreu o Japão e como sofreram os Estados Unidos, que até agora não se recuperaram da crise de 2008.

Este país não só se recuperou, como é um país que este ano cresce mais 7,5% e é um país que não tem volta porque nós estamos determinados – não é predestinados, não –, nós estamos determinados a fazer deste país, meus caros empresários e meus caros trabalhadores... nós temos que recuperar o que nós não conseguimos fazer no século XX, quando o Brasil jogou fora extraordinárias oportunidades de se transformar em uma grande nação porque o Brasil ficava esperando o que os americanos queriam que a gente fizesse ou ficava esperando o que os europeus queriam que a gente fizesse. Nós adoramos os americanos e adoramos os europeus, mas nós gostamos mais de brasileiros e tomamos conta das nossas decisões.

E o Brasil, o Brasil está determinado a se transformar na quinta economia mundial até 2016. Aqueles que duvidam sempre, aqueles que não acreditam neste país, anotem na sua caderneta, anotem o que eu estou dizendo: este país não tem mais possibilidade de voltar ao passado, este país não tem mais possibilidade de ser um país que pensa pequeno, este país não tem mais possibilidade de ser um país onde o povo brasileiro e os trabalhadores [não] andavam de cabeça erguida porque não tinham mais esperança, porque não acreditavam na possibilidade de trabalhar.

Eu vou terminar o mandato gerando 15 milhões de empregos com carteira assinada neste país. E fico, fico muito feliz que o prefeito, quando vem falar aqui, ele não pede nada mais nada menos que a gente transforme a faculdade em universidade, que tinha sete cursos, agora tem 21 cursos, que ele, que ele... antigamente os prefeitos, quando encontravam um presidente da República, ficavam chorando e mendigando ao presidente para dar um dinheirinho para pagar 13º salário ou para pagar folha atrasada. Hoje, quando eu encontro com um prefeito, ele pede uma escola técnica, ele pede uma universidade, ele pede uma estrada. É por isso que eu acredito que este país



vai em frente e vai continuar crescendo, e vai continuar gerando riquezas, e vai continuar permitindo que a gente possa, só em um dia... Hoje inauguramos seis hidrelétricas, uma de 212 megawatts, outras menores, mas um total de 665 megawatts. Faz 20 dias, eu fui a São Paulo inaugurar oito usinas de biomassa, também quase mil megawatts. E assim...

Eu vou voltar aqui para inaugurar 400 casas, prefeito, pode tratar de fazer as casas, que estarei aqui para inaugurar.

Portanto, meus companheiros e companheiras, do fundo do coração, eu quero agradecer aos empresários, quero agradecer a vocês, quero agradecer aos trabalhadores. Eu estou terminando o meu mandato. Mas terminar o mandato não significa que eu vou parar de caminhar por este país e de ajudar a conquistar as coisas que ainda faltam ser conquistadas pelo nosso país.

Um abraço e até outro dia, se Deus permitir. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Fundo de Garantia do Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) e abertura de renegociação dos contratos vigentes**

**Palácio do Planalto, 20 de outubro de 2010**

Ô Fernando Haddad, primeiro, o seguinte. Ontem eu fui a Catalão, no estado de Goiás, inaugurar uma hidrelétrica chamada Serra do Facão. Eis que, estando lá, um prefeito de Catalão me fez uma reivindicação. Nós tínhamos uma extensão universitária lá, tínhamos sete cursos, e depois do Reuni passou para 21 cursos, e eles agora estão gentilmente pedindo que a gente transforme o que era uma faculdade numa universidade, e eu disse que você ia ver isso com bons olhos. E como a UNE não tem mais reivindicação para fazer, não custa nada a gente começar a atender.

Eu tinha dito ao Fernando Haddad que eu não ia falar porque eu tenho uma agenda ainda antes de almoçar. Mas eu penso que o que está acontecendo aqui hoje é um fato marcante para a história do Brasil, marcante para o governo brasileiro, e eu acho que mais marcante para o movimento estudantil do nosso país. Porque eu estava dizendo agora aos companheiros... ao companheiro Augusto que ele não tem que ter vergonha, porque normalmente a gente tem vergonha de dizer: "Atenderam tudo, não falta nada". A gente não tem que ter vergonha de dizer que sem precisar tomar nenhuma cacetada como se tomou antigamente, serem presos como foram antigamente, apanharem e serem perseguidos como foram antigamente, sem serem expulsos de nenhuma universidade, vocês conseguiram quase tudo o que vocês reivindicaram. No plano que vocês apresentaram para mim, vocês conquistaram tudo.

O que é importante é que vocês agora terão... que a nova direção da



UNE, vocês terão que pensar um novo programa. Independentemente de quem seja o governo, vocês têm que pensar um novo programa. E faltava, efetivamente, a gente resolver esse negócio do Fies, faltava, porque era um trabalho muito difícil você convencer... O Nelson Machado hoje está sorridente aqui, mas foi difícil convencê-lo de que o grande problema é que alguém teria que assumir esse papel de fiador. Eu sei que não é uma coisa fácil, o dinheiro não é dele, ele tem que ter responsabilidade na área da Fazenda, faz parte do sucesso do governo a seriedade com que a gente tratou a questão da Fazenda, a gente não fez leilão de políticas públicas. Nós construímos as políticas públicas junto com a sociedade organizada. E essa do Fies, para mim, Fernando, ela coroa, eu diria, o nosso mandato na Presidência da República e a tua gestão no Ministério da Educação.

Eu penso que isso... E é por isso que eu fiz questão de vir falar aqui, para registrar esses fatos. Em época de eleição, notícia boa não interessa muito, o que vale é notícia ruim, não é? Mas é uma notícia tão boa, que eu acho que eu não poderia deixar de falar.

A coisa mais difícil na vida de uma pessoa neste país, em qualquer segmento da sociedade, é arrumar um fiador. Você pode ter a tua vizinha que vai na tua casa todo sábado comer pizza com você, que o marido dela vai na tua geladeira pegar cerveja para tomar, que você diz que é teu melhor amigo do mundo, tal, mas na hora que você precisar de fiador, ele vai criar um obstáculo. Porque, na verdade, não é uma prova de amizade ser fiador, não é uma prova de amizade. Na verdade, é você estar assumindo a responsabilidade por uma coisa que você não tem responsabilidade. E que se der tudo certo, maravilhoso! E se não der, você vai pagar.

Eu lembro que dentro da fábrica, Fernando Haddad, quando um trabalhador ia alugar uma casa, ele precisava de um fiador. Então, normalmente, o cara chegava e o cara perguntava: "Fulano, você quer ser meu fiador? Estou arrumando uma casa ali, eu preciso mudar". "Ah, eu aceito com o



maior prazer, mas você me dá um tempinho para eu conversar com a minha mulher?” Aí, no dia seguinte, voltava o peão e falava: “Minha mulher não deixou”. No fundo, no fundo, era ele que não queria ser, mesmo, e ele jogou a culpa em cima da mulher dele.

Eu acho que essa atitude do Ministério da Fazenda, essa boa vontade do Banco do Brasil, de a gente poder dizer aos jovens brasileiros “Olha, você pode estudar, você vai ter juros baixos, você vai ter uma carência muito grande, você vai ter muito tempo para pagar, e se você ainda prestar determinado tipo de serviço, você não vai pagar” é tudo que nós precisávamos para poder consolidar a tua passagem pelo Ministério da Educação.

Um país em que você tem estados em que 92% dos estudantes universitários estão em escolas particulares merecia o Fies. E o Fies vai fazer com que a UNE seja mais representativa nas universidades privadas, onde é sempre mais difícil fazer política porque vocês ficam reivindicando “a escola pública e gratuita”, e o coitado tem que pagar 1.200, 1.600, 1.800, 2 mil por mês.

Eu acho que agora vocês vão conquistar uma coisa extremamente importante, que é uma maior abrangência. Na verdade, nós estamos universalizando a participação da UNE no movimento estudantil brasileiro. Esse... Além de poder universalizar as possibilidades para que todo e qualquer jovem, independentemente da origem social, do mais humilde, poder estudar. Não tem nada mais forte do que isso.

Eu acho, Fernando, que nós só chegamos onde chegamos porque o Fernando não é uma pessoa que tinha uma tese acabada na sua cabeça. Sabe aquele cara que tem uma tese e tudo que não for aquilo não vale? O Fernando, eu poderia dizer que, na Educação, era uma espécie de uma metamorfose ambulante, ou seja, ele tinha as suas ideias, mas tudo que vinha, que ajudava, ele ia pondo, ia colocando...

E uma coisa fantástica que está acontecendo no Brasil, para você não



esquecer de Catalão, aqui, é que hoje os prefeitos... Eu disse ontem: os prefeitos, antigamente, encontravam com a gente, e os prefeitos reivindicavam uma ajuda do governo federal para pagar o 13º salário, para pagar a folha de pagamento. Hoje, Fernando, 99% dos prefeitos que se encontram com a gente, eles querem ou uma escola técnica ou uma extensão universitária. Então, eu acho que foi... além do ProUni, que foi um gesto de sabedoria, e o Fernando Haddad, num momento republicano muito grande, ele fez questão de dizer que a proposta do ProUni era da mulher dele. Porque, normalmente, o machão esconde: “Como que ela sabia mais do que eu?”. E o ProUni é uma revolução neste país. Eu, que encontro... por onde eu vou, Fernando, por onde eu vou, em qualquer ato que eu participo sempre me aparece um menino ou uma menina agradecendo ao nosso governo pelo fato de estar se formando pelo ProUni.

O Reuni foi uma briga muito grande. Nós somos agradecidos aos estudantes porque vocês estiveram conosco nesse enfrentamento, uma carga ideológica imbecil. Tinha gente que achava que o Reuni iria diminuir a qualidade do ensino na universidade. A prova é que está muito maior. Quando o Fernando Haddad fala de 126 extensões universitárias, eu fico pensando que nesse pouco tempo nós fizemos a Universidade Federal do ABC, fizemos universidade em Santos, em Diadema, em Guarulhos, em Osasco, em Sorocaba... Onde mais? Não, não. Eu estou falando só ali em São Paulo. Você não... Você gostaria que o Fernando Haddad tivesse te elogiado antes das eleições. Se ele tivesse feito ainda esse elogio e se [tivesse] colocado na televisão, você imagine o que ia acontecer com você.

Mas, de qualquer forma, eu não vou falar das universidades. Eu estou dizendo apenas uma região, uma região como a do Grande ABC, que é a região mais rica do país, a gente não tinha uma universidade, uma! Os jovens do ABC, de Osasco, de Guarulhos estavam predestinados a entrar na USP. Como a USP tem poucas vagas para o estado maior da Federação, eles



tinham que ir para as privadas, e aí a maioria não podia pagar.

Então, eu acho que foi um feito extraordinário. O Reuni já dobrou, em um ano e meio, a quantidade de vagas que eram ofertadas, de vagas novas, na universidade federal.

E eu acho, Fernando, que uma coisa que pode te deixar tranquilo é que não tem mais retorno, não tem mais retorno. Não há... não é possível imaginar que alguém ouse parar com essa caminhada da Educação no nosso país. Não é possível, porque as pessoas perceberam que é possível elas terem acesso à Educação. O Brasil percebeu que nós estamos na era do conhecimento e, portanto, investir na Educação é mais do que necessário.

Então, quando a gente pega um orçamento de pouco mais de R\$ 19 bilhões e vai entregar um orçamento com R\$ 70 bilhões, a gente pode dizer: Nós não fizemos tudo que tínhamos que fazer, mas fizemos tudo que vocês reivindicaram. Se tivessem reivindicado mais, a gente teria feito mais.

Eu quero, Fernando, aproveitar... Este talvez seja o último ato que eu participo, de alguma coisa da Educação, nós vamos inaugurar... Ah, o Plano Nacional de Educação. Mas, de qualquer forma, eu quero dizer aqui, na frente da UNE e na frente da Ubes, que eu acho que vocês aprenderam também. Vocês aprenderam porque tudo o que nós construímos foi em uma convivência democrática, ou seja, a gente discutia, não dava certo, discutia outra vez, não dava certo, discutia outra vez, até que a gente se colocava de acordo. Depois, todo mundo ia convencer o Guido, o Guido sempre endurecia um pouco, porque é o papel do tesoureiro. Aí o Fernando Haddad me procurava, a gente chamava o Guido, também dialogava, conversava, sem ninguém falar mais alto do que ninguém, e a gente construía as coisas que deram certo no Brasil.

Portanto, eu acho que é um marco histórico que vocês... Vocês não vão ter a proeza daqueles que antecederam vocês na UNE, que foram presos, que foram torturados, mas vocês (incompreensível) daquela geração que não precisou, por conta da democracia, apanhar nem ser preso, nem ser torturado,



mas aprenderam a conquistar aquilo que foi a razão da luta daqueles que vieram antes de vocês na universidade.

Por isso, parabéns, companheiro Fernando Haddad, por mais este feito. Eu tinha pedido para o Stuckinha gravar a fala do Fernando Haddad, porque isso é uma coisa que eu prezo muito. Prezo muito uma pessoa saber, amanhã, que ele pode no ano que vem começar a estudar. Ô Dida, você não me enrole com esse negócio do Banco do Brasil financiar. Eu quero... Nós vamos fazer... Precisa colocar um número aí, um “zero não sei das quantas” aí, para as pessoas ligarem, que foram atrás do financiamento e não tiveram, para a gente poder acompanhar. Porque uma coisa é a gente vir aqui, tudo bonitinho, anunciar, todo mundo aplaudir. Quando a gente vira as costas a burocracia toma conta, meu filho, e daqui a um ano não aconteceram as coisas.

Então, essa eu acho que é uma tarefa da UNE e da UBES, criar um “zero não sei das quantas” para os estudantes que não conseguirem financiamento ligarem para vocês e vocês cobrarem. Porque nós fizemos assim no Programa de Ciência e Tecnologia. Nós colocamos, em 2007, R\$ 41 bilhões para ciência e tecnologia. Pela primeira vez, a gente tinha construído um programa que não era do ministro Sergio Rezende, era um programa feito pela comunidade científica. E o segundo desafio era a gente utilizar todo o dinheiro. Como você disponibilizar R\$ 41 bilhões e você utilizar o dinheiro? E nós vamos fechar o ano, agora, utilizando os R\$ 41 bilhões.

Qual é o efeito prático disso? O efeito prático disso é que o Brasil ultrapassou a Rússia e ultrapassou a Holanda na publicação de artigos científicos em revistas especializadas. Não é pouca coisa, não é pouca coisa. Nós, que estávamos habituados a ver estudos estatísticos em que a gente estava só para baixo: “O Brasil tem mais miséria, o Brasil tem mais fome, o Brasil tem mais desemprego, o Brasil tem isso...” Você veja, aquele menino chama uma menina de 42 anos de... ele devia... nem a mãe dele ele deveria tratar de “senhora”. Na minha idade, uma senhora de 40 anos é uma menina!



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Você precisa olhar o mundo com um olhar mais contemplativo, e não tão duro assim!

Gente, um abraço, boa sorte e parabéns.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração das novas instalações do Campus Porto da  
Universidade Federal de Pelotas**

**Pelotas-RS, 21 de outubro de 2010**

Vocês... Vocês estão alegres aí porque vocês não estão sentindo o vento que eu estou sentindo aqui no pescoço, viu!

Olha, primeiro dizer para vocês da minha alegria de poder estar aqui, inaugurando mais um pedaço de alguma coisa numa universidade brasileira e, sobretudo, na Universidade Federal de Pelotas.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Antônio Cesar Gonçalves Borges, nosso magnífico reitor da Universidade Federal, e cumprimentando ele eu cumprimento todos os reitores aqui presentes,

Quero cumprimentar os professores, os diretores, as professoras, os alunos, as alunas, os servidores públicos,

O meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O nosso querido companheiro deputado federal Fernando Marroni,

O nosso companheiro Prefeito de Pelotas,

O companheiro Milton Rodrigues Martins, presidente da Câmara,

O nosso querido companheiro, recém-eleito vice-governador, Beto Grill,

O Tarso Genro não pôde vir aqui porque ele esteve comigo em Rio Grande, mas a companheira Dilma está indo a Porto Alegre agora, ele achou melhor ir recebê-la do que ficar comigo, porque ele está pensando no futuro e eu sou o passado, então... (risos)

Quero cumprimentar o querido companheiro Jonas, coordenador-geral do DCE da Universidade Federal,

Quero cumprimentar o nosso querido Paulo Maestro... O companheiro Paulo Medeiros, maestro da banda da Escola Municipal Ferreira Viana,



Quero cumprimentar os companheiros prefeitos aqui presentes. Tem o Prefeito de Canguçu, o Prefeito de Pedro Osório, o Prefeito de Santa Vitória do Palmar, o Prefeito de Jaguarão, o Prefeito de Capão do Leão, o Prefeito de Arroio Grande, o Prefeito de [São] Lourenço do Sul e o Prefeito de Candiota. Devia ter vindo aqui o Prefeito de Chuí, o prefeito de tantas outras pessoas que estão aqui, na Universidade Aberta. Aqui, aqui tem muita gente da Universidade Aberta.

Eu queria pedir permissão para vocês para sair deste púlpito aqui e poder vir aqui para o meio. Olhem, eu queria dizer para vocês que a geração de vocês vai poder contar histórias que a minha geração não pôde contar. Porque houve um tempo, neste país, em que entrar em uma universidade, primeiro, era um privilégio que a gente já sabia quando nascia uma criança, a gente já sabia se ela era uma pessoa que iria chegar à universidade ou não. Aliás, a gente já sabia se ela ia fazer pós-graduação em Paris, em Londres, em Harvard ou onde mais ela quisesse fazer. E a gente também já sabia que tinha uma parcela da sociedade que para chegar à universidade tinha que ralar muito e uma outra parcela que não ia chegar nunca, a não ser que fosse por um milagre. Ou seja, não era destino de uns saberem mais, poderem mais, e outros não poderem nada. Era uma definição de concepção de Estado que era criada neste país. A gente não pode esquecer que até a Constituição de 1823 só podia votar neste país quem tinha no mínimo 150 hectares de terra, alqueires de terra, na verdade. A gente não pode esquecer que até a Constituição de [19]34 mulher não votava. A gente não pode esquecer que a primeira mulher que conseguiu direito de voto foi na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, na Justiça.

Então, a gente tem que lembrar das dificuldades que eram criadas neste país para que um jovem tivesse ascensão. Eu vou dar um exemplo: uma coisa que nós ficamos muito felizes é quando houve a universalização do ensino



fundamental. Foi uma coisa importante no governo passado, universalização. Só que quando as pessoas criaram a universalização, elas não perceberem que depois do ensino fundamental o jovem precisava continuar estudando, e aí o segundo grau era uma dificuldade enorme porque muitas cidades não tinham o segundo grau e as pessoas, depois do segundo grau, não tinham acesso à universidade. O mundo era dividido assim: tinha aqueles que podiam estudar em escolas boas quando o ensino era fundamental e até o segundo grau, escolas bem pagas, escolas de um alto nível educacional, e tinha a maioria dos pobres que era obrigada a estudar em escola pública. Quando chegava ao ensino universitário, ou seja, era um rico que tinha podido estudar em uma escola boa, que ia para a universidade grátis, e o pobre, que não tinha estudado em uma escola boa é que tinha que pagar a universidade para estudar. Ou seja, era o pior dos mundos.

Possivelmente, eu não falo isso, para fazer apologia de não ter o diploma universitário, mas, possivelmente, por não ter um diploma universitário é que eu enxergo a educação com uma visão que algumas pessoas que foram doutores e que governaram este país não tiveram.

A primeira coisa que nós criamos no governo... A primeira coisa que nós criamos no governo foi um conceito, um conceito para que todos os ministros e todos os funcionários ligados ao governo parassem de utilizar a palavra “gasto” quando se tratava de dinheiro para a Educação. Era tentar mudar o conceito, porque você emprestava dinheiro para empresário, era investimento – mesmo que ele não pagasse – era investimento. Você pagava dívida dos agricultores, dos grandes também, era investimento, mas quando você tratava de pagar salário de funcionário ou por dinheiro na Educação era gasto. E aí, se a gente não definir no orçamento da União o que a gente vai fazer com cada coisa, a gente termina dando dinheiro para quem não precisa e deixando com necessidade as pessoas que precisam. Pois bem, então nós proibimos utilizar a palavra “gasto” na Educação, era investimento. O reitor desta universidade



não gastou dinheiro quando fez essa reforma. Ele investiu recursos para formar gente com mais conhecimento para poder tornar o Brasil mais competitivo, mais importante e uma economia muito mais forte. Mas não é apenas isso que nos causava problemas e mais problemas. Também, neste país, criou-se uma concepção de que o mercado iria resolver o problema da educação, ou seja, o Estado não tinha responsabilidade, era o mercado que iria resolver. Olha, só para vocês terem ideia: o estado mais rico da federação brasileira, o estado mais poderoso, que tem quase 40% do PIB, 92% dos estudantes universitários estudam em escola paga, escola privada. Porque só o Prouni, lá em São Paulo, só o Prouni, que tem apenas cinco anos, tem 136 mil alunos em sala de aula agora, e toda a rede pública de universidades de São Paulo só tem 96 mil alunos. Todo sistema USP, Unesp e Unicamp: são 96 mil alunos. Só o Prouni já tem 136 mil.

Então, vejam, companheiros... Ora, na medida em que você estabelece como decisão de governo que a escola pública federal não é uma coisa muito importante, que é o mercado que vai resolver a questão da educação, e você não cria um programa de financiamento para permitir que as pessoas que queiram estudar só comecem a pagar depois que se formarem e começarem a ganhar dinheiro, você, então, não quer que o jovem vá para a universidade.

Bem, essa sociedade, essa sociedade dividida entre quem pode e quem não pode – e a gente já sabia, até pelo sobrenome das pessoas – está acabando no Brasil, está acabando no Brasil. Ainda, ainda falta muito, é importante lembrar, gente. Eu estou terminando o meu mandato e faço questão de contar: em [19]98, foi mandada uma lei para o Congresso Nacional, tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. Ou seja, era o mercado que iria resolver também.

Ora, se o governo não cuida do aposentado, não cuida dos trabalhadores, não cuida das crianças, não cuida dos índios, não cuida da nossa Floresta Amazônica, não cuida das nossas águas, e ainda não quer que



ninguém estude, eu quero saber para que servia o Estado brasileiro, até então.

Possivelmente, possivelmente eu faça parte de uma geração em extinção, porque ninguém nunca me deu nada. Eu fui ganhar o meu primeiro presente de aniversário aos 17 anos, comprado por mim mesmo. Eu comprei uma bicicleta velha, que a desgraçada tinha uma corrente grande, e eu mais descia para colocar a corrente do que pedalava. Eu já estava com as canelas finas de descer da bicicleta para poder... Era muito engraçado eu andar de bicicleta, porque eu não sabia andar com uma mão só no guidão. E, aí, eu comprava sorvete de... picolé, para ir chupando, e como eu não sabia ficar com uma mão só no guidão, o sorvete ia derretendo na minha mão, assim, assim. Eu só chupava quando eu parava para colocar a corrente, que tinha saído da bicicleta.

Pois bem, como eu nunca tive moleza na minha vida, e tudo o que eu ganhei foi às custas de vencer muitos preconceitos, muitas barreiras, eu comecei a pensar como é que seria a cara do nosso governo ao deixar o nosso mandato. Vocês pensam que foi fácil a gente criar o Reuni? Vocês pensam que foi fácil? A gente apenas queria elevar a média de alunos por classe, de 12 para 18, e tinha alguns grã-fininhos que não queriam, que são os mesmos que sempre estudaram, que achavam que era demais 18 alunos por sala de aula, era demais, era demais. Entraram em várias reitorias e quebraram, quebraram, porque “Ah, eu já estou na universidade, por que eu vou querer que entre mais alguém para ocupar um espaço?” Pois bem, o Reuni, em um ano e meio, já colocou uma coisa revolucionária: nós conseguimos dobrar de 113 mil alunos, que era a renovação das universidades federais por ano, a renovação era de apenas 113 mil alunos, e já chegamos este ano a 259 mil alunos, mais do que o dobro.

Vocês pensam que foi fácil a gente criar o ProUni? Foi muita gente contra: “Onde já se viu? O governo federal vai dar dinheiro para universidade particular?”. Acontece que a realidade mostrava que tinha aluno estudando em



escola paga e que nós precisaríamos dar um jeito de ajudá-lo. O que nós fizemos e foi uma coisa inteligente que este moço fez? E ele disse que a ideia foi da mulher dele. Você pensa que é fácil um homem reconhecer quando a mulher tem mérito? Então, ele merece uma salva de palmas porque reconheceu o mérito da mulher dele.

Pois bem, como é que a gente ia fazer o Reuni, o ProUni? Nós, então, resolvemos fazer uma política de fazer um desconto, que eles já não pagavam no imposto que eles pagavam para a gente, e transformar o equivalente a um valor do imposto em bolsa de estudo. São 704 mil alunos que já passaram pelo ProUni. Eu tive o prazer de participar da primeira formatura de 440 estudantes do ProUni médicos, dos quais 40% negros que não tinham chance de estudar neste país. Pois bem, então agora... Veja, é ironia do destino: pensem em um cabra feliz, pensem em um cara que está alegre aqui. Você veja, esta cidade aqui, eu estava andando aqui, vendo os prédios que a universidade está adquirindo, porque o nosso reitor aí não é mole não. Qualquer prédio bonito que você vai na cidade, ele vai lá e vai pegando. E quando ele não tem dinheiro, ele quer que o Fernando Haddad compre, quando ele não tem dinheiro, ele quer que o prefeito dê, e agora, então, que o Tarso vai entrar é que o bicho vai pegar. Ele vai atrás. Ele já falou para mim: "Tem um terreno ali que o Tarso tem que me dá, tem outro terreno ali que o Tarso tem que me dá". Já estava até reivindicando para o Beto Grill. O vice nem tomou posse, o Tarso nem viajou, e ele já estava reivindicando para o vice-governador.

Ora, então eu penso, companheiros e companheiras, que tem uma coisa extraordinária que está acontecendo no Brasil. Eu posso dizer para vocês com a militância política de 30 anos, como dirigente sindical, como dirigente de partido, como candidato, eu posso dizer para vocês que o Brasil vive um dos melhores momentos da sua história.

O Brasil nunca foi tão respeitado no mundo, como ele é hoje. O Brasil, hoje, quando, quando eu cheguei na Presidência o Brasil devia 30 bilhões ao



FMI. Nós pagamos os 30 bilhões, emprestamos 14 bilhões, e hoje o Brasil tem US\$ 300 bilhões de reservas neste país, para garantir o nosso crescimento.

Quando veio a crise econômica dos Estados Unidos e a crise econômica da Europa, que até hoje não se consertaram, eu disse que a crise era uma marolinha, porque eu sabia como é que estava a nossa casa. Pois bem, o nosso país, este ano, vai crescer a mais de 7%; o salário do trabalhador, faz sete anos que cresce, todo ano, acima da média; o desemprego, hoje, saiu o dado do IBGE, era 6,7[%] em agosto, caiu para 6,2[%] no Brasil, e na Grande Porto Alegre o desemprego caiu de 4,6[%] para 4,1[%]. Sabem quanto é nos Estados Unidos? Dez por cento. Sabem quanto é na Europa? Dez por cento. Sabem quanto é na Espanha? Vinte por cento. E hoje este país está vivendo essa situação.

Eu vim agora de Rio Grande, nós fomos inaugurar um dique seco. E quando Rio Grande crescer, vai crescer Pelotas, vai crescer a região toda. Nós estamos fazendo a [BR]392, que é para a gente poder interligar essas duas cidades que simbolizam esta região, para que a gente possa gerar mais empregos. Eu ouvia falar há muito tempo: “A Metade Sul acabou, está tudo desgraçado, não vai ter mais nada”. Aqueles, aqueles vendedores do apocalipse, aqueles caras que se levantam de manhã tão azedos que, se suarem, dá para fazer limonada. Ou seja, as pessoas que não acreditam porque não querem fazer. E não existe mágica, não existe nada de graça. Existe trabalho, existe seriedade, existe compromisso de fazer as coisas.

Quando eu cheguei ao governo, a Petrobras tinha decidido, em 1980, não fazer mais refinarias, porque não precisava. Está fazendo cinco, está fazendo cinco. Na Petrobras dizia, naquele tempo, pela diretoria de 2002, que nós não tínhamos competência para fazer plataforma, nem para fazer sonda. Estamos fazendo plataforma e estamos fazendo sonda neste país. Só a Petrobras vai investir, até 2014, US\$ 224 bilhões.



Então, este país, este país mudou, companheiros e companheiras, e vai mudar, e vai mudar muito mais. Porque, vejam uma coisa, imagine você, imagine você, talvez a bronca que alguns têm de mim, porque eles falam: “Esse peão, esse retirante nordestino vai para São Paulo, vai para São Paulo, vira presidente da República, ele não tem diploma universitário, o Zé Alencar não tem diploma universitário, e esse cara vai deixar a Presidência como o presidente que mais fez universidades, que mais colocou estudantes na universidade, que mais fez escolas técnicas”.

O Fernando é humilde, mas ele não diz as coisas. Não são apenas 14 universidades, são 126 extensões universitárias iguais a esta espalhadas pelo Brasil inteiro, são 126 extensões universitárias. Nós estamos fazendo em oito anos uma vez e meia o que a elite brasileira fez em um século de escolas técnicas neste país. Então, companheiros e companheiras, é importante... Nós, agora, eu espero que a gente lance a pedra fundamental, antes de eu deixar a Presidência, da Universidade Afro-brasileira, é uma universidade que vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, que foi onde começou a primeira libertação dos escravos, e ali é a nossa prestação, a nossa solidariedade a tudo o que o povo africano significa na vida do povo brasileiro, na nossa formação cultural.

Já fomos a Itaipu lançar a Unila, a Universidade da América Latina, que vai ter estudantes da América Latina, professores da América Latina, currículo da América Latina, junto com brasileiros, para que a gente possa aperfeiçoar a integração da América do Sul, sobretudo porque é necessário a gente integrar todos esses países. Mais importante ainda, companheiros e companheiras, é que nós estamos dando um passo extraordinário para mudar o paradigma, porque quem vier depois de mim vai ter que fazer mais, porque...

Ah, o companheiro Fernando Haddad também não falou muito aqui da Universidade Aberta, ou seja, são 700 polos que já estão colocados neste Brasil e nós, agora, vamos estender para a África, sobretudo para os países de



língua portuguesa. Eu estou indo a Moçambique, talvez no dia 10 do mês que vem, para anunciar o primeiro polo da Universidade Aberta, aonde vai se dar aula daqui para Moçambique, com professor de Moçambique vindo para cá, brasileiro indo para lá, depois vamos fazer com Angola, com São Tomé e Príncipe, com Cabo Verde. E na hora em que der certo, a gente vai dizer para os franceses: “Por que não fazem vocês nos países de língua francesa?”. Dizer para os ingleses: “Por que não fazem nos países de língua inglesa?”.

Agora, eu queria terminar, companheiros, dizendo para vocês uma coisa. Eu queria terminar dizendo uma coisa para vocês: olhem, eu quero agradecer a cada mulher, cada homem, neste país. Porque eu passei, passei quatro anos do primeiro mandato numa situação muito complicada. Vocês sabem o que foram os primeiros quatro anos, vocês sabem o que foi a descrença, vocês sabem o que foi o ataque que nós recebemos. Ou seja, nós tínhamos consciência que tínhamos que provar que era possível. O meu grande pesadelo era provar que nós tínhamos competência para governar o país, porque eu pensava sempre assim: se um trabalhador governa o país e ele fracassa, nunca mais a gente vai ter um trabalhador eleito presidente da República neste país, nunca. Porque, fracassou, fracassou. O rico que fracassa, não tem problema, ele fracassa, fica um ano em Harvard, dois anos na Sorbonne, três anos não sei onde, ele volta, ninguém lembra de nada, ele é candidato outra vez. Mas eu, eu não tinha como fazer isso, porque ao terminar o meu mandato, eu vou voltar para o meu apartamento lá em São Bernardo do Campo, a 600 metros do Sindicato, e aquela peãozada não vai me deixar em paz. Então, eu falava: eu não posso errar, toda a minha angústia era não errar.

Hoje, ao terminar o meu mandato, eu sou agradecido à compreensão do povo brasileiro. Às vezes, o povo é exigente. Você viu que o nosso companheiro aqui, agradeceu dois minutos e reivindicou 10 minutos, porque esses bichos aprenderam a reivindicar. O Reitor foi falar um “muito obrigado”, nem terminou o “obrigado”, já estava com uma pauta de reivindicação. O



Prefeito, eu nem desci do avião, o bichinho já estava lá, com uma pauta para mim. Vocês pensam que eu acho ruim? Eu acho extraordinário que o povo seja insaciável no direito de conquistar mais coisas a cada dia. Eu acho extraordinário. Este país seria um país ruim se o povo estivesse omissivo, se o povo estivesse de cabeça baixa, como nós ficamos tantos anos. O povo está de cabeça alta, está com a autoestima elevada. O povo sabe que pode, ele sabe até onde ele quer chegar, e isso é extraordinário.

Eu fiz 72 conferências nacionais, conferência de tudo que é tipo que vocês possam imaginar. Os acertos das nossas políticas não foram porque foram da nossa cabeça, é porque a gente ouvia. A gente ouvia catador de papel, a gente ouvia todas as minorias, a gente ouvia os negros, os índios, a gente ouvia os portadores de deficiência.

Eu lembro, Fernando Haddad, quando eu fui fazer uma reunião com GLTB [LGBT]. Ou seja, o pessoal dizia: “Lula do céu, você precisa tomar cuidado. E as fotos? E se alguém te abraçar, te beijar?” Olha, eu cheguei lá, eu tive uma lição de vida, eu tive uma lição, porque os preconceituosos deveriam dizer para essa gente: “Nós temos preconceito de vocês, não paguem Imposto de Renda”. Ou: “Nós temos preconceito contra vocês, eu não quero o voto de vocês”. Mas na hora de cobrar imposto e na hora do voto, todo mundo tem o mesmo valor. Até pobre é tratado com dignidade.

Ah! Vocês estão vendo aí, na época de eleição. Ah, mas todo mundo fala mal de rico e todo mundo fala bem de pobre! Nunca vi, é um momento de ouro. Se a gente pudesse colocar pobre na Bolsa de Valores, as ações, nessa hora, estariam lá em cima. Mas, na hora, na hora em que terminam as eleições, os coitados dos pobres não são chamados para tomar café, não são chamados para almoçar, não são chamados para jantar. Ou seja, passam quatro anos sem ver o defensor dos pobres. Aí, quando chega a outra eleição, volta tudo outra vez.

Eu tenho orgulho, porque o legado que eu vou deixar neste país não é



universidade, o legado que eu vou deixar neste país não são as estradas, as ferrovias. O legado que eu vou deixar neste país é que eu posso, um dia, quando eu estiver bem velhinho, lembrar que, um belo ano do século XXI, o povo mais humilde olhava o seu Presidente e eles diziam: “Se esse cara foi Presidente, eu também posso ser presidente da República”. É esse o legado.

Então, eu... Então, meu companheiro Reitor, eu estou muito satisfeito de ver o que está sendo feito neste prédio. Meu querido Fernando Haddad, eu sou agradecido pela sua competência. Acho que a história da Educação vai ser medida antes e depois desse moço, acho. E quero, sobretudo, agradecer a compreensão do povo brasileiro. Acho que não tem país do mundo que tenha um povo tão especial quanto o povo brasileiro. Ou seja, é um povo extraordinário, e eu sou agradecido, porque eu não chegaria aonde eu cheguei se um dia vocês não acreditassem que era possível eu fazer.

Então, eu quero, gente... Muito obrigado. Eu ainda virei, eu ainda virei ao Rio Grande do Sul. Eu tenho mais dois meses, vocês sabem que dois meses demoram, agora. Eu ainda tenho muita coisa para inaugurar no Rio Grande do Sul. Eu tenho o tal do túnel da BR-101, vindo de Osório para cá, que é o túnel da perereca. Vocês sabem a história: é o túnel que parou seis meses porque encontraram uma pererecazinha, e a perereca, pararam para estudar se ela estava em extinção. E levou seis meses, e eu não consigo inaugurar o meu túnel, eu quero andar a pé e, se Deus quiser, agora em dezembro eu venho. Agora o túnel está furado, mas para iluminar tiveram que comprar um produto que não tem no Brasil, importaram, e demora para chegar. Eu vou, vou fazer uma plaquinha para a perereca. Vai ser o primeiro túnel em que haverá um agradecimento, uma homenagem do presidente da República à perereca. Porque se tem uma coisa que nós nos damos bem é com as pererecas deste país. E nós não queremos nenhuma morta, nós queremos todas vivas.

Um abraço, gente. Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração do Polo Naval de Rio Grande**

**Rio Grande-RS, 21 de outubro de 2010**

Meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande do Sul,  
Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Rio Grande,  
no Rio Grande do Sul,

Meus... aqui tem time de futebol bom? – “Tem.” – É o Rio Grande? – “É.”  
– E é bom mesmo? – “É bom.” – Será que ganharia do ‘Coringão’? – “Não.”

Bem, então, aqui, meus companheiros do Grêmio, companheiros do  
Internacional. Aqui, eu virei... acabei de virar torcedor do Rio Grande agora,  
pronto.

Bem, eu quero cumprimentar o meu companheiro Fernando Haddad,  
ministro da Educação,

Quero cumprimentar o companheiro Pedro Brito, que acabou de falar com  
você, ministro responsável pelos portos no nosso país,

Quero cumprimentar o companheiro Fernando Marroni, deputado federal,

Quero cumprimentar o companheiro Beto Grill, vice-governador eleito do  
Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli,  
presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro João Carlos Cousin, reitor da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul [Universidade Federal do Rio  
Grande],

Quero cumprimentar o Almirante [Vice-Almirante] Sergio Roberto dos  
Santos, comandante do 5º Distrito Naval,

Quero cumprimentar o Jayme Ramis, superintendente do Porto de Rio  
Grande,



E quero cumprimentar o Renato Espíndola Albuquerque, presidente da Câmara Municipal do Rio Grande,

Quero cumprimentar o Renato de Souza Duque, diretor da Área de Serviços da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Sergio Machado... José Sergio Machado, presidente da Transpetro,

E cumprimentar o nosso companheiro Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível,

E cumprimentar o companheiro Irineu Fagundes, que acabou de falar aqui como representante dos trabalhadores do Rio Grande do Sul,

Bem, companheiros e companheiras, eu estou há dois meses e um tiquinho de dias para deixar a Presidência da República. É a terceira vez que eu venho à cidade de Rio Grande, por conta do estaleiro, por conta do dique seco, por conta dos nossos navios e das nossas plataformas. E é com muita alegria, mas uma profunda alegria, que ao terminar o governo eu descubro que grande parte dos nossos sonhos estão sendo concretizados.

Vocês sabem, muita gente aqui nesta cidade sabe, muita gente aqui neste estado sabe que quando nós dissemos que íamos fazer isto aqui, muita gente não acreditava. Isso, havia uma razão de ser: o povo brasileiro, havia 25 anos que não via o Brasil fazer grandes investimentos e gerar muitos empregos. As pessoas estavam desacreditadas se o Brasil seria capaz de fazer coisas como esta que nós estamos vendo aqui. As pessoas não acreditavam mais que este Brasil pudesse ter soberania, que a nossa engenharia tivesse competência e que os nossos trabalhadores estivessem preparados para vencer os desafios.

Nós éramos uma nação que nos considerávamos quase como seres inferiores. Nós não podíamos nada, os outros podiam tudo. Havia até quem dissesse, neste país, que eu estava mentindo quando eu disse que era



possível a gente fazer as plataformas da Petrobras aqui no Brasil, fazer as sondas da Petrobras aqui no Brasil. Havia quem dissesse que não era possível, que eu estava blefando, e que a Petrobras tinha que comprar de Cingapura, tinha que comprar da Coreia ou de outro país asiático qualquer, porque nós estávamos predestinados a ser incompetentes.

Eu, muitas vezes, meditei se isso era apenas preconceito ou se isso era um jeito de ser de uma parte de uma elite brasileira que não queria, ao longo de cinco séculos, enxergar o valor do brasileiro. Vocês sabem que este país, embora a gente tenha conseguido a nossa independência no dia 7 de setembro de 1822, este país ainda continuou, durante muitas décadas, com a cabeça colonizada. A elite brasileira pensava Europa, a elite brasileira pensava Estados Unidos. Até os reis da borracha, que produziam borracha lá no Acre, mandavam roupa para lavar em Paris, tal era o descrédito, a incompetência e o complexo de vira-lata que tivemos durante muito tempo neste país.

Aqui tem grandes empresários e eles sabem do que eu estou falando. Muitos empresários brasileiros estavam percorrendo o mundo para fazer obras lá fora porque não tinha mais obras dentro do Brasil. Engenheiros se formavam e iam trabalhar de analistas financeiros porque não queriam [porque queriam] trabalhar e não tinha mais emprego na engenharia brasileira. Nós, em [19]89, tínhamos 50 mil escritórios de engenharia neste país. Quando eu tomei posse, a gente estava apenas com oito mil escritórios de engenharia neste país. Agora nós estamos recuperando a formação dos nossos engenheiros. Não tinha mais Engenharia Naval, não tinha mais Engenharia Ferroviária. Este país estava predestinado a ser um país importador de coisas que nós, em outros tempos, já tínhamos sabido produzir.

Eu descobri esses dias, meu companheiro Gabrielli, que o Brasil não produz mais trilhos, que a CSN, que fabricava trilhos lá no Rio de Janeiro, desativou a parte da produção de trilhos, e hoje nós compramos trilhos da Polônia, da Itália, da China, o que demonstra claramente o que foi feito neste



país nos anos 80, nos anos 90, até a gente chegar à Presidência da República.

Nós chegamos a ter mais de 39 mil quilômetros de trilhos. Quando cheguei à Presidência, nós tínhamos pouco mais de dez mil funcionando, José Sergio, porque o país primou, depois da entrada da indústria automobilística, por desativar as suas ferrovias, tentando criar a ideia de que era incompatível a coexistência de um sistema de transporte que combinasse o modal, o ferroviário e o transporte rodoviário.

O que nós estamos vendo aqui, companheiros e companheiras, é o renascimento deste país enquanto nação. O que nós estamos vendo aqui é o renascimento de um país que toma suas decisões sem pedir licença ao FMI, sem pedir licença ao Banco Mundial e sem permitir que outros de fora tenham ingerência nas nossas decisões.

Eu venho aqui, companheiros e companheiras, faltando dois meses para terminar o mandato, para dizer para vocês que nos anos 80, eu era presidente de sindicato e, modéstia à parte, um bom dirigente sindical, modéstia à parte. E passei, mais de 20 anos da minha vida, sem ver uma placa na porta de nenhuma empresa com aviso dizendo que precisava de um trabalhador. A indústria naval brasileira, meu caro Fernando Haddad, na década de 70, tinha quase 50 mil trabalhadores aqui no Brasil. E quando eu cheguei na Presidência, ela tinha, apenas, 1.900 trabalhadores. No lugar dos trabalhadores, estavam os ratos. No lugar das máquinas, estava o capim porque quem dirigia este país tinha tomado a decisão que nós não tínhamos competência para fazer isso que nós estamos fazendo agora. Eu venho aqui para poder dizer para vocês que o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] acaba de publicar, hoje, o estado de desemprego no país. Em agosto, nós tínhamos no Brasil 6,7% de desemprego. Agora, em outubro, caiu para 6,2%. É o menor desemprego da história deste país. Os outros, que pensavam que eram melhores do que nós – como os Estados Unidos – tem 10% de desemprego. A Europa, que sempre pensou que sabia mais do que



nós, tem 10% de desemprego. A Espanha tem 20%. E aqui, na grande Porto Alegre, tem só 4,1% de desemprego, em Porto Alegre e na região metropolitana. Isso, estatisticamente, é considerado, no mundo desenvolvido, como se fosse pleno emprego. E aqui, eu estou vendo muita gente como eu, de cabelos brancos. Nós nunca vivemos isso no país nesses últimos 30 anos. E o mais importante, companheiros e companheiras, é que o salário médio dos trabalhadores voltou a subir, outra vez. É que, neste ano, só por conta do 13º salário, vão ser injetados R\$ 102 bilhões na economia brasileira. É mais trabalhador comprando mais coisa para a sua casa, é mais trabalhador levando as coisas para sua família, é mais gente comprando, mais gente produzindo e mais gente trabalhando.

É este o país que nós vamos deixar depois de oito anos de mandato na Presidência da República. Porque uma coisa tem que ficar clara, daqui para frente vocês não podem mais andar de cabeça baixa. Trabalhador não foi feito para bater palmas para político. Trabalhador pode ser um político, ele pode ser o presidente da República.

Eu, meus queridos companheiros, tenho tanta coisa para falar para vocês, mas não posso falar porque em época de campanha eleitoral, o exercício do cargo me obriga a ser mais comedido. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: nós alcançamos uma situação, no Brasil, que eu duvido que tenha alguém de boa fé, mesmo que seja adversário, mesmo que seja grande empresário, mesmo que seja o mais humilde dos brasileiros, eu duvido que tenha alguém neste país que tenha coragem de dizer que o nosso país já viveu um momento tão singular e extraordinário como nós estamos vivendo.

Antigamente... ontem, eu recebi a seleção de vôlei do Brasil, que foi tricampeã mundial. Aqueles moleques do meu tamanho, 2,17 metros, 2,18 metros. Eu estava lembrando para eles que algum tempo atrás o Brasil entrava para jogar com os Estados Unidos e a gente já perdia na semana. “Ah, os Estados Unidos são invencíveis!” Nós já entrávamos lá, sabe...? Íamos jogar



com a Alemanha, já perdíamos antes. Íamos jogar com a Itália, já perdíamos antes. Íamos jogar com a Rússia, já perdíamos antes. Ou seja, nós éramos... nós tínhamos um comportamento de seres inferiores. Não era porque nós éramos inferiores, era porque aqueles que nos governavam se comportavam de forma inferior. É preciso que a gente compreenda. Hoje, não é mais o Brasil que tem medo de jogar. Hoje, são os americanos, são os europeus, os asiáticos que, quando veem a camisa verde e amarela, eles tremem porque eles sabem que o nosso país é muito competente. E é uma coisa extraordinária, tanto no vôlei masculino como no feminino. Por quê? Porque nós profissionalizamos, José Sergio! O centro de treinamento de Saquarema, no Rio de Janeiro, é o maior centro de treinamento que um país tem no mundo, é a mais importante qualidade de treinamento que tem no mundo. Nós somos tri, tetra, penta campeões infantil, juvenil, ou seja, tudo que é título essa molecada do vôlei ganha, e isso está acontecendo conosco. Nenhuma soldadora, nenhum soldador do Brasil pode se sentir inferior: não tem quem solde melhor do que nós! Pode soldar igual.

Eu, quando trabalhava na Villares, a gente produzia escada rolante, a gente produzia ponte rolante, e quando a gente trazia as peças de lá, que viam do Japão – algumas vinham – a qualidade delas, José Sérgio, era muito inferior a nossa, muito. O trabalhador brasileiro é mais criativo, é mais produtivo e é mais engenhoso na hora de fazer as coisas. Portanto, nós estamos vivendo um dia de glória hoje. Nós estamos aqui vendo o dique seco mais importante do hemisfério sul, nós estamos aqui vendo... Eu nunca vi um guindaste deste tamanho aqui, e olha que eu trabalhava na Villares que era uma indústria pesada, mas o nosso guindaste lá não chegava nem perto deste guindaste aqui, que eu até me assustei. Então, eu penso que nós consagramos não apenas o desenvolvimento da cidade do Rio Grande, do estado do Rio Grande; Pelotas, Marroni, vai ganhar muito com o desenvolvimento de Rio Grande, porque a nossa ideia é recuperar esta região do Rio Grande do Sul que era tido



como perdida por muita gente, que era tido como uma região acabada ou exterminada, por muito tempo. Nós queríamos dizer que muita gente que governou este país deveria ser chamada de exterminadores do futuro, porque o que eles passaram foi desesperança, foi desesperança, muita desesperança, e eu tenho certeza de que a região, que era considerada a mais pobre, a mais desativada do Rio Grande do Sul... eu vou sair daqui e vou lá para Pelotas inaugurar um campus da universidade federal chamado campus Porto, onde a gente vai ter 1.300 alunos estudando, a mais. Aliás, eu quero dizer para vocês que este moço, ontem... vem cá, Fernando, vamos fazer uma dupla aqui. Eu quero... Eu não poderia sair daqui sem dizer a vocês o seguinte: ao deixar o nosso mandato além de criar o ProUni, além de criar o Reuni, além de fazer as escolas técnicas que nós fizemos, ontem nós fizemos mais uma coisa que estávamos batalhando há quase dois anos, que era o financiamento para a juventude brasileira voltar a estudar, e ontem nós anunciamos o Fies [Fundo de Garantia do Financiamento ao Estudante do Ensino Superior-Fies]. Ou seja, as pessoas vão ter financiamento como nenhum outro país ofereceu aos estudantes. Eu queria que você aproveitasse... porque aqui tem muita gente que vai voltar a estudar, se tiver financiamento. Se tiver dinheiro, que ele vá pagar bem pouquinho, muita gente que não se formou vai voltar a estudar.

Então, eu queria que antes de eu terminar, você falasse o que é o Plano de Financiamento da Educação que nós anunciamos ontem.

**Ministro Fernando Haddad:** Bom dia, pessoal. Bom, ontem nós anunciamos mais uma oportunidade para as pessoas frequentarem uma universidade. Como vocês sabem, o presidente Lula dobrou as vagas nas universidades federais e fez o ProUni, que oferece bolsas em instituições particulares, bolsas integrais e bolsas de 50%. Mas, ainda, para uma camada da população que não conseguia bolsa ou não conseguia uma vaga de federal, ficava difícil o financiamento estudantil, por falta de fiador. Muitos estudantes queriam voltar a



estudar, queriam pagar depois de formados, mas não conseguiam um amigo ou um parente para fazer a fiança bancária, para conseguir financiamento. Então, para aquela família que tem um e meio salário-mínimo de renda por pessoa, ou seja, uma família de quatro pessoas que tenha renda de até seis salários mínimos, por exemplo, para essa família está dispensada a apresentação do fiador. A pessoa vai à Caixa ou no Banco do Brasil, volta a estudar, não paga nada durante a graduação, paga R\$ 50,00 por trimestre. Depois tem um ano e meio de carência depois de formado, e depois tem três vezes o tempo do curso para pagar, com 3,4% ao ano de juros, ou seja, juros abaixo da inflação, e não vai mais precisar apresentar fiador. Quem tem essa faixa de renda pode pensar em frequentar uma universidade, porque o governo vai pagar os estudos. Parabéns para vocês.

**Presidente:** É que eu acho que essa informação é uma informação extremamente importante, sabe por quê? Porque um menino ou menina que está com 23, 24, 25 anos, que terminou o ensino... o 2º grau, começou a trabalhar e não tem dinheiro para poder estudar, ele agora vai poder estudar. Ele agora vai poder estudar sem precisar colocar a mão no bolso. Só depois de um ano e meio de formada é que essa pessoa vai começar a pagar aquele dinheiro, com 3% de juros.

O que nós queremos, na verdade, é fazer com que este país, daqui a alguns anos, seja um país que tenha dez, 11... milhões de jovens na universidade para que a gente possa, efetivamente, entrar no mundo dos países altamente desenvolvidos. Eu estou convencido de que o Brasil pode ser a quinta economia mundial nos próximos oito anos, nos próximos sete anos. As condições estão colocadas, o Brasil tem uma oportunidade extraordinária. Somente a Petrobras, ela tem que fazer, até 2014, US\$ 224 bilhões de investimentos. Significa que por trás desses US\$ 224 bilhões você vai ter muitas empresas vindo por este país, você vai ter muitos investimentos em



tecnologia, e você vai criar uma indústria poderosa em torno da Petrobras, por conta da exploração do petróleo e do pré-sal que nós estamos tirando.

Só para vocês terem uma ideia, nós temos quatro refinarias novas em construção, duas para começar e duas já começadas. A do Polo Petroquímico do Rio de Janeiro já foi começada, a de Pernambuco já foi começada, tem uma no Ceará, tem uma no Maranhão e tem uma pequena de 35 mil barris/dia, no Rio Grande do Norte, que já está pronta. Ou seja, a Petrobras, para cada sonda dessas, quantos barcos tem que construir? Para cada plataforma, é preciso construir cinco barcos. Significa que nós vamos ter que contratar mais de 490 barcos de apoio para que a gente possa fortalecer a indústria petrolífera no Brasil. Isso colocado, companheiros, significa... vocês estão lembrados de que quando eu vim aqui, acho que eu fui em outro estaleiro, na P-53, e o pessoal estava angustiado porque a plataforma ia sair do estaleiro, e o que viria no lugar? Aí nós mandamos para cá a P-55. Vocês, agora, vão ter uma coisa diferente. Vão entrar oito cascos de navio para fazer aqui. Isso vai dar quanto tempo de trabalho, aí? Vai dar pelo menos seis anos de trabalho, no mínimo. Agora, até lá, vão entrar mais outros oito. Ou seja, isso aqui vai virar uma produção em série de cascos de navio.

Aí, a cidade de Rio Grande vai crescer, a região vai crescer, conseqüentemente Pelotas vai crescer, o estado do Rio Grande do Sul vai crescer, o Grêmio vai crescer, o Internacional vai crescer, o time daqui vai crescer e o Coringão vai ser campeão!

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser, companheiros!

(\$211A)



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com dirigentes da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq)**

**Palácio do Planalto, 22 de outubro de 2010**

Bem, primeiro eu queria dizer para vocês da alegria de ganhar um presente. Eu ontem estava contando, na Universidade Federal de Pelotas, que o primeiro presente que eu ganhei na vida, eu mesmo comprei para mim, que foi uma bicicleta velha. Eu morava na Vila Carioca, e a desgraçada da bicicleta tinha uma deficiência na corrente, que eu passava mais tempo colocando a corrente do que andando de bicicleta. Então, agora, ao completar 39 anos de idade, eu ganho um carrinho que eu não tive o prazer de ter quando era menino.

Mas vale a pena dizer para vocês o seguinte: nós... Vocês têm contato com o ministro Miguel Jorge, com o ministro Guido Mantega, e vocês sabem da preocupação que nós temos em defender a indústria nacional de brinquedos. Nós somos defensores do livre comércio, nós queremos que a balança comercial brasileira seja a mais diversificada possível, nós não queremos criar obstáculos para a importação. Não se trata disso, trata-se apenas que esse livre comércio, ele funciona bem até que as empresas brasileiras não sejam prejudicadas por um tratamento desigual, sobretudo quando se constata que há uma certa guerra cambial no mundo, e nós, então, precisamos preservar não apenas os nossos empregos e os nossos salários, mas as nossas empresas, para que elas continuem crescendo. Isso, vocês podem ter certeza de que vai continuar acontecendo.

E acho que vocês também precisam se preparar, porque acho que nós vamos ter um Natal muito vigoroso. Ontem... os dados do IBGE mostram uma coisa que há muitos anos a gente não via no Brasil, mostra o desemprego no



Brasil caindo: está 6,2[%]; enquanto nos Estados Unidos está 10[%], na Europa está 10[%], nós estamos com o desemprego de 6,2[%]. Para os padrões brasileiros poderia até ser considerado pleno emprego, no Brasil. Em algumas regiões metropolitanas o desemprego está em 4[%], 4,1[%], o que significa pleno emprego em qualquer país do mundo.

Mas o mais importante é que o salário continua crescendo, e o mais importante é que o décimo-terceiro deste ano vai colocar na economia R\$ 102 bilhões, e uma parte desse dinheiro se transformará na compra de brinquedos, para que os trabalhadores possam presentear as pessoas que eles mais gostam, que são os seus filhos.

De forma que eu penso que todos nós, uns mais, outros menos, mas todos nós temos que ter muito orgulho, neste momento, da situação que o Brasil está atravessando. Eu acho que finalmente nós encontramos um jeito de governar o Brasil, sem o academicismo das teses colocadas em prática, sobretudo na área econômica, e que, quando fracassavam as teses, os prejuízos ficavam por conta daqueles que não tinham nada a ver com as teses. Até hoje, nós pagamos prejuízo do Plano Collor, do Plano Verão, do Plano Bresser, do plano não sei das quantas. As pessoas vão inventando planos e, não hora em que vem a conta, quem inventou já não está mais no governo, não é? E nós fizemos uma opção clara... Vocês, que são empresários, sabem que eu não sei se existiu outro momento na história da relação entre o empresariado e o governo em que houvesse tamanha sinceridade de propostas. Nada precisa ser escondido e nada precisa ser feito na calada da noite. Ou seja, o jogo tem que ser aberto, todo mundo tem que saber o que vai acontecer, todo mundo tem que poder ter capacidade de fazer prognóstico do que vai acontecer no próximo ano, e eu acho que é isso que nós estamos oferecendo à sociedade brasileira.

Oito anos consecutivos, os sindicatos de trabalhadores fazendo acordos com ganho real de salário, o salário-mínimo teve um aumento real de 74%.



Tudo isso significa o quê? Significa mais possibilidade de comprar um brinquedinho e, por isso que eu fico feliz que a indústria de brinquedos no Brasil está se fortalecendo. Então, eu acho que é um bom exemplo ganhar este brinquedo [de número] “um bilhão”, é um estímulo.

Vocês estão lembrados de que quando veio a crise americana do *subprime*... eu não esqueço nunca que no dia 22 de dezembro eu tive que tomar uma decisão muito delicada, que foi a de ir à televisão fazer um pronunciamento, de oito minutos, pedindo para o povo brasileiro consumir, porque havia uma loucura. Eu, de vez em quando, critico as entidades comerciais aí, porque elas fazem pesquisas, elas constatam que está diminuindo o otimismo, elas, em vez de fazer uma publicidade para aumentar o otimismo, eles divulgam que o pessoal está pessimista. Ou seja, é atirar no próprio pé.

Então, eu fui à televisão para dizer ao povo: Olha, a gente tem que comprar, porque se a gente não comprar, aí sim, este país vai ter crise. E, graças a Deus, o povo pôde comprar. E o que é mais importante é que uma parcela pobre da população que antes não podia comprar, aquela parcela que antes andava, no dia de Natal, olhando na loja e não podia entrar para comprar o brinquedo mais simples possível, hoje essa pessoa pode entrar em uma loja e comprar um brinquedo.

Então, eu acho que nós construímos, meu caro, este Brasil, e a gente tem a convicção de que, daqui para frente, a tendência é melhorar cada vez mais. Uma coisa sagrada que para mim está acontecendo no Brasil é que o povo brasileiro aprendeu a gostar de que é possível ele conquistar coisas, ele aprendeu a gostar disso. Não é mais aquele sofrimento, aquele ramerrame, aquela agonia, aquela desesperança, aquele mau humor. Você sente na cara do povo brasileiro uma alegria, um prazer pelas coisas que estão acontecendo no Brasil.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Então, eu quero dar os parabéns à indústria de brinquedos, a Abrinq, e dizer para vocês que eu espero viver muito para ganhar muito presentes deste até o final da vida.

Um abraço e parabéns.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento ao mar da embarcação Log-In Jatobá, da Log-In Logística Intermodal S.A.**

**Rio de Janeiro-RJ, 25 de outubro de 2010**

Não, não, isso aqui... Não, não, companheiros... Não, eu não sei, eu não sei se está tudo... Tem um problema, tem um problema de ritual, aqui, que o Serginho “avacalhou” aqui. (risos)

Olha, companheiros e companheiras, nós temos um problema de horário com a água aí, não é isso? Com a maré. Depois, a gente pode até continuar falando aqui o tempo que for necessário.

Eu queria dizer aos companheiros do Eisa, da Log-In, e aos trabalhadores, ao companheiro Sérgio Cabral, da alegria extraordinária de poder presenciar esta cena que nós estamos presenciando aqui.

Vocês sabem que o último grande navio feito aqui, no Rio de Janeiro, Sérgio, o último grande navio me parece que foi feito em 1987, o grande navio. Ou seja, praticamente alguém tinha tomado a decisão de que os trabalhadores brasileiros não estavam qualificados para construir navio, para construir sonda, para construir plataforma. E alguém tomou a decisão que era mais fácil comprar as coisas em Cingapura, na Coreia, na Noruega, ou seja, em qualquer outro país, porque as pessoas não levavam em conta que um país do tamanho do Brasil, com a costa marítima que tem o Brasil, com a capacidade de comércio que tem o Brasil, não poderia ficar tendo um déficit na sua conta comercial, na questão do frete, de mais de US\$ 8 bilhões anuais.

Ora, quando a gente vem aqui inaugurar um navio, qual é o nome do navio? Jatobá, numa homenagem a uma árvore brasileira que muitas vezes já esteve quase em extinção, eu acho que é uma coisa sagrada, porque o que a gente está vendo aqui, Sérgio Cabral, é a construção não de um navio, é a



construção de uma nação. Uma nação, ela é feita por homens e mulheres. Uma nação é feita por pessoas que trabalham, por pessoas que estudam, por pessoas que levam, como resultado do seu trabalho, o pão para dentro de casa, que veste as suas crianças.

E nós estamos vivendo hoje um momento extraordinário: esta semana, o IBGE publica os números de desemprego no Brasil. E nós temos, no Rio de Janeiro, o menor desemprego da história do Rio de Janeiro. E o que é mais importante é que se o desemprego é o menor, é a melhor média salarial dos trabalhadores nos últimos tempos, porque faz oito anos que os trabalhadores fazem acordo ganhando além da inflação, um aumento real de salário.

Quando a gente, Sérgio Cabral, quer enfrentar a violência, quando a gente vê as pessoas querendo mais segurança, nós sabemos que é preciso preparar mais policial, que é preciso fazer o que você fez, mandando a polícia ocupar determinados lugares para tirar os bandidos e deixar as pessoas decentes morando lá.

Mas a coisa mais sagrada, Sérgio, para a gente derrotar os bandidos, é a gente gerar milhões e milhões de empregos como esses que nós estamos gerando aqui, milhões de mulheres e homens trabalhando. Porque quando a gente trabalha, que leva para casa o sustento, ninguém tem necessidade de roubar de ninguém, pelo contrário, a gente vai construir uma nação soberana, uma nação livre e uma nação orgulhosa.

E eu posso dizer para vocês: não vão faltar mais empregos nos estaleiros, porque a quantidade de navios que só a Petrobras tem que contratar, até 2015, vai deixar o Hermann muito feliz, vai deixar a Log-In feliz, vai deixar a Eisa feliz, vai deixar todos os estaleiros felizes. E nós sabemos que no dia 19 eu tenho um outro navio para inaugurar, da Petrobras. Mas nós temos mais plataformas, nós temos mais sondas, nós temos mais navios. E, assim, quando os filhos de vocês nascerem, eles vão ter orgulho deste país ter recuperado a sua indústria naval que, nos anos 70, tinha quase 40 mil



trabalhadores, que em 2000 tinha menos que dois mil trabalhadores e que, agora, já temos 50 mil trabalhadores, outra vez, trabalhando nos estaleiros.

Eu não sei se já está na hora, Hermann, de soltar o bicho. Eu estou segurando, eu estou segurando, mas a minha força tem limite, meu caro. Eu estou segurando aqui. Está na hora? Gente, meu braço está doendo, gente, eu não aguento mais. Ah, mas espera aí, mas a madrinha vai ter que estourar o champanhe ainda. Ah, gente...

Companheiros e companheiras, olhem, o Sérgio Cabral conseguiu “avacalhar” a nossa solenidade. Mas eu, eu queria dizer para vocês uma coisa em alto e bom som, para vocês ouvirem: eu quero agradecer, agradecer do fundo do coração, este companheiro ter sido reeleito no dia 31, ou melhor, no dia 3, no dia 3 este companheiro foi reeleito. Eu acho que este companheiro, ele fez bem para o Rio de Janeiro, ele faz bem para o Rio de Janeiro, e é muito importante que este companheiro continue governando, para que ele possa recuperar a imagem do Rio de Janeiro. Nós não queremos mais o Rio de Janeiro aparecendo na televisão apenas nas páginas e no noticiário de criminalidade. O Rio de Janeiro é mais do que isso. O Rio de Janeiro, a cidade é a mais bonita do mundo, as praias são as mais bonitas do mundo, o povo é o mais alegre, mais bonito e mais simpático do mundo. Portanto, eu acho que só falta esse navio para a gente poder completar a nossa alegria e, depois, ouvir o discurso de quem ainda tem que falar aqui.

Companheiros, por favor, alguém venha coordenar aqui, porque eu já não sei mais o que falar. Eu passo a palavra para o seu Manoelzinho aqui.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de unidades do programa Minha Casa, Minha Vida para famílias atingidas pelas chuvas de abril no Complexo do Alemão**

**Rio de Janeiro-RJ, 25 de outubro de 2010**

Bem, meus queridos companheiros e companheiras do Rio de Janeiro,  
Meus queridos companheiros e companheiras do Complexo do Alemão,  
Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua querida companheira Adriana Ancelmo Cabral,

Minha querida companheira Marisa,

Meus companheiros ministros Marcio Fortes, das Cidades; Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência; Franklin Martins, da Comunicação Social, e o nosso companheiro Eloi Ferreira de Araujo, ministro da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador e braço direito e esquerdo do companheiro Sergio Cabral,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro senador reeleito, Marcelo Crivella,

Quero cumprimentar a deputada federal Cida Diogo; deputado Jorge Bittar. Feliz aniversário, Jorge Bittar. Você, para quem aparenta 80 anos, está novo, parece que tem 70 [anos].

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o senador eleito Lindberg Farias,

Quero cumprimentar as deputadas federais, a deputada federal eleita Benedita da Silva e o deputado federal Washington Reis,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, a nossa companheira presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar os vereadores aqui presentes, os secretários



municipais, os secretários estaduais,

Quero cumprimentar os empresários que ajudaram a construir estas obras,

Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras presidentes das associações comunitárias,

Quero cumprimentar a senhora Osana Tomé Soares, representante das famílias beneficiadas,

Quero cumprimentar a imprensa,

E quero, primeiro, Sérgio, agradecer a Deus, porque acho que todo dia, todo dia nós temos que levantar, colocar nossas mãos para o céu e agradecer por mais um dia. Muitas vezes, a gente se esquece de agradecer, muitas vezes, a gente se levanta nervoso com coisas menores, e a gente se esquece que o dom maior é a nossa vida e, por ela, nós temos que agradecer todo dia ao nosso Criador.

Mas eu quero agradecer, Sérgio, não apenas a Deus, mas ao povo do Rio de Janeiro pela tua reeleição. Eu frequento o Rio de Janeiro desde 1975. Aqui no Rio de Janeiro participei de muitas campanhas políticas, conheci muitos prefeitos, conheci muitos governadores, e eu faço questão de dizer para o povo do Rio de Janeiro: a história do Rio de Janeiro será dividida em dois momentos, antes do Sérgio Cabral e depois do Sérgio Cabral, porque o Sérgio Cabral, ele traz dentro da alma dele aquilo que é a alma do carioca. Ele não é um intelectual carioca, ele é o carioca. Ele não é um sambista carioca, ele é o carioca. Em qualquer coisa que você tentar procurar o símbolo de um carioca, está na cara, no jeito e na espontaneidade do companheiro Sérgio Cabral.

Eu quero, de coração, Sérgio, quero, de coração... não precisaria fazer mais isso agora porque eu estou saindo do governo e você está reentrando no governo, porque você conquistou mais um mandato. Então, aqui não se trata de “puxação de saco” porque ele não precisa mais, mas de reconhecimento,



porque eu fui presidente da República quando este estado não tinha o Sérgio Cabral como governador e eu sei o quanto era difícil a gente construir qualquer coisa para trabalhar, aqui no Rio de Janeiro, porque havia sempre a necessidade de contrariar o presidente da República, havia sempre a necessidade de não aceitar a intromissão do presidente da República.

Quando o Sérgio Cabral... e nós nos encontramos em momentos delicados, porque nem ele ganhou no primeiro turno a eleição passada e nem eu ganhei. A gente se encontrou exatamente no segundo turno e a gente assumiu um compromisso. Eu disse no primeiro comício em que eu participei com o companheiro Sérgio Cabral, que se ele topasse, nós iríamos construir a mais importante parceria que o Rio de Janeiro já teria construído com um presidente da República.

E posso dizer para vocês: esse milagre da multiplicação dos pães aqui no Rio de Janeiro se deve à capacidade de interlocução que tem o Sérgio Cabral, que tem o companheiro Pezão, e que tem o Eduardo Paes na prefeitura, que é um outro alívio que vocês deram para vocês mesmos. É como se vocês vivessem com dor de cabeça a vida inteira, uma dor de cabeça crônica, e um prefeito, que parecia muito mais um pavão do que um prefeito, que queria muito mais aparecer, que transmitia ódio o tempo inteiro, que transmitia... que nunca teve a coragem de me receber aqui no Rio de Janeiro. Mesmo quando era para trazer dinheiro para o Rio de Janeiro, ele não me recebia, para ficar no blog dele falando mal de mim, falando mal do Sérgio Cabral.

Pois bem, vocês elegeram o Eduardo Paes, e quando eu digo que vocês tiveram a tranquilidade é porque a eleição do Eduardo Paes é como se vocês tivessem tomado um remédio para acabar com a dor de cabeça de quem agia apenas pensando em si próprio, e elegeram um companheiro que, junto com o Sérgio Cabral, está fazendo uma revolução na cidade e no estado do Rio de Janeiro.



Portanto, eu, como estou a pouco mais de dois meses de deixar a Presidência da República, eu quero fazer esse reconhecimento público. E é por isso, companheiros e companheiras, que eu não sei em que momento da história do Rio de Janeiro um presidente da República pôde vir a um bairro que era tido como complicado, como o Complexo do Alemão, para anunciar que o governo estadual, o governo federal e o governo municipal estão fazendo um investimento aqui de R\$ 832 milhões, é quase R\$ 1 bilhão. Os filhos de vocês, agora, podem estudar em uma escola com ar-condicionado dentro da escola, o que não poderia continuar a ser privilégio dos setores mais abastados. Afinal de contas, não pode o filho de um estar em uma escola com ar-condicionado, e o filho de outro não conseguindo nem escrever, porque o suor molhava a folha do caderno em que ele tinha que escrever.

Portanto, Sérgio, você não está fazendo favor, você está fazendo reparação, reparação ao que o Rio de Janeiro foi submetido a maus governantes durante décadas e décadas, e você está dizendo que é possível fazer as coisas ficarem melhores quando a gente gosta do povo, quando a gente respeita o povo e quando a gente não faz distinção nem pela cor, nem pela idade, nem pela religião e muito menos pelo status social. Eu acho que é isso que é a lição de vida que você está dando ao Rio de Janeiro. Continue assim, meu filho, que o Rio de Janeiro vai te agradecer muito mais, porque eu tenho certeza de que neste segundo mandato você irá fazer muito mais do que fez no primeiro.

Pois bem, companheiros e companheiras, a entrega destas unidades habitacionais significa um novo começo para cada uma das famílias aqui beneficiadas. Por meio do programa Minha Casa, Minha Vida, companheiros como... e companheiras como as companheiras Alexandra de Jesus e Ana Paula Silva estão vendo seus sonhos, que pareciam impossíveis, se tornarem realidade.

Aqui, Sérgio, eu não sei se ela está aqui no meio, mas aqui tem uma



companheira chamada Alexandra, que mora no alto do morro com o marido Daniel e os dois filhos, Michel, de dez anos, e Michele, de 12 anos. A casa em que eles vivem está localizada em uma área de risco, e qualquer chuvinha tirava o sono da família. Com a mudança para o novo apartamento, eles poderão dormir tranquilos, inclusive nos dias de chuva forte. Aliás, dependendo do calor que tiver feito durante o dia, eles vão até torcer – diferente de antigamente – para São Pedro mandar uma aguinha do céu para refrescar as noites cariocas. E o teto seguro que protegerá do sol e da chuva a família da Alexandra, fica perto de uma Unidade de Pronto Atendimento e de uma escola, ou seja, fica perto de uma UPA e perto de uma escola. Eu acho que não tem mãe que não fique contente, sabendo que tem a saúde perto, a escola perto e a moradia perto.

Portanto, a Alexandra está de parabéns. Quando a Michele, a filhinha dela, tinha apenas dois anos de idade, Sérgio, uma cama – que quando chovia, era arrastada de um canto a outro do quarto – caiu em cima do dedinho do pé dela. A Alexandra, como toda mãe zelosa, ficou desesperada e saiu em busca de socorro. Ela perdeu 25 minutos só para descer o morro com a menina nos braços. Essa história teve um final feliz, mas poderia não ter tido. A Alexandra não gosta nem de se lembrar daquele dia e reza para que seus filhos não precisem ser levados com urgência ao hospital. Mas agora ela se sente muito mais segura porque está morando perto de uma UPA.

E como vocês sabem, este companheiro que eu estou falando aqui, o Governador, já inaugurou aqui no estado 39 UPAs... Quantas que já inaugurou? Aí é estado e cidade, é isso? São 39 UPAs. Nós vamos fazer 500 neste país e, certamente, daqui para frente, a gente não vai parar mais, para melhorar a saúde do povo. Quarenta e três já tem aqui no Rio de Janeiro. As UPAs foram criadas para resolver os problemas de saúde mais urgentes e menos complexos das comunidades, desafogando os grandes hospitais, para que possam se dedicar aos casos mais graves.



A Alexandra, que trabalha hoje como manicure, está muito mais segura em relação à moradia e à saúde da sua família, mas ela quer mais, Sérgio. Ela tem consciência da importância da Educação para garantir um futuro melhor, e é por isso que ela quer voltar a estudar e fazer um curso técnico para, daqui a algum tempo, abrir seu próprio salão de beleza. É ela quem diz: “Hoje eu acredito que as coisas vão melhorar cada vez mais”, mas também ela diz que “cada um deve fazer a sua parte”. Uma outra companheira que mora aqui, Sérgio, a Ana Paula, ela e o seu marido, Rodrigo, também estavam contando os dias para receber as chaves do novo lar. Eles são pais da pequena Katlyn Vitória, de cinco anos, que exige cuidados especiais. Devido a complicações na hora do parto, a menina não fala e não anda. Ela veio aqui receber as chaves. Eles moram, atualmente, em uma casa que tem escadas e que fica na área de risco. Embaixo ficava a cozinha e o banheiro, depois a sala. Para chegar até o dormitório é preciso subir mais de uma escada e ainda tem o espaço sobre a laje. Agora, imaginem vocês, que foi aquele primeiro companheiro que recebeu a chave da mão do Sérgio, imaginem que eles vão viver em uma casa como essa com uma criança com problema de saúde, e vai ser muito melhor e muito mais tranquilo. Sem contar que a Ana Paula... o bichinho é esperto viu? O bichinho é esperto, ela já está grávida outra vez! Ela já está grávida, é preciso colocar o Daniel para fazer... o Rodrigo, não é isso, para fazer um cursinho de... Como se chama? Não, vasectomia, não, ele é novo ainda, ele é novo. Planejamento familiar! Planejamento familiar, para ele saber... A filhinha da Ana Paula, me parece que é para fevereiro. Deus queira que nasça bonita, forte, e o Sérgio está querendo que nasça vascaína. Aqui no Rio, a probabilidade de ser flamenguista é maior do que a de ser vascaíno, Sérgio.

Bem, Sérgio, eu estava contando esses dois casos aqui, eu não queria parar de falar antes de contar um outro caso aqui. Eu vi a sua preocupação com relação à questão da segurança. Eu vi a questão.



Veja, eu fico orgulhoso de perceber... Eu estava curioso para saber o que era essa coberturazinha que tem aqui, na frente, que eu falei: não pode ser ponto de ônibus, não pode ser lugar para namorar. O que é isso aí? (incompreensível) “Isso aqui é o lugar para que todo o lixo da comunidade seja juntado aí, para recolher”. Eu achei que é tão chique que no meu condomínio, lá em São Bernardo, não tem isso.

Mas eu queria, Sérgio... Eu vi a tua preocupação e a tua angústia falando da questão da segurança, e eu acho que é importante ter claro uma coisa. Eu disse um dia ao companheiro Sérgio que a gente tem que trabalhar muito para o Rio de Janeiro não aparecer na imprensa nacional apenas nas páginas policiais. É preciso criar a ideia de que o Rio de Janeiro não é um estado de bandidos, não é um estado de traficantes. É verdade que tem traficantes aqui e tem bandidos aqui, mas é verdade que tem em São Paulo, tem em Santa Catarina, tem no Rio Grande do Sul, tem em Pernambuco, tem na Bahia, tem nos Estados Unidos, tem na Alemanha, tem na França, tem no Japão, tem na China, tem em qualquer lugar. Mas nós temos que provar, todo santo dia, que a maioria do povo daqui é povo que vive do seu salário, do seu suor e do seu sangue.

E, portanto, Sérgio, eu quero te dar os parabéns pela coragem que poucos governadores tiveram, na história do Rio de Janeiro, de enfrentar os delinquentes deste estado com a capacidade que você está enfrentando. Tentar subir nos morros, tirar os bandidos sem molestar as mulheres e os homens de bem que lá moram e que lá construíram a sua família, e que lá querem continuar morando, é um trabalho extraordinário.

Eu queria te dizer que você vai continuar tendo o apoio da sociedade carioca, vai continuar tendo o apoio da sociedade brasileira, vai continuar tendo o apoio do governo federal, e eu queria dizer para você: não pare, não pare, porque certamente eles vão começar a te ameaçar, porque não é bom ter gente como você. É melhor ter um facínora como eles governando, para fazer



acordo. E você tem que dizer, alto e bom som: o teu acordo é com o povo trabalhador do Rio de Janeiro e não é com bandido; que só tem um jeito de as pessoas não serem molestadas: é as pessoas serem honestas, trabalhem, como todo mundo aqui no Rio de Janeiro trabalha.

Por isso, companheiro Sérgio, conte conosco. Eu tenho certeza de que o Pronasci vai te ajudar muito, mas a coisa que mais vai ajudar para a gente vencer o narcotráfico ou vencer a bandidagem não é nem a polícia. A polícia é um componente importante. O que vai ajudar é quando as pessoas perceberem que todos eles vão ter escola, todos eles vão ter saúde, todos eles vão ter lugar decente para morar, todos eles vão ter emprego. Aí, não há bandido que consiga vencer a dignidade e a autoestima do povo do Rio de Janeiro, que você está construindo.

Um grande abraço. Parabéns a vocês, parabéns ao Sérgio Cabral, parabéns ao Prefeito e parabéns ao povo do Rio de Janeiro.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de unidades habitacionais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Manguinhos**

**Rio de Janeiro-RJ, 25 de outubro de 2010**

Eu vou economizar tempo aqui, não vou ler a nominata, vou apenas cumprimentar o nosso querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado, e o nosso querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro. E cumprimentando eles, eu cumprimentei todo mundo que está aqui no palanque.

Eu vou ser rápido pelo seguinte: eu tenho um compromisso agora à tarde que depende da maré, porque nós vamos colocar um navio na água, e esse navio... a maré vai estar no ponto de colocar o navio na água, me parece que às quatro e quinze [16h15] em ponto. Então, nós precisamos cumprir a agenda para estar lá às quatro e quinze [16h15], senão nós não conseguimos colocar o nosso navio na água.

Olhem, eu queria dizer para vocês que é a quinta ou a sexta vez que eu venho aqui a Manguinhos. Eu acho que o que nós estamos vendo aqui é apenas uma demonstração de como é possível a gente mudar a vida do povo brasileiro para melhor, se a gente estiver comprometido em mudar a vida do povo para melhor.

Eu quero dizer para vocês que foi uma alegria muito grande governar o Brasil no mesmo período em que o Sérgio Cabral foi governador do estado do Rio de Janeiro, porque ele é uma figura desprendida, ele é uma figura sem interesse pessoal, ele é uma figura que não disputa nada com ninguém, e foi possível a gente construir os grandes projetos para o Rio de Janeiro sem que houvesse nenhum melindre ou nenhuma frescura entre nós.

O que a gente pensava? Vai precisar colocar 500 milhões em



Manguinhos? Vamos colocar. Vai ser preciso colocar meio bilhão no Complexo do Alemão? Vamos colocar. Vai ser necessário fazer elevador em Pavão-Pavãozinho? Vamos fazer. Vai ser necessário fazer teleférico? Vamos fazer. É preciso colocar... melhorar as escolas? É preciso. Então, um governante não tem que brigar com o outro. A briga é na época das eleições. Depois das eleições, todos nós precisamos criar vergonha e governar, porque é para isso que o povo nos elegeu. Então, a primeira coisa é essa.

A segunda coisa é que este conjunto aqui, este conjunto aqui é apenas um exemplo do que está acontecendo no Rio de Janeiro. Vocês estão vendo aquelas casas ali do lado. Aquelas casas ali do lado, as pessoas, Maria Fernanda... E nós vamos ter que pensar, Pezão, Marcio, nós vamos ter que pensar como a gente criar um mecanismo através da Caixa para que a gente possa financiar aquelas pessoas que têm uma casinha num terreno melhor, mas essas pessoas precisam acabar as suas casas, terminar as suas casas, fazer a casinha ficar melhor.

Isso, na verdade, deve estar contido no PAC 2, que é para a gente ver... abrir as ruas, alargar melhor as ruas, permitir que a gente tenha mais quadras para a meninada gastar energia praticando esporte. Nós vamos ter as Olimpíadas em 2016 e um menino de 12 anos, 13 anos, hoje, pode ser um atleta olímpico daqui a seis anos. Nós, então, precisamos criar as condições para melhorar a vida de todo o povo do Rio de Janeiro.

Eu quero terminar dizendo ao Sérgio Cabral: faltam dois meses e meio... meia dúzia de dias para eu deixar a Presidência da República. Você... eu queria, inclusive, agradecer ao povo de Manguinhos pelo fato de ter te reeleito no primeiro turno das eleições, agora. Você, companheiro Sérgio, fez por merecer o voto deste povo, pelo carinho com que você trata este povo do Rio de Janeiro, pelo desprendimento que você tem para fazer as coisas para este povo. Eu não sei quantos governadores no Rio de Janeiro tiveram a coragem de vir às favelas, como você vem. Vir às favelas para conversar com as



peças de bem, e, ao mesmo tempo, colocar um esquema de segurança para que quem estiver na bandidagem tem que deixar quem trabalha em paz. Quem quer viver em paz, viva em paz; e quem não quiser, que saia. Por isso, eu quero que você saiba da minha solidariedade. Eu tenho certeza de que você continuará recebendo apoio e solidariedade do povo do Rio de Janeiro quando você estiver colocando as UPPs para funcionar, porque você disse: “99 [%] é de paz”. Não. Noventa e nove vírgula noventa e nove vírgula noventa e nove [%]. Ou seja, quem vive do crime é uma minoria insignificante, que a gente não pode dar trégua para não atrapalhar a maioria, que se levanta de manhã, trabalha e leva comida para casa às custas do suor e do sangue do pai ou da mãe. Estes, nós temos que proteger.

Por isso, meus companheiros e companheiras, é com muita alegria que a gente entrega mais um conjunto de apartamentos. Este ano, se Deus quiser, a gente vai contratar um milhão de casas do programa Minha Casa, Minha Vida, e a grande maioria delas para ajudar as pessoas que ganham de zero a três salários-mínimos, que são as pessoas mais pobres.

A partir do ano que vem, nós já temos 2 milhões de casas para construir no Minha Casa, Minha Vida. Eu acho que daqui para frente, Eduardo Paes, você, que está no seu segundo ano de mandato, o Sérgio que foi reeleito agora, eu penso que vocês vão ter muito mais trabalho. Eu tenho a certeza de que você vai trabalhar, nesses próximos dois anos, mais do que o prefeito que você substituiu trabalhou em oito ou dez [anos] em que ele ficou no governo, porque o que ele gostava mesmo era de fazer como o pavão, o que ele gostava era de aparecer, o que ele gostava era de falar mal do Sérgio, o que ele gostava era de falar mal de mim. Ou seja, trabalhar, que é bom, nada!

Então, você não tem tempo para falar mal de ninguém. Quem quer governar não tem que se preocupar em falar mal de ninguém. Nós temos que trabalhar para ver a alegria e o sorriso estampado na cara do povo, como a gente está vendo aqui.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Parabéns, Sérgio. Parabéns, Eduardo Paes. Parabéns, Caixa Econômica Federal. Parabéns, Pezão. E parabéns Comunidade de Manguinhos, pelas casas que vocês estão recebendo.

Um abraço, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com representações estaduais e dirigentes nacionais do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)**

**Palácio do Planalto, 26 de outubro de 2010**

Eu acredito, companheiros, que nós estamos hoje cumprindo mais uma parte do nosso ritual de restabelecer os direitos dos setores organizados da sociedade brasileira.

Eu quero começar dando os parabéns ao companheiro Dulci que, nesses oito anos de mandato, ele tem sido o interlocutor, que recebe as reivindicações dos Sem-Terra, que recebe as reivindicações da Contag, que recebe as reivindicações da Fetraf, que recebe as reivindicações da CUT, da Força Sindical, dos aposentados, e, com um pacote de reivindicações, ele organiza e distribui, entre os ministros, e a gente vai, então, estabelecendo as conversações, até que a gente encontra uma resposta como essa, que ele entregou para vocês. Isso tem sido uma prática feita durante oito anos, e eu acho que o resultado pode ainda não ser o perfeito, mas é o melhor resultado que nós alcançamos até agora, com todos os segmentos da sociedade.

E, quando eu fiz a reunião com vocês, em janeiro ou fevereiro, eu disse que faltava o pagamento de uma dívida com o MAB, que era restabelecer as condições para que os companheiros tivessem ressarcidos prejuízos do passado de que, em muitos lugares, o governo, na época, não atendia e, muito menos, as empresas privadas atenderam, não tinha regras bastante definidas e que era preciso definir as regras, até porque o nosso setor elétrico tinha sido desmontado também. Nós estamos, nesse momento, fazendo com que as empresas públicas brasileiras possam participar de licitações, coisa que a gente não podia nem participar de licitação, ou seja, você fazia licitação apenas para as empresas privadas, a Eletrobrás não poderia entrar.



Nós tomamos a decisão de transformar a Eletrobrás em uma empresa importante, que até um dia disse que gostaria que ela se transformasse na Petrobras do setor energético, para que a gente pudesse ter alguém no Brasil com quem a gente conversar, na discussão do setor elétrico. Isso, aos poucos, está sendo feito. Foi graças a isso que a gente pôde estabelecer uma boa negociação com o governo do Paraguai, para reparar algumas coisas que, na nossa opinião, estavam equivocadas. E nós tomamos a iniciativa de tentar fazer esse processo de reparação e discutir, de forma mais adequada, a questão das novas hidrelétricas que vão ser construídas no Brasil. Se nós tivermos o cuidado de não permitirmos as hidrelétricas começarem e terminarem, para a gente discutir aquilo que é o direito das pessoas que tinham uma área, e a gente começar a discutir ainda antes do processo de licitação as condições, ou seja, quando o processo estiver licitado, as regras já estarão definidas, cada um saberá o que é seu, o pescador saberá o que vai acontecer com ele, o índio vai saber o que vai acontecer com ele, o quilombola vai querer saber, o pequeno produtor vai saber, o pequeno empresário, o médio empresário, ou seja, quem estiver envolvido na área, com antecedência, vai ter as condições de saber qual é a situação que vai ficar plenamente acordada com o comitê interministerial, dos quais participam segmentos da sociedade organizada.

Bom, isso é tudo? Possivelmente a gente, no processo de organização, a gente ainda descubra que tenha mais coisas para fazer e que outras demandas vão se apresentar. Eu não acredito que haja hipótese - qualquer que seja o segmento social - que um dia não exista mais o que reivindicar. Eu não acredito porque é da natureza humana, cada vez que a gente conquista uma coisa, a gente aprende que era possível conquistar outra, e cada vez que a gente vai conquistando, a gente vai alargando o espaço de conquistas da gente. E essas lutas terminam sendo praticamente infinitas, elas não terminam nunca, e é bom que não terminem nunca, porque assim você vai consolidando



o processo democrático do país.

Então eu queria, primeiro, dar os parabéns ao Dulci, pelo trabalho realizado. Segundo, dar parabéns a vocês pela dedicação, pela compreensão e pelo esforço de trabalharem na produção desse decreto que pode agora ter um novo balizamento, para evitar os conflitos, não porque seja importante evitar os conflitos por evitar os conflitos, mas evitar os conflitos encontrando a solução com antecedência para as pessoas.

Também ao Ministro de Minas e Energia, ou seja, aqui eu estou vendo o companheiro da Eletrosul, estou vendo companheiros que, há pouco tempo, eram companheiros que estavam lutando para que as coisas acontecessem e, de repente, viraram diretores das empresas, viraram ministros, viraram diretor do Inbra, e assim a gente vai conseguindo os avanços.

Eu, quando terminar o meu mandato agora, no dia 31 de dezembro, certamente quando parar para fazer um balanço, nós vamos perceber a quantidade de coisas que foram feitas e vamos perceber também a quantidade de coisas que falta fazer no Brasil.

Nós temos consciência dos avanços que nós conquistamos, mas nós temos consciência também do quanto nós ainda temos para trabalhar, até porque não é possível você recuperar, em oito anos ou em dez anos, aquilo que são desmazelos e desmandos de dezenas e dezenas... e de séculos. Entretanto, os avanços no movimento social organizado foram extraordinários, e eu queria dizer para vocês que um deles que, muitas vezes, nós não levamos em conta, nós mesmos, do governo, eu queria dar um dado para vocês: quando nós começamos... porque a hidrelétrica também não é apenas para fornecer energia para empresário, ou seja, ela também fornece energia para pessoas que antes não tinham energia.

Quando nós chegamos aqui, ao governo, nós tínhamos, aproximadamente, 13 milhões de brasileiros, alguns inclusive morando perto de barragens, que não tinham energia. O fio passava por cima da casa dele, para



levar energia a quilômetros de distância, e ele ficava ali. Ou seja, nós tomamos uma decisão, que é uma decisão extremamente importante, que é uma decisão que envolve uma bagatela de R\$ 18 bilhões e 700 milhões, dos quais R\$ 9 bilhões e 200 milhões já foram contratados, dos quais 6 bilhões e 800 são a fundo perdido, e o governo federal tem responsabilidade com 80% de todos esses investimentos para levar o programa Luz para Todos à casa das pessoas.

O que é importante é que, cada vez que a gente entra no meio do mato e vai colocar energia na casa de uma pessoa, a gente descobre que os dados do IBGE são menores do que, na verdade, a quantidade de pessoas que precisam de energia elétrica. Nós tínhamos os dados do IBGE aqui, que afirmavam que no Brasil nós tínhamos que cuidar de aproximadamente 2 bilhões de casas... Dois milhões de residências sem energia elétrica, quando nós entramos para colocar a energia elétrica, descobrimos mais 1 milhão. Ou seja, então os 2 milhões passaram a ser 3 milhões de casas.

Para vocês terem ideia do que aconteceu, nós já levamos energia elétrica à casa de 2 milhões, 526 condomínios e casas, atendendo 12 milhões de pessoas. Isso significa 1 milhão e 200 quilômetros de fio, isso significa 6 milhões de postes, significa 930 mil transformadores e significa, meu caro Zimmermann, que esses fios dariam para enrolar a terra durante... 30 vezes. Ou seja, a quantidade de fios que nós colocamos, totalmente gratuito, totalmente gratuito, e nós sabemos que para fazer um programa desses é preciso muita briga com o Tesouro, é preciso muita briga com a Fazenda, porque colocar energia elétrica na casa das pessoas mais pobres era tido, antigamente, como não rentável. Mas as pessoas se esquecem que quando chega energia na casa de um companheiro, logo em seguida vem uma geladeirinha, logo em seguida vem uma televisãozinha, logo em seguida vem uma casa de farinha, logo em seguida vem um negócio para fazer suco. Ou seja, o dado concreto é que as pessoas terminam tendo acesso a um



progresso. Setenta e nove por cento das pessoas que recebem energia em casa compram televisão, quase 70% compram geladeira, e mais de 50% compram um aparelhinho de som, porque também ninguém é de ferro e gosta de ouvir uma musiquinha, ou seja, e também porque as pessoas gostam de uma cervejinha gelada e ninguém está a fim de ficar enterrando cerveja na terra, para ela ficar quente.

Eu acho, companheiros do MAB, acho que este dia de hoje é um dia acho que muito significativo. Não porque os problemas todos estão resolvidos, mas porque nós colocamos um paradigma. Ou seja, agora tem regras que todo mundo, desde o mais humilde trabalhador ao mais pomposo empresário que queira investir em energia elétrica, ao dono... ao Diretor da Eletrobras, ao presidente das empresas de energia elétrica, ao Ministro de Minas e Energia, todos nós, agora, estaremos enquadrados em regras que vão balizar as discussões nas quais a gente pode decidir fazer uma hidrelétrica, mas também a gente pode decidir como é que as pessoas vão viver com essa hidrelétrica.

Parabéns, companheiro Dulci. Parabéns, companheiros do MAB. E parabéns todos vocês, que um dia lutaram para que nós pudéssemos chegar ao dia de hoje. Um abraço.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião  
do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas**

**Palácio do Planalto, 26 de outubro de 2010**

Bem, primeiro, cumprimentar o meu querido companheiro Pinguelli, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas,

Cumprimentar os companheiros ministros aqui presentes, o Carlos Eduardo Esteves, ministro-chefe interino da Casa Civil; o Celso Amorim, das Relações Exteriores; o Wagner Rossi, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; o Marcio Zimmermann, de Minas e Energia; o José Machado, que acaba de falar com vocês; o Sergio Rezende, de Ciência e Tecnologia; o Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos; o companheiro Guilherme Cassel, que foi embora antes de me ouvir, por isso vai sofrer uma penalidade,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que participam do Fórum,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que diferentemente de todo mundo, que foi muito rápido, eu... meu discurso aqui está um pouco grande. Mas antes de falar o que está escrito aqui, eu queria dizer para vocês que o Brasil viveu um momento extraordinário quando nós fomos a Copenhague no ano passado. Todo mundo sabe que foi uma decisão extremamente importante a decisão do Brasil de criar uma meta para que nós mesmos cumpríssemos. Essas metas já foram aprovadas pelo Congresso Nacional. E quando nós chegamos a Copenhague nós tivemos uma surpresa, porque todos os países ricos queriam uma audiência com o Brasil e, no fundo, no fundo, todos eles estavam sabendo que o Brasil era o único país que tinha evoluído, que tinha feito uma proposta e



que estava disposto a cumprir as suas metas. O restante, era cada um tentando desfazer os compromissos que eles tinham assumido um tempo atrás. Tinha pessoas que queriam desfazer o Protocolo de Quioto, tinha os americanos que não queriam fazer absolutamente nada e, para não fazer nada, queriam jogar os chineses como se fossem o bode expiatório da emissão dos gases de efeito estufa. Nós não aceitamos que os chineses pagassem o pato, porque embora os chineses sejam os maiores... um dos grandes países poluidores, hoje, a industrialização deles começou agora há pouco. Nós queríamos que os outros pagassem pelo tempo que já emitiram os gases de efeito estufa.

O dado concreto é que foi um momento de ouro para o Brasil, porque mostrou que o Brasil estava preparado, mostrou que o Brasil estava apto a fazer a discussão. E a verdade é que foi o Brasil, no final, que junto com a Índia, junto com a China e junto com a África do Sul, tentou fazer um ponto de equilíbrio para que nós não saíssemos de lá totalmente derrotados e frustrados a [perante a] sociedade, eu diria, do mundo inteiro.

Então, esse foi um momento de ouro para o Brasil, em Copenhague, e foi um momento também que nos colocou na vanguarda do debate ambiental. Sempre apareciam os alemães, sempre apareciam os noruegueses, sempre apareciam os franceses, sempre aparecia um país nórdico, um país europeu dizendo o que a gente tinha que fazer. Quando nós fizemos a nossa proposta, nós descobrimos que eles não tinham o que fazer e estavam longe de cumprir aquilo que a gente estava... que estávamos nos propondo cumprir.

Eu lembro que numa discussão os europeus falavam: “Não, porque nós estamos propondo 20[%], mas nós poderemos chegar a até 30[%]”. Isso em reuniões que eu não fazia nem no tempo de sindicalista, aquelas que começam à meia-noite e vão até as 4h da manhã, presidente da República escrevendo artigo, mudando vírgula. Quando eu disse: olha, não é possível que vocês queiram barganhar às 3h da manhã. Ou é 20[%] ou é 30[%]. Digam o que



vocês querem, porque não dá para a gente ficar à mesa discutindo mais isso. E foi graças ao nosso comportamento e ao comportamento do G-77, sobretudo liderado pela maioria dos países africanos, que a gente conseguiu um ponto de equilíbrio e fazer com que os grandes não fossem tão grandes, não fossem tão arrogantes, fossem mais humildes e se sentassem à mesa para conversar conosco e tentar construir uma saída para aquele encontro.

Eu acho que agora nós temos uma outra tarefa, que é a COP-16, em Cancún. Eu não espero que os grandes líderes do mundo compareçam, porque eu acho que como não tem acordo, possivelmente ninguém queira se expor. Certamente, aqueles que não são tão importantes, como o Brasil, nós estaremos lá com as nossas propostas, porque embora a gente possa não conquistar em Cancún, vai ficando para a história a construção da política climática que o Brasil está desafiando o mundo a fazer.

Bem, eu disse tudo isso para dizer para vocês que esta reunião mostra que o Brasil pode se orgulhar, e muito, das políticas ambientais que vem adotando nos últimos anos. A agenda exposta e debatida aqui, voltada para as mudanças climáticas, sintetiza os esforços e os resultados de uma série de ações que vêm sendo conduzidas com sucesso pelo nosso governo, em parceria com amplos setores da sociedade brasileira. Estou falando de ações que vão desde a redução do desmatamento, até a opção por uma agricultura de baixo carbono, e que passam pelo fortalecimento de uma matriz energética reconhecidamente limpa e renovável.

Essas políticas, definidas a partir de uma inserção soberana no cenário internacional, possibilitaram ao Brasil ocupar um papel de vanguarda no conjunto das nações que procuram, verdadeiramente, combater as mudanças climáticas.

Somos hoje um dos países que mais têm resultados concretos para mostrar, nesse sentido. Ainda em 2009 fomos os primeiros a assumir compromissos voluntários para a redução dos gases de efeito estufa. Esse



pioneirismo ajudou a criar um importante movimento que contou com a participação de muitas outras nações parceiras que assumiram compromissos semelhantes. Sabemos que a Conferência de Copenhague, a COP-15, não resultou, infelizmente, em um acordo vinculante, com adesão de todos os países. Tenho a convicção, contudo, de que ela demonstrou ser possível estabelecer um conjunto de compromissos e uma agenda global de transformação.

Naquela ocasião, o Brasil apresentou uma resposta ousada e concreta e assumiu sua responsabilidade frente às emissões de gases de efeito estufa. E fizemos isso sem abdicar do nosso direito de crescer economicamente e promover a inclusão social da grande maioria do nosso povo. O combate ao aquecimento global é, sim, compatível com o crescimento econômico sustentável e com o combate à pobreza e à desigualdade.

Os países todos têm responsabilidades comuns no que se refere às mudanças do clima. Mas essas responsabilidades devem ser assumidas de modo a refletir o nível de desenvolvimento industrial e o acúmulo de riquezas de cada um deles.

Meus companheiros e companheiras,

Quando estivemos em Copenhague, vinculamos mais de 80% de nossos compromissos de redução da emissão de gases de efeito estufa a duas agendas: à agricultura e ao desmatamento, atividades que são responsáveis pela grande maioria das emissões em nosso país. Podemos afirmar que esses compromissos estão sendo cumpridos e as metas amplamente superadas. O Brasil, mesmo vivendo um momento de grande crescimento econômico, tem o menor índice de desmatamento dos últimos 21 anos. Desde que o programa de prevenção e controle ao desmatamento da Amazônia [Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal] foi instituído, em 2003, evitamos a emissão de 2,9 bilhões de toneladas de dióxido de carbono. Se mantivermos esse ritmo – e tenho certeza de que isso acontecerá – a meta



anunciada na COP-15 será antecipada em quatro anos, ou seja, teremos reduzido em 80% o desmatamento ainda em 2016 e não em 2020, como nós estávamos prevendo.

Nenhum país reduziu tão rapidamente suas emissões de gases de efeito estufa como o Brasil e nenhum país vai dar tamanha contribuição ao Planeta como o Brasil. Essa expressiva queda no desmatamento e, por consequência, das emissões só está sendo possível porque investimos em métodos avançados de monitoramento, fortalecemos e moralizamos os órgãos de controle ambiental, e fomos duros contra a corrupção e contra aqueles que eram coniventes com o desmatamento ilegal.

Já prendemos mais de 600 pessoas envolvidas com atividades ilícitas em nossas florestas e realizamos 649 operações de fiscalização. Aplicamos R\$ 7,7 bilhões de multa, restringimos a atividade econômica com um alto impacto, cortando o crédito rural para propriedades sem regularidade ambiental.

Além disso, o meio rural brasileiro está em pleno processo de transformação para se tornar palco de uma agricultura de baixo carbono. Com isso, nossa produção irá responder aos três grandes desafios neste século: mudança de clima, segurança alimentar e segurança energética.

Aqui eu queria dizer uma coisa importante para vocês, que foi o comportamento do Ministério do Meio Ambiente e de outros Ministérios do governo no trato dessa questão da agricultura. Nós tínhamos um problema sério quando nós criamos o Arcoverde... o Arco de Fogo. Nós tínhamos um problema sério, que era aquela ideia de apenas utilizar as palavras “proibir, prender, multar”, sem que a gente estabelecesse uma política de conversação para envolvimento dos governos estaduais e dos prefeitos das cidades e dos estados que mais desmatavam. O resultado disso é extraordinário, porque é muito bonito a gente ver na televisão, quando se paga aos pequenos produtores de Nova Iorque para que eles não matem as suas nascentes, para que a água chegue límpida e gostosa para os nova-iorquinos beberem. E aqui



no Brasil, em vez de a gente estabelecer, enquanto governo federal, uma política – junto com o governo do estado e junto com o município – de provar ao município que é vantajoso financeiramente ele cuidar de preservar, ele não permitir que derrubem, ele tentar evitar que acabem com as nascentes... nós temos que dar a contrapartida, a sociedade precisa contribuir com isso. E quando nós começamos a chamar os prefeitos aqui para conversar com eles, nós aprendemos que o sucesso da nossa operação foi muito mais exitoso, porque eles estavam vendo em nós, do governo federal, no Ministério do Meio Ambiente, um parceiro tentando construir uma coisa a mais, e não um inimigo tentando achar um crime cometido por ele, para que a gente pudesse puni-lo. Eu acho que, portanto, nós aprendemos uma lição. O empresário agrícola brasileiro também aprendeu uma lição enorme: à medida que o Brasil vira um país importante na exportação de produtos agrícolas, as pessoas percebem que cuidar do clima passa a ser uma vantagem comparativa para os produtos brasileiros, em disputa com outros países que não cuidavam corretamente do clima.

Então, as pessoas estão percebendo que não é apenas a ideia do governo proibir, do governo não deixar, do governo ser de esquerda ou de direita. Acontece que o Planeta está exigindo que a gente tenha os cuidados necessários, e todo mundo está percebendo que pode dar uma contribuição extraordinária. Eu acho que essa é uma coisa que nós estamos conquistando rapidamente, daí porque o meu otimismo que, nos próximos anos, a gente tenha mais unidade para enfrentar essa guerra. Uma guerra contra o Brasil, que é uma guerra comercial, uma guerra comercial. Quando o Brasil era um país vendedor de carne e era insignificante, ninguém falava mal da carne brasileira. Mas na hora em que o Brasil começa a competir e começa a derrubar países importantes, exportadores de carne, eles começam a dizer que é a carne brasileira que está desmatando a Amazônia, que é a carne brasileira que está responsável por isso ou por aquilo, que é um a competição comercial.



Poucos deles têm o zoneamento agroecológico que nós fizemos, sobre a cana-de-açúcar, no Brasil inteiro, evitando que chegue perto do Pantanal, que chegue à Amazônia. Todos nós sabemos que foi importante a gente produzir o Zoneamento Agroecológico da Palma, que a gente vai utilizar aí todos os milhões de hectares de terras degradadas que tiver no Norte do país para recuperar com palma africana, que é uma coisa extremamente importante para comida, para cosmético, e, sobretudo para combustível limpo. Em vez de você correr do mau cheiro de um carro a diesel, você vai ver uma coisinha frita, gostosa, que você quer comer ali, de dendê. Vai pensar que é até uma moqueca baiana, quando ligar o motor do carro.

Pois bem, então eu acho que todo mundo está avançando. O ministro da Agricultura está aqui, o Wagner Rossi sabe que quando nós começamos a introduzir a questão da cana-de-açúcar e o etanol como combustível de verdade e a criar o *flex-fuel*, nós chamamos os empresários para que a gente transformasse a atividade agrícola da cana... que a gente humanizasse ela. E passamos a discutir – coordenada pelo ministro Luiz Dulci – uma mesa de negociação com os trabalhadores [empresários], para que a gente pudesse garantir que os trabalhadores da cana-de-açúcar não fossem vendidos para o exterior como se fossem escravos, ou seja, que se criassem condições. E isso está tendo um avanço extraordinário, sem precisar nenhuma briga, apenas uma boa conversa. A maioria dos empresários está aderindo, os sindicalistas estão aderindo, e nós estamos construindo, de forma voluntária, uma coisa que a gente não conseguiu construir em muitas décadas, em guerra, numa demonstração de que – imaginem, logo eu, falando isso! – um bom acordo vale mais do que uma briga, às vezes, insensata.

Se nós consagrarmos o acordo, eu acho, Wagner, que nós daremos um passo extraordinário para humanizar, definitivamente, o corte de cana, que vai terminar sendo extinto, porque eu sou defensor de que a máquina possa ocupar o corte de cana e aquele trabalhador ser profissionalizado para fazer



uma atividade menos penosa do que aquela que é o corte de cana.

Além disso, nós criamos o Pronaf Sustentável, as linhas de crédito que financiam florestas plantadas e o Programa da Palma Sustentável [Programa de Produção Sustentável de Palma de Óleo no Brasil]. O Plano Agrícola e Pecuário prevê, já para a safra 2010/2011, linhas de crédito de R\$ 2 bilhões exclusivamente para o Programa de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono, programa que já tem uma sigla – aqui vocês sabem que a gente primeiro cria a sigla, depois a gente cria o programa –, é o Programa ABC, ou seja, Agricultura de Baixa Emissão de Carbono. A burocracia, se não tiver uma sigla, não é burocracia, gente, tem que ter.

Ao mesmo tempo... quem vai fazer teste de concurso, para trabalhar no setor público, logo, logo vai ter uma prova que vai dizer aqui se ele sabe o que é ABC, e, se ele não souber, eu já estou sabendo.

Ao mesmo tempo, reunimos diversos ministérios, entidades da agricultura empresarial e da agricultura familiar e organizações não governamentais da área ambiental, com o objetivo de construir um plano setorial que aponta para essa nova agricultura brasileira.

Meus caros companheiros e companheiras: a partir da COP-15, montamos um forte aparato normativo que dá sustentação à nossa agenda. É o caso da lei que institui a Política Nacional sobre Mudanças do Clima e do decreto que acabei de assinar, regulamentando o Fundo de Mudanças Climáticas.

A Segunda Comunicação Nacional, apresentada hoje neste Fórum, oferece um quadro detalhado das emissões brasileiras e, certamente, nos ajudará a tornar o seu monitoramento ainda mais eficiente. Quando a gente quiser, agora, saber das informações das emissões de gases no Brasil, a gente não tem que procurar um “departamento de energia” dos Estados Unidos. A gente pega aqui, no nosso Pinguelli, no nosso Ministério de Minas e Energia, no Inpe, pega... sei lá aonde a gente pega, mas a gente pega em algum lugar,



aqui dentro! Estamos nacionalizando os nossos serviços de informação, em vez de ficar pedindo informações para os outros.

Também apresentamos aqui os sumários dos planos setoriais para concretizar os objetivos voluntários de mitigação estabelecidos em 2009. Todos esses passos são fundamentais para implantar uma nova estratégia nacional para o desenvolvimento brasileiro. Uma estratégia que preserve nossa biodiversidade, potencialize nossas vantagens naturais e crie condições para que a qualidade ambiental dos nossos produtos seja um diferencial cada vez maior, em termos de competitividade. Uma estratégia que também consolide nossa posição de liderança no domínio de tecnologias sustentáveis, a exemplo do que ocorre com os biocombustíveis, os *flex-fuel* e a geração de energia, o plástico verde, entre outras coisas.

Vocês estão lembrados que, no ano passado, eu andei o mundo com um carrinho, um carrinho de plástico, era o primeiro plástico verde feito do etanol, era um produto químico feito do etanol. E eu andava com aquilo porque era orgulho do povo brasileiro a gente estar fazendo um plástico químico... pegar um... fazer um plástico de um produto... que a gente fazia do petróleo. Eu falei: Bom, isso é importante. Só que eu estranhei, porque o cara falava “carro verde”, a história que iria ter o primeiro carro verde Brasil e Toyota... o Brasil... A empresa brasileira do plástico verde e uma empresa japonesa, acho que a Toyota, iriam fazer o primeiro carro verde do mundo. E eu passei a andar com o carro verde. Um dia, eu disse para o dono da empresa: Espera aí, mas não dá para pintar esse “desgraçadinho” aqui de verde, não? Porque eu estou falando de carro verde e o carro é branco! Está aqui, todo mundo está percebendo que é branco! Um especialista sabe, mas e o povão que está vendo eu falar de carro verde aqui? Eu parei de andar com o carro, mas esses dias nós fomos lá inaugurar a fábrica, e logo, logo, nós vamos ter o primeiro carro verde. Quando você entrar no carro, em vez de passar um pano, passa a língua, sente um pouquinho do cheiro do etanol e pode dirigir, com uma



plaquinha escrito: “Se beber, não dirija”.

Bem, nós temos todas as condições de consolidar nossa posição de vanguarda entre os países que trilham o caminho do desenvolvimento sustentável. Não preciso repetir aqui que nossa matriz energética é a mais limpa do mundo. E isso deixa os gringos com inveja da gente, porque a OCDE tem apenas 13% de toda a sua energia limpa, a nossa matriz total é de 47[%], a nossa matriz energética é de 85[%]. É isso, ô Zimmermann?

E eu nem contei para vocês que eu ia trazer aqui duas garrafinhas. Nós temos um problema com o combustível da Petrobras, que era muito poluente, é muito enxofre. A Petrobras, desde que eu assumi a Presidência, já investiu R\$ 23 bilhões, todas as suas refinarias foram readaptadas, e agora nós estamos produzindo óleo diesel de 50 ppm. Caímos de 1.500 para 50 ppm. Coisa chique, para vender para gringo que quiser, e podemos até baixar um pouco mais. Vamos fazer com a gasolina, vamos fazer com o nosso querosene. Agora, tudo isso é decisão política de investimento, porque se a gente ficar pensando apenas se a gente vai gastar ou não vai gastar, a gente não faria isso. E vamos fazer porque nós não queremos que a Petrobras seja exportadora de óleo cru, com o pré-sal. Nós queremos que ela exporte derivados de petróleo e, para isso, ele tem que ser padrão internacional, que gringo nenhum bote defeito, da melhor qualidade.

Nossa matriz energética... Eu já falei isso aqui também. Bem, nós já provamos, nós já provamos que somos capazes de conduzir políticas que reduzam, em larga escala e de forma rápida, as emissões de carbono e o desmatamento, e é preciso destacar que temos um compromisso vigoroso de reduzir em quase 40% as emissões, nos principais setores da economia.

Nós temos um problema, que na hora que a gente vai conseguindo controlar o desmatamento e a economia vai crescendo, nós vamos trocando a emissão pelo desmatamento, pela emissão industrial. E aí é preciso que a gente comece a fazer as coisas enquanto é tempo de fazer, para a gente



crescer junto, para a gente crescer industrialmente junto, a gente se desenvolver, mas para a gente poder também dar lição ao mundo de que nós sabemos fazer as coisas melhor do que eles fizeram.

Esse compromisso, como característica do nosso governo, nasceu do diálogo com amplos setores da sociedade, e conta com o suporte de estruturas estatais de planejamento e fiscalização cada vez mais sólidas e atuantes.

Meu caro companheiro Pinguelli,

Meus amigos e minhas amigas,

O conjunto de ações que anunciamos hoje possibilita ao Brasil chegar à Conferência de Cancún, em dezembro, com propostas concretas que poderão contribuir em muito para os esforços globais relativos à mudança do clima.

Assim como está determinado a agir, o Brasil também está decidido a cobrar a contribuição dos demais. Queremos resultados em Cancún e nos empenharemos para que a Conferência resulte num sólido compromisso entre nações.

Em Bali, há três anos, os governos do mundo assumiram o compromisso de realizar uma negociação ampla e relevante, que exige definir o segundo período de comprometimento do Protocolo de Quioto. Exige também gerar termos de comparação entre os compromissos de todos os países desenvolvidos e criar condições cooperativas para que os países em desenvolvimento possam maximizar suas ações, respeitando os princípios de responsabilidade comuns, porém diferenciadas.

A verdade é que estamos todos no mesmo barco, e apenas a solidariedade e a cooperação internacional nos permitirão vencer esses desafios. Cancún terá de ser... Cancún terá de ser uma etapa importante... A Tereza disse que Cancún vai ter uma exposição do Brasil estupenda, com muita coisa, é isso, Tereza? Quem não estava com vontade de ir, pode começar a ir a Cancun... se a Conferência não estiver muito boa, mas Cancún é sempre muito bom.



Bem, queridos companheiros e companheiras,

Eu queria terminar dizendo para vocês que nós vencemos uma etapa importante da discussão sobre a questão do clima, não só pela seriedade com que o Pinguelli dirigiu este Fórum, mas porque aos poucos nós vamos compreendendo que ninguém é melhor do que ninguém, que o governo não se tranca numa redoma de vidro, e acha que quem não concorda com o governo é contra o governo e que, portanto, o governo ia para reuniões como se fosse de forma preventiva, com aquele negócio que a polícia de choque usa para não tomar bordoadada, ou seja, para que não caísse um papelete na cabeça.

Então, eu acho que nós estamos em uma situação muito importante, que é a compreensão dos trabalhadores, a compreensão dos empresários, a compreensão do governo e a compreensão dos ambientalistas. As que nós estamos hoje compreendendo, que é a somatória da síntese de uma compreensão nossa sobre a questão do clima é que pode permitir que o Brasil consiga se transformar, definitivamente, em um país vanguarda na discussão da questão do clima. Nós perdemos o complexo de inferioridade, esse é um dado muito importante. Ninguém respeita quem não se respeita, e o Brasil se respeitando, o Brasil, vai muito longe. Se eles quiserem discutir água, nós discutimos; se eles quiserem discutir árvore, nós discutimos; se eles quiserem discutir qualquer bioma, nós discutimos; se eles quiserem discutir responsabilidade, nós discutimos.

Antigamente, antigamente, como é que funcionava? Muitos governantes convidavam companheiros do Brasil, ONGs - eu digo isso porque fui convidado muitas vezes - para falar mal do Brasil lá fora. Um tempo desse atrás, eu já era presidente da República, eu fui receber uma pessoa importante. Antes, ela tinha recebido lá quatro pessoas do Brasil, de segmentos diferentes, para falar do nosso governo.

Então, eu penso que nós não precisamos mais disso, companheiros. Nós temos maturidade, temos um acúmulo de experiências e mostramos



seriedade nessa questão do clima. Hoje, o Brasil tem mais a ensinar do que a aprender. Hoje o Brasil tem mais a exigir do que a conceder. E é com essa cabeça erguida, com muita vontade de fazer amigos, com muita vontade de construir um leque de forças em torno das melhores propostas, que a gente vai para Cancún. De cabeça erguida, orgulhosos de ser brasileiros, orgulhosos do sucesso que estamos encontrando na definição das nossas políticas, e orgulhosos de tudo que nós produzimos até agora.

E posso terminar dizendo para vocês: pode ter gente igual, mas mais orgulhosa do que nós, pelo que nós fizemos, eu duvido que neste momento tenha, no mundo, alguém que chegou próximo de nós nessa questão do clima. E, isso, nós devemos a vocês.

Muito obrigado.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega da última fase das obras de reconstrução do cais do Porto de Itajaí**

**Itajaí-SC, 27 de outubro de 2010**

Meus queridos companheiros e... *(o público canta parabéns para o Presidente, pelo seu aniversário)* Obrigado, obrigado. Eu queria, primeiro, agradecer o carinho de vocês, agradecer a presença de cada mulher, de cada homem de Itajaí e de Santa Catarina, agradecer ao ministro Pedro Brito, ao Paulo Sérgio, ao Paulo Bernardo e ao nosso companheiro ministro Gregolin.

Quero agradecer aqui a presença do companheiro José Fritsch, ex-ministro.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ideli Salvatti, senadora da República,

Os deputados federais Cláudio Vignatti, Décio Lima, João Matos e Nelson Goetten,

Quero cumprimentar o Bellini, o prefeito de Itajaí, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

Quero cumprimentar o companheiro Antônio Ayres, superintendente do Porto de Itajaí,

E quero cumprimentar o Charles Bastos, presidente do Sindicato dos Estivadores, por meio de quem eu quero cumprimentar os trabalhadores que construíram esta obra e os que trabalham no Porto,

Quero cumprimentar a deputada estadual Ana Paula,

Quero cumprimentar o companheiro Décio Góes... Já saiu daqui o Décio Góes? Ou tem dois Décio Góes aqui?



\_\_\_\_\_ : Décio Lima.

**Presidente:** Ah, Décio Lima, desculpe.

E cumprimentar o Jailson Lima,

E cumprimentar o nosso querido companheiro ex-prefeito, o deputado estadual eleito, o Volnei Morastoni,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa aqui presentes,

Quero cumprimentar os empresários que construíram esta obra e os empresários que trabalham aqui no Porto,

E dizer para vocês que eu queria começar pedindo um minuto de silêncio em homenagem à morte de um senador da República, o senador Romeu Tuma, que morreu ontem em São Paulo.

Muito obrigado, companheiros.

O senador Tuma, nos anos 80, teve um... eu fui preso em [19]80, por conta das greves dos metalúrgicos do ABC, o Tuma era delegado e ele me prendeu, e eu fiquei 31 dias preso... Mas, eu tenho recordação da minha prisão, mas eu tenho também a recordação de que a minha mãe estava com câncer e ela estava, praticamente, em uma fase terminal e algumas... alguns dias o Tuma me tirava à noite da cadeia para ir visitar a minha mãe, e também para ir ao enterro da minha mãe, coisa que não era comum naquele tempo permitirem.

Bem, tem gente incomodada porque eu estou de paletó. Deixa eu contar: este paletó é novo, eu ganhei de presente. Ele é tão novo que o bolso dele está costurado. Eu estava tentando colocar coisas no bolso e não conseguia e eu... é a primeira vez que eu tenho um paletó de veludo, eu não posso tirar ele aqui. Eu tenho que suar, mas eu tenho que ficar com o



paletozinho.

Olhe, eu queria, queria que vocês soubessem por que eu fiz questão de voltar a Itajaí, se há pouco mais de 30 dias eu estive aqui. É porque quando eu vim aqui, houve insinuações de que eu estava vindo inaugurar uma obra inacabada. E eu, então, disse naquele dia – o Elino estava presente – que eu voltaria aqui para inaugurar a obra completa. Porque administrar bens públicos é como tirar uma fotografia. Essa moça está aí com essa máquina mirando a minha cara, aqui. Na hora em que ela apertar aquele botão, vai sair exatamente o que a máquina conseguiu captar e produzir. Depois que ela apertar, ela não tem como inventar.

Nós, na administração pública, começamos uma obra, e essa obra, ela está pronta no tempo em que foi possível fazer a obra, porque construir uma obra leva mais tempo do que apenas o discurso fácil de alguns. Nós temos licitações, nós temos o Ministério Público, nós temos briga entre os empresários, nós temos o Tribunal de Contas, nós temos a questão ambiental, ou seja, não é fácil. Para nós seria cômodo fazer como sempre foi feito no Brasil, sabe? Jogar o lixo embaixo do tapete e fazer uma recuperação meia-boca, como já foi feito outras vezes aqui, não tirar a sujeira de baixo, jogar R\$ 300 milhões em cima da sujeira lá no fundo e depois, na outra chuva, iria cair outra vez para a gente consertar. Eu aprendi que pobreza não tem nada a ver com desleixo. Você pode entrar na casa de uma pessoa muito rica e a cozinha estar suja, e você pode entrar na casa de uma pessoa muito pobre e estar tudo limpinho, arejado, com cheiro de coisa bem tratada.

Nós, quando resolvemos recuperar este porto, a nossa palavra de ordem ao companheiro Brito era que nós não queríamos uma reparação meia-boca, daquelas que a gente vem, o povo está revoltado, você faz aí para “inglês ver”, coloca meia dúzia de concreto aí, vai embora, dá a primeira chuva, cai outra vez, e a gente fica aqui culpando Deus. Não. Esta obra, ela foi feita com estacas de 50 metros de profundidade, foram tirados praticamente toda a



sujeira e o entulho que tinha lá embaixo, para que a gente possa evitar que numa próxima chuva este porto venha a sofrer os mesmos danos que já sofreu em outras chuvas na região de Itajaí e em todo o estado de Santa Catarina.

Então, eu fiz questão de vir aqui hoje para inaugurar, definitivamente, a parte que cabia ao conserto, de reparação de danos causados pelas chuvas de 2008. Portanto, missão cumprida, o Porto está recuperado e nós esperamos que aqui cheguem muitos navios e saiam muitos produtos produzidos em Santa Catarina.

Mas, ao mesmo tempo, o Ministro já anunciou que ali na frente, onde está aquele navio, vai precisar fazer um novo berço, vai precisar recuperar e já está previsto no PAC 2. Portanto, eu espero que a gente possa, daqui a um ano, um ano e meio, dois anos, completar a totalidade do Porto de Itajaí e completar a totalidade dos portos brasileiros que nós estamos reparando.

Mas também tem uma coisa importante que me fez vir aqui. Eu acho que haverá um dia neste país que a gente vai poder fazer política com seriedade, que a gente vai poder fazer política sem mentir, que a gente vai poder fazer política olhando na cara de uma pessoa como se estivesse olhando na cara da mãe, na cara de um filho e dizer, pura e simplesmente, a verdade. É por isso que eu pedi para o Paulo Bernardo vir fazer este relatório aqui. Aliás, Paulo, eu vou dizer mais: você, enquanto ministro do Planejamento, tem a obrigação política de, no mês de novembro, antes de terminar o nosso mandato, chamar todos os prefeitos que tiveram a sua cidade atingida pelas chuvas e saber se o dinheiro chegou até eles ou se alguém ficou com o dinheiro no meio do caminho. Porque muitas vezes, muitas vezes, o dinheiro disponibilizado é utilizado para outras coisas e não é utilizado para a finalidade que a gente destinou o dinheiro. Quando a gente destina um dinheiro para enchente, a gente não fica dizendo “é dez para matar rato, é dez para matar barata, é dez...”. A gente disponibiliza uma quantidade de dinheiro, sempre achando que os projetos apresentados foram corretos e honestos.



Então, é importante, companheiro Paulo Bernardo, é importante... eu vi quando você estava fazendo o relatório aqui, as pessoas citando nome de pessoas que eu não vou repetir, citando nome de pessoas. Então, é importante você chamar cada prefeito... Aliás, eu acho que você deveria era convocar a bancada de deputados federais de Santa Catarina e os senadores para discutir com eles e com os prefeitos das cidades atingidas cada centavo que foi liberado para este estado, cada centavo, porque nós não podemos admitir que as pessoas aproveitem a desgraça dos outros para fazer política menor e depois ficarem jogando a culpa que “o dinheiro não veio do governo federal, o governo federal não liberou dinheiro”. Foi liberado cada centavo que foi pedido e foi liberado cada centavo das pessoas que apresentaram projeto. É importante lembrar que o dinheiro público não é meu, e, portanto, eu não posso ficar liberando dinheiro se as pessoas não apresentarem projetos que sejam entendidos como projetos factíveis e projetos importantes, porque senão ali vira a “casa de mãe Joana”, não vira um governo.

Então, Paulo, é importante, como ministro do Planejamento, que você pegue os companheiros deputados de Santa Catarina, de todos os partidos, de todos, pegue os prefeitos da região e faça uma plenária. Se quiser convoque o governador, se quiser convoque o ex-governador, convoque quem quiser, mas para discutir cada centavo. Porque daqui a dois meses eu estarei deixando a Presidência da República, e se tem uma coisa, Paulo, que eu aprendi com uma mulher analfabeta é a andar de cabeça erguida, porque é a única coisa que vale na vida da gente.

Então, eu, sinceramente, não gosto de fazer política de outro jeito. Então nós temos essa responsabilidade. Se a gente tiver culpa... quem tiver culpa no governo vai pagar, mas também quem tiver culpa por aqui, tem que ser publicado quem é que tem culpa. Não dá, não dá, não dá para a gente ficar brigando de esconde-esconde quando se trata de discutir o destino de pessoas que foram vitimadas por chuvas torrenciais que alagaram praticamente todo o



estado de Santa Catarina.

E isso, Paulo, vale para os outros estados também. Agora, mesmo, foi quase R\$ 1 bilhão para o estado de Pernambuco e para o estado de Alagoas, por causa de uma chuva que acabou com 21 cidades. É importante também que a gente reúna as pessoas para a gente saber o que está acontecendo. Muitas vezes, eu tenho medo, é que na hora da chuva todo mundo fala: “Vamos cuidar de tal cidade”. Aí, parou a chuva, parou. “Ah, o dinheiro vai para outra cidade” e não para aquela que foi vítima da enchente. Então é importante, Paulo, que a gente dê uma atenção especial a isso.

E a terceira coisa, companheiros e companheiras, que eu estou aqui é porque... certamente, eu não sei se eu vou vir a Palhoça, na BR-101. Eu não sei se a gente vai poder fazer uma visita. Certamente, eu vou a Osório, no Rio Grande do Sul, inaugurar um túnel, porque faz uns três anos que eu quero inaugurar esse túnel e a perereca não deixava. Agora a perereca foi embora e nós vamos poder inaugurar esse túnel. Mas, possivelmente, porque seja também o último discurso que eu faço como presidente da República aqui no estado de Santa Catarina. Eu não sei se a gente vai ter mais atividades.

Mas eu queria dizer para vocês, companheiros, que eu tenho consciência do que fiz, eu tenho consciência do que falta fazer e tenho consciência de que, por mais que a gente faça, sempre haverá um pouco a ser feito. Por uma razão simples: na hora que o povo vai conquistando as coisas, o povo vai gostando de conquistar e cada vez mais o povo vai querendo mais coisas. Não existe possibilidade de um povo se contentar com o que tem. Haverá sempre um espaço para que a gente queira um pouco mais.

Então, eu estou terminando o meu mandato da forma mais feliz possível. Eu não sei se já houve, na história do Brasil, um presidente que pudesse terminar o mandato do jeito que eu estou terminando o meu mandato. Não sei se já houve, mas, certamente, eu fico muito feliz quando a imprensa publica pesquisa. Eu nunca comentei pesquisa, mas faltando dois meses para terminar



oito anos de mandato, a pesquisa me dá 84% de bom e ótimo, e apenas 3% de ruim e péssimo. Esses 3% devem ser do comitê de alguém, não pode ser nas ruas.

Mas, de qualquer forma, nós terminamos o nosso governo com um momento excepcional. Nós estamos vivendo o menor índice de desemprego da história do Brasil. Enquanto os Estados Unidos têm 10% de desemprego, enquanto a Europa tem 10%, enquanto a Alemanha tem 20%... enquanto a Espanha tem 20%, o Brasil tem 6,2% e algumas cidades e algumas regiões metropolitanas têm 4%, em uma situação de quase pleno emprego que nós estamos vivendo no Brasil.

Eu termino o meu mandato com oito anos em que, praticamente, todos os acordos coletivos feitos pelo movimento sindical brasileiro conseguiram aumento real para os trabalhadores, coisa que eu não consegui quando eu fui dirigente sindical. Eu fiz as maiores greves deste país e voltava a trabalhar sem conseguir, Charles, a reposição da inflação, e eu tenho certeza de que todo ano você conseguiu, além da inflação, um pouco mais.

Eu lembro que quando eu tomei posse, as pessoas brigavam que o salário-mínimo deveria valer US\$ 100, hoje ele vale 300. Eu lembro que o salário-mínimo poderia comprar uma cesta básica; hoje ele pode comprar quase três cestas básicas. Eu lembro que muitas vezes o aposentado não recebia nem o equivalente à inflação; neste ano ele recebeu mais do que a inflação. Eu lembro que quando nós começamos o Bolsa Família, muita gente dizia que era esmola, e hoje o Bolsa Família é responsável por levar uma parte do alimento a 12 milhões de famílias neste país, a quase 44 mil pessoas. Eu lembro que quando nós começamos o programa Luz para Todos, as pessoas diziam que ele não ia acontecer; acabamos de concluir o relatório do mês de setembro, o Luz para Todos já levou energia a 2 milhões e 630 mil residências, atendendo a 12,6 milhões pessoas de graça. E quando chega a luz, chega a televisão, chega a geladeira, chega o liquidificador, chega o aparelho de som,



ou seja, significa que há uma melhoria substancial na vida das pessoas deste país.

Eu fico feliz porque, ao terminar o mandato, eu já sou o presidente da República que mais fez universidades e que mais fez escolas técnicas em toda a história do nosso país. São 14 universidades federais novas, 126 extensões universitárias e 214 escolas técnicas. São 704 mil alunos no ProUni, e nós conseguimos, em um ano e meio, dobrar, com o Reuni, o número de renovação de vagas na universidade federal. Historicamente, o Brasil renovava 113 mil vagas nas universidades federais. Neste ano, renovamos 259 mil, ou seja, uma vez e meia aquilo que a gente vinha renovando. Eu sei que ainda é pouco porque o Brasil passou séculos sem fazer investimentos na educação. Porque a elite brasileira, a elite brasileira que governou este país, como ela já tinha tido acesso à educação, ela achava que o povo não precisava, ela achava que o povo tinha que se contentar em ser pedreiro, em ser metalúrgico, em ser ajudante de pedreiro, quando, na verdade, todo mundo aqui quer ter um filho engenheiro, quer ter um filho médico, quer ter um filho dentista. Nós não queremos ser nivelados por baixo. Nós queremos ter a mesma oportunidade que qualquer segmento da sociedade tem. Nós não queremos ser tratados como se fôssemos cidadãos de segunda categoria. “Ah, eu sou trabalhador, o meu papel higiênico é de segunda classe, a minha comida é de segunda classe, a minha carne tem que ser carne de pescoço ou pé de frango”. Não! Nós queremos comer peito de frango também, nós queremos comer contrafilé, e não apenas acém. Ora, nós queremos ter acesso às coisas porque somos nós que produzimos a riqueza deste país.

Então, ao terminar o meu mandato, eu termino satisfeito com uma coisa simples: foi possível provar, neste país, que um de vocês pode ser presidente da República. Vocês não têm que ter mais o medo que tinham em 1989, quando vocês diziam: “Eu não vou votar no Lula porque ele é um trabalhador igual a mim, ele não tem diploma universitário, ele não sabe governar”. Eu



perdi em [19]89, perdi em [19]94, perdi em [19]98, por conta de um preconceito que nós tínhamos. Às vezes, até eu duvidava se eu tinha competência. Às vezes, eu ficava pensando: será que eu vou dar conta do recado? Será que eu... ali só teve doutor, ali só teve fazendeiro, só teve empresário, só teve advogado, nunca teve um peão.

Então, eu precisei chegar lá para provar que a inteligência não é medida pelo tempo de escolaridade. O tempo de escolaridade mostra conhecimento e aperfeiçoamento específico de uma matéria. A inteligência, você nasce com ela e você aperfeiçoa, até porque o dom da política a gente não aprende na escola. Se a gente aprendesse na escola a política, quem seria um bom presidente seria um cientista político e não um torneiro mecânico. Essa é a lógica!

Então, companheiros, eu deixo, ao terminar o meu mandato, a certeza de que o povo brasileiro deu um passo adiante, de que nós subimos um degrau a mais, de que a juventude tem mais esperança, de que as pessoas mais idosas estão convencidas de que o Brasil melhorou. E quem tiver dúvida, é só olhar... não precisa olhar muito longe. Olha o que era o Brasil em 2002, olha o que era a inflação, olha o que era o FMI, olha o que era a respeitabilidade deste país no exterior. Veja como é que os presidentes deste país eram tratados no exterior. Eram tratados como se fossem menores, como se fossem de segunda classe. As pessoas já andavam... Eu vivi esse tempo, eu vivi esse tempo! Tudo o que era americano era bom, tudo o que era europeu era bom, tudo o que era nosso não prestava! Sabe aquela mania de vira-lata? De que “eu não gosto de mim porque eu não tenho competência”? E o povo brasileiro foi induzido a pensar isso. Fotógrafos, os melhores são de lá; cineastas, os melhores são de lá. Só faltava dizer que jogador de bola e carnaval, os melhores eram de lá, só faltava dizer isso!

Hoje nós temos que levantar a cabeça, cada peão que está com o chapéu aqui na cabeça, cada peão que está com um negócio desses.



Imaginem, se o nosso adversário estivesse com um chapéu desses, não tinha batido o papel. É importante que daqui para frente, nas campanhas políticas, a gente utilize capacete. Eu não vou voltar mais a ser candidato, mas se um dia eu fosse candidato, eu ia usar capacete.

Então, companheiros, vejam... cada um de vocês, cada um de vocês tem que ter a certeza de que o Brasil mudou, e o Brasil mudou porque vocês começaram a mudar, porque vocês estão acreditando em outros valores. Porque quando vocês chegarem à casa de vocês, vocês estão levando o sustento da família de vocês às custas do suor e do sangue de vocês neste trabalho aqui. Vocês nunca mais ouviram falar em invasão de supermercado, vocês nunca mais ouviram falar nas frentes de trabalho que se criavam no Nordeste, Brito. A cada seca, era uma frente de trabalho de miseráveis tirando terra de um lado e colocando terra para o outro, que não valia nada. Acabou, acabou!

Então, companheiros, se vocês aprenderam a levantar a cabeça, eu vou dar um conselho: nunca mais abaixem a cabeça, nunca mais. Sejam humildes, não percam nunca a humildade de vocês, não percam nunca o companheirismo, mas não abaixem mais a cabeça, porque se abaixar a cabeça, eles voltam a colocar uma cangalha no nosso pescoço e a gente não levanta mais a cabeça. Nós conquistamos o direito de andar de cabeça erguida neste país, nós conquistamos o direito de sermos respeitados no mundo inteiro, nós conquistamos o direito de ser capa de todas as revistas internacionais, nós conquistamos o direito de ter melhor engenharia do que muitos outros países, nós conquistamos o direito de ter orgulho por nós mesmos, brasileiros, ou seja, é a nossa autoestima, é o nosso amor-próprio funcionando a todo vapor, e isso eu devo a vocês.

Um abraço, muito obrigado. E parabéns ao povo de Santa Catarina pelo carinho dedicado a mim nesses oito anos de governo.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após homenagem por ocasião de seu aniversário, em frente ao Palácio da Alvorada**

**Palácio da Alvorada, 27 de outubro de 2010**

...todos aqueles que governaram antes de nós e que, certamente, fica provado neste país que nós construímos um novo patamar, um novo paradigma para que o Brasil nunca mais volte a ser o que era. O Brasil não aceita mais o FMI dando ordens aqui no Brasil. Nós somos donos do nosso nariz. Nós não queremos, nunca mais, a gente ver o pobre sendo tratado como se fosse de segunda classe. Nós não queremos nunca mais ver as pessoas mais humildes não poderem entrar na universidade.

Nós queremos ter orgulho deste país. Este país que não deve nada a ninguém. Este país que é o país do carnaval, sim; este país que é o país do futebol, sim; mas este país é mais do que isso, este país é o país de mulheres e homens que têm dignidade, que trabalham e que têm autoestima e, sobretudo, pessoas que defendem a soberania deste país.

Eu quero agradecer, agradecer do fundo do coração a cada um de vocês pelo carinho, pelas críticas, pelos aplausos, pelo reconhecimento e, às vezes, até agradecer a vocês quando vocês foram duros comigo e disseram que eu não estava certo. O presidente da República, ele só pode governar bem o país se ele tiver a coragem de olhar no olho de cada homem e de cada mulher e ele aprender a perguntar em vez de responder, ele aprender a ouvir em vez de falar, ele aprender a dar em vez de receber. É essa a lição que eu levo da Presidência da República, é essa a lição que eu levo desses oito anos de mandato aqui.

Quero, eu e Marisa, agradecer a cada um de vocês. Estejam certos de uma coisa: eu deixo a Presidência, mas não deixo a disposição de brigar por



este país e de ajudar a construir este país. Eu tenho a convicção, eu tenho a convicção que eu continuarei...

Olhem, eu tenho a convicção, companheiros e companheiras, eu tenho a convicção de que, aconteça o que acontecer neste país, nós vamos continuar governando este país pela cabeça de vocês, nós vamos continuar falando pela boca de vocês, nós vamos continuar andando pela perna de vocês, nós vamos continuar brigando pela dignidade de vocês, e nós sabemos o que vai acontecer nos próximos dias. Este país nunca mais voltará a ser um país de segunda classe, nunca mais. Nunca mais haverá no mundo, nunca mais haverá no mundo alguém que ouse tratar um brasileiro ou uma brasileira como se nós fôssemos inferiores, como se nós fôssemos de segunda classe, como se nós fôssemos vira-latas. Nós somos cidadãos do mundo. Nós queremos dar respeito e queremos ser respeitados. E, se Deus quiser, este país vai continuar marchando rumo à conquista da sua soberania definitiva.

Um abraço e até o próximo aniversário, se Deus quiser.

(§211 A)



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após receber a notícia do falecimento do ex-presidente da Argentina, Néstor Kirchner**

**Itajaí-SC, 27 de outubro de 2010**

Não, não... é só... é só... porque nós recebemos uma notícia, agora, uma notícia triste, que o embaixador nosso da Argentina nos comunicou que acaba de falecer, de ataque cardíaco, o ex-presidente da Argentina, o Néstor Kirchner. Eu quero saber se é verdade porque esse negócio de anunciar morte que não aconteceu... Outro dia, eu estava em um comício, anunciaram quatro vezes a morte do [Romeu] Tuma e a gente ligando para saber, o Tuma estava vivo, demorou mais um mês. Mas, de qualquer forma, foi o nosso embaixador que ligou dizendo que ele, que ele morreu de infarto, não é?

Gente, olha, de coração, um abraço! Eu vou ter que ir porque agora eu tenho uma galega, lá em Brasília, que está nervosa, sabe? Então, ela quer comemorar o aniversário...

(\$211A)



**Declaração à imprensa concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após o velório do ex-presidente da Argentina, Néstor Kirchner**

**Buenos Aires-Argentina, 28 de outubro de 2010**

Foi com muita dor que eu recebi ontem a notícia da morte do companheiro Kirchner. O companheiro Kirchner, que eu tive o prazer de conhecer ainda quando não era candidato a presidente e apresentado, naquela época, pelo presidente Duhalde, e Duhalde me afirmava que Kirchner iria ser o próximo presidente da República da Argentina, quando outros candidatos estavam muito à frente de Kirchner nas *encuestas*.

Acho que a eleição do Kirchner permitiu que Argentina e Brasil conseguissem superar muitas das barreiras que criavam dificuldades nas relações entre Argentina e Brasil. O preconceito, às vezes, diplomático, o preconceito empresarial, a preocupação que existia na relação entre Argentina e Brasil deixou de existir na medida em que Brasil e Argentina, através do presidente Kirchner e através da minha Presidência, nós descobrimos que Brasil e Argentina não eram adversários, a não ser no futebol; que na economia e na política a gente se completava, e que Brasil e Argentina tinham um papel extraordinário na integração da América do Sul e da América Latina. E resolvemos fazer esse jogo e eu acho que foi um jogo vitorioso porque nós construímos a Unasul, porque nós construímos o Conselho de Defesa da Unasul, porque nós construímos o Conselho de Combate ao Narcotráfico, e porque a relação Brasil-Argentina é a melhor desde que existem Brasil e Argentina. Nós hoje temos pequenas divergências no futebol, mas na política, na economia e no desenvolvimento nós estamos juntos.

Eu dizia à companheira Cristina que um homem morre, mas as ideias permanecem, e eu acho que Kirchner foi uma figura que construiu ideias aqui



na Argentina, e o legado mais importante que o Kirchner conseguiu para os argentinos foi recuperar a autoestima do povo argentino, o orgulho do povo argentino, o emprego do povo argentino, coisas que estavam há duas décadas e meia praticamente perdidas. E eu acho que o Kirchner continua governando junto com a Cristina, junto com o povo argentino, e eu saio daqui triste porque o Kirchner se foi, mas saio daqui feliz porque senti, no povo argentino – cumprimentando a Cristina – muito orgulho, muita força e muito reconhecimento.

Eu tenho certeza de que Cristina vai superar essa dor, tenho certeza de que o povo argentino vai superar essa dor, mas tenho certeza também de que a Argentina continuará trilhando o caminho do desenvolvimento e o caminho de recuperação das políticas sociais porque o povo argentino perdeu muito durante muito tempo, e está ganhando agora.

Por isso, eu tinha que vir à Argentina, porque não é apenas a perda de um presidente da República. O Kirchner era, para mim, mais do que um presidente. Ele era um companheiro que, junto comigo, ajudou a construir a América do Sul e a América Latina que nós temos hoje.

Por isso, um forte abraço à imprensa argentina, e à imprensa brasileira que está aqui, com este ventinho frio, prestando a sua solidariedade. Um abraço.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita ao navio plataforma “FPSO Cidade de Angra dos Reis”, no Campo de Tupi, da Bacia de Santos**

**Bacia de Santos-RJ, 28 de outubro de 2010**

Olhe, primeiro, eu queria cumprimentar o Gabrielli e cumprimentar toda a diretoria da Petrobras, porque eu estou hoje mais convicto do que estava ontem de que a Petrobras passa a ser o grande símbolo de orgulho do povo brasileiro. Quando a gente quiser lembrar de uma coisa competente, uma coisa que dá certo, a gente tem que lembrar da Petrobras, porque a Petrobras, ela, com o seu corpo de funcionários, com os seus engenheiros com os seus geólogos, conseguiu se transformar, em pouco tempo... eu diria “em pouco tempo”, porque nós fomos fundados em 1953, a Petrobras foi criada, mas teve muitos sobressaltos de lá para cá, teve momentos em que queriam mudar o nome da Petrobras, houve momentos difíceis, mas a Petrobras conseguiu provar que ela está entre as mais importantes ou apenas enquanto valor de empresa, valor de mercado, mas o que é mais importante, o maior patrimônio da Petrobras não é o que ela vale hoje, é a qualidade de excelência dos trabalhadores da Petrobras. Eu acho que esse...

Eu vou contar um caso - aproveitando esse momento de ouro da Petrobras: eu lembro que, muitas vezes, a gente perde a noção de valor das coisas. Eu lembro que, um dia, um companheiro da Petrobras me procurou para dizer que ele tinha que deixar a Petrobras. Foi até uma coisa engraçada, porque o companheiro chorou na minha sala, mas ele dizia que ele tinha que sair, porque ele estava ganhando pouco na Petrobras e era a chance de ele melhorar a vida dele indo trabalhar em outro lugar. E esse companheiro... Naquele tempo, o salário da Petrobras, diretor de uma dessas empresas da Transpetro, da BR, era por volta de R\$ 26 mil por mês. Então, certamente



alguém que é contra empresa pública diria que “era um marajá”, que “ganhava R\$ 26 mil por mês”, que era “um salário exorbitante”. E esse companheiro me conta o seguinte: “Eu estou saindo da Petrobras e vou trabalhar em uma empresa... eu estou sendo contratado para ganhar R\$ 200 mil por mês” – ganhava 26 [mil] - “e a empresa vai me pagar dois anos adiantados do meu salário”. Eu fiquei pensando: é um absurdo quererem fazer a gente crer que um companheiro que é diretor de uma empresa importante como a Petrobras, naquele tempo, ganhando R\$ 26 mil, hoje deve ganhar um pouco mais, mas nada comparado a qualquer empresa multinacional e nada comparado a empresa privada nacional. Não façam greve, amanhã, dizendo que eu estou propondo a vocês pedirem aumento de salário. Mas é que, muitas vezes, para nos criticar, a gente acha que 26 mil, 30 mil, é muito, não medindo a competência da pessoa e quanto vale o passe dessa pessoa por qualquer empresa privada do país, ou por qualquer empresa multinacional.

Eu estou dizendo isso porque a Petrobras, ela é um motivo, um símbolo de orgulho. Se tem alguma coisa que é motivo de orgulho, de autoestima é a Petrobras e, muito mais, no momento em que a Petrobras encontra petróleo a 7 mil metros de profundidade, a 6 mil metros de profundidade e, quando mais, a Petrobras vai, hoje, começar a fazer retirada de petróleo definitiva, ou seja, nós agora vamos tirar 100 mil barris/dia. Ou seja, isso já é definitivo, depois de um ano e meio fazendo, tirando, 14 mil barris, não... é 14 mil barris/dia na fase experimental, agora, a gente entra na fase da produção comercial definitiva e a Petrobras ainda vai aprimorando a sua tecnologia, para que a gente aprenda a lidar com o pré-sal na sua totalidade e a gente não tenha nenhum risco na exploração do pré-sal.

Então, eu comecei falando do salário porque eu acho que a Petrobras... e quem tem a oportunidade que eu tive de visitar o Cenpes [Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello] com Vossa Excelência, há 15 dias atrás, e saber que é uma empresa brasileira, que



consegue construir o maior centro de pesquisa do hemisfério sul, que é uma empresa que tem, possivelmente, uma ou outra, que tem um centro de pesquisa da qualidade que tem a Petrobras. Eu disse para o Sergio Cabral: “Sergio, você, você é que tem que, orgulhosamente, viajar o mundo dizendo que é no Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro, que tem o maior centro de pesquisa do hemisfério sul”, feito pela Petrobras e, possivelmente, um dos centros mais sofisticados, na área de petróleo, que tem no mundo. E é feito pela Petrobras, com técnicos da Petrobras, com mais de 3 mil técnicos especialistas tentando, sabe, fazer com que a Petrobras seja cada vez maior, cada vez melhor, e cada vez mais qualificada.

Essa é a primeira coisa. Então, hoje, simboliza um pouco isso. Simboliza a autodeterminação, a soberania, a competência tecnológica da nossa querida Petrobras. Em segundo lugar, eu me sinto, Gabrielli, hoje, o ser humano mais feliz do planeta Terra. Eu duvido, que tenha um Presidente da República, hoje, no mundo, mais feliz do que eu. Porque a gente sabe que a descoberta do petróleo, ela é resultado do investimento em pesquisas, ela é resultado de investimentos em gente, em ser humano e, quando a gente colhe o resultado disso, a gente deve ficar muito feliz. Mas muito mais feliz, porque quando você e o Estrella, em 2006, foram à minha sala dizer que tinham descoberto o pré-sal, a gente não tinha noção de que tão rapidamente a gente a gente iria começar a fazer a exploração comercial do nosso petróleo do pré-sal. Porque, quando vocês me entregaram aquela planilha de estudos, esse negócio do gama, do beta, que vocês me entregaram, aquela fotografia do mundo do oceano, eu fui para casa pensando: como é que pode alguém imaginar que vai conseguir pegar uma coisa que está a sete mil metros de profundidade, que tem que furar dois quilômetros de sal, que tem que furar dois quilômetros de rocha, que tem que descer dois quilômetros de lâmina d’água? Esse cara é besta! Eu acho que esse Estrella e esse José Sergio Gabrielli estão delirando, estão surtando, eu pensei. Eu falei: surtaram, porque eu não imaginava que a



gente tivesse competência e, em apenas quatro anos, a gente está aqui - cadê o barril de petróleo? – mostrando o primeiro tonelzinho de petróleo da exploração em definitivo da nossa querida Petrobras e do nosso querido pré-sal.

Eu, José Sergio, queria fazer uma pergunta para o Estrella: Estrella, como é que pode a gente tirar um barril de petróleo daquela profundidade, fazer uma plataforma que custa mais de US\$ 1 bilhão, fazer um trabalho desgramado, fazer gasoduto, fazer oleoduto, “gasolinoduto”, fazer tudo... refinaria e, depois de tudo isso, a gente consegue vender o litro de gasolina mais barato do que uma garrafa d’água? É a Petrobras que está surtando de vender barato ou é quem vende a água que está surtando de vender caro? Estrella, eu, sinceramente, pela tua experiência como geólogo, pela tua experiência de ser o decano da direção da Petrobras, por ser uma figura muito respeitada... E tua mãe já fazia previsões muito boas sobre vocês, porque senão não te colocaria o nome de Estrella. Só uma mãe, que pensa de forma avançada, que pensa no futuro e que pensa grande era capaz de colocar o nome de um filho de Estrella; porque se fosse um pessimista colocaria “estrela cadente”. Então, me diga uma coisa, porque a água custa tão caro e a gasolina... mais caro do que a gasolina? Não é que ela é barata. É que o investimento para tirar a gasolina é muito grande e a água, ela está correndo ali na fonte. Por que?

**Guilherme Estrella:** O senhor quer que eu responda?

**Presidente:** Você que é geólogo... é.

**Guilherme Estrella:** Bom, Presidente, quer dizer... tanto o... tanto o petróleo como a água são bens é...



**Presidente:** Mas tem mais reservatório de água ou de petróleo no mundo?

**Guilherme Estrella:** De água.

**Presidente:** De água?

**Guilherme Estrella:** Com certeza.

**Presidente:** Portanto, deveria ser mais barato.

**Guilherme Estrella:** Deveria ser mais barato.

**Presidente:** Eu acho que está na fase da Petrobras entrar na era da água, aí. “Petroágua”. Isso era uma brincadeira, Estrella, é uma brincadeira.

Eu, sinceramente, eu quero voltar aqui o seguinte. Eu vou sair correndo, o companheiro Gabrielli vai falar com a imprensa. Eu ia para a Argentina, amanhã, para o velório do presidente Kirchner, mas como a presidenta Cristina tomou a decisão de levar o corpo, amanhã, às oito horas da manhã para, para a terra dele, Santa Cruz, e o corpo vai ser velado hoje apenas, até as dez horas da noite, eu que tinha que ir para Pernambuco, suspendi Pernambuco, vou amanhã para Pernambuco, e vou sair agora para Buenos Aires para ir ao velório do presidente Kirchner, um companheiro que eu tenho um profundo respeito e que conseguiu tirar a Argentina do buraco em que a Argentina se encontrava quando ele assumiu o governo.

Então, eu quero dizer para vocês, companheiros da imprensa, companheiros da direção da Petrobras, eu que não fui no dia primeiro de maio lá em Tupi porque estava com medo, o mar estava nervoso, estava ventando e eu estava com medo de andar 300 quilômetros mar adentro, de helicóptero, eu tomei coragem. Quando eu completei 65 anos de idade, eu falei: “Tudo o que



vier para mim, depois, é lucro!” Ou seja, chegar aos 65 [anos] e vou levar para casa como se fosse um troféu, um troféu, sabe, precioso, de um líquido que está escondidinho lá há 160 milhões de anos e que a Petrobras foi buscar.

Obrigado, Petrobras! Parabéns, Petrobras! E o que vocês conseguiram fazer, hoje, foi dizer ao mundo que o século XXI é o século do Brasil e que a gente não vai jogá-lo fora como jogamos o XX, como jogamos o XIX, nós não vamos jogar fora, nós vamos transformar o Brasil em uma grande potência mundial a partir do nosso querido pré-sal.

Um abraço, gente, parabéns e até outro dia!

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao navio plataforma “FPSO Cidade de Angra dos Reis” para início da produção de petróleo da camada pré-sal no Campo de Tupi, da Bacia de Santos**

**Bacia de Santos-RJ, 28 de outubro de 2010**

Eu, pelo contrário, pelo contrário, ô Estrella, eu fico muito feliz porque... eu já estava feliz porque a Petrobras aprendeu... todas as vezes que eu venho aqui na Petrobras, eles fazem uma luvinha para mim, aprenderam a cortar o dedinho. Antes o dedo ficava pendurado aqui e eu ficava mexendo nele. Então, teve alguém que, de forma muito gentil, resolveu cortar o dedinho da luva e costurar. Então, toda luva que eu tenho agora, tem o dedinho cortado.

Obviamente que eu fico muito feliz de ser lembrado e ter meu nome ligado a uma coisa que, para mim, é sagrada. Vocês sabem que eu vejo a Petrobras mais do que uma empresa. Vocês, não sei como é que vocês veem a Petrobras, mas eu acho que a Petrobras, ela é a afirmação de uma nação, ou seja, a Petrobras é a prova mais contundente de que o brasileiro é capaz, de que o brasileiro é inteligente, de que o brasileiro não é de segunda classe. Quando a gente quiser ter orgulho de alguma coisa deste país, que a gente tiver dúvida, a gente lembra da Petrobras. A gente lembra da Petrobras, a gente lembra dos seus engenheiros, dos seus funcionários, dos seus geólogos, ou seja, a gente lembra do pessoal que é a razão maior do orgulho. Mais do que o carnaval, mais do que o futebol, a Petrobras é a certeza e a convicção de que este país será uma grande nação. Não tem como este país não ser... Um país que tem engenheiros, geólogos, geógrafos, pesquisadores de todas as... de todos os níveis, capazes de fazer uma empresa desta magnitude, capazes de ir lá no fundo e encontrar os meus nove dedos, aí, significa que nós podemos muito mais.



O Brasil... eu digo sempre que o Brasil jogou fora o século XX. Não é que jogou fora, nós não soubemos aproveitar corretamente o século XX, ou seja, as oportunidades apareciam, a gente jogava fora, muitas vezes por descrença, muitas vezes por descrença, por complexo de inferioridade, afinal de contas, nós somos uma nação colonizada e sempre que uma nação é colonizada, ela demora mais para ter autoestima, ela demora mais para acreditar em si própria.

E eu acho que nós... o século XXI será inexorável. Eu dizia na ONU uma vez que o século XIX foi dos europeus, o século XX foi dos Estados Unidos e, no final, uma parte para a China, e o século XXI é inexorável: é o século do Brasil e é o século da América Latina, podem ficar certos. Então, eu sou agradecido porque eu acho que a Petrobras, ela será sempre uma espécie de guia do crescimento do Brasil, ou seja, se a Petrobras não estiver bem, o Brasil não estará tão bem. Mas se a Petrobras estiver bem, eu acho que o Brasil estará sempre muito bem.

Portanto, meus agradecimentos, isto aqui será guardado com um orgulho imenso, saber que alguém jogou minha mãozinha de nove dedos 118 milhões de anos atrás, e eu sou... eu fico feliz pela lembrança. Pelo contrário, em vez de ficar magoado, eu fiquei muito feliz de vocês terem lembrado desses nove dedos aqui, que ajudaram a construir um pouco a história que estamos vivendo agora.

Então, parabéns à Petrobras. Eu fiz questão... põe naquele... eu fiz questão de vir aqui hoje... eu sei que ontem foi meu aniversário, e eu... para mim era uma questão de oportunidade de vir aqui. Eu acho que essa descoberta do pré-sal tem uma coisa tão importante para o Brasil, é uma oportunidade tão extraordinária, que eu não queria terminar o meu mandato sem... eu não vim aqui por medo, a primeira vez. É bom lembrar, porque muitas vezes... Não, muitas vezes se coloca a ideia de que o Presidente tem que ser corajoso. Eu, na verdade, saber que pegar um helicóptero, andar 300



quilômetros mar adentro, não é... minha coragem não chega a ser que nem a de vocês.

Mas eu, agora, resolvi vir. Tentei vir no marinho... no navio, no porta-aviões, mas também ele está consertando já há muito tempo, não deu para vir. A ideia era sair de lá à noite e vir comendo um churrasquinho, chegar aqui e parar aqui perto. Não deu. Eu falei: eu vou de helicóptero mesmo, vou de helicóptero. Ontem eu fiz aniversário, bebi menos do que devia porque eu precisava estar inteiro para fazer esta viagem aqui hoje, e eu jamais deixaria o meu mandato sem colocar os pés aqui em Tupi para ver esta coisa que eu acho que é a consagração dos nossos filhos, dos nossos netos, dos nossos bisnetos e do Brasil como um todo.

Parabéns à Petrobrás! Parabéns, Gabrielli! Parabéns ao nosso querido companheiro Estrella, porque a gente fala de geólogo, geólogo, mas a gente lembra... eu não esqueço nunca da cara do Estrella no dia em que ele entrou na minha sala para mostrar a descoberta do pré-sal. Eu não esqueço nunca, ele e o Gabrielli, o orgulho com que ele falava, mostrando cada coisa para mim, cada cor, o que significava ali, e a gente não tinha nem certeza se a gente ia ser tão rápido, se ia acontecer tão rápido o que está acontecendo hoje.

Então, parabéns, Gabrielli, parabéns aos diretores da Petrobras, parabéns aos funcionários da Petrobras, e eu acho que hoje o Brasil inteiro está de parabéns porque é o começo de uma nova era no nosso país.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---